Ypiranga
M
98113
6e

EXPLORAÇÃO

DOS

RIOS URUBÚ E JATAPÚ

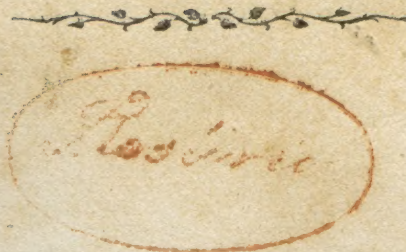
RELATORIO

APRESENTADO

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conselheiro
Dr. José Fernandes da Costa Pereira Ministro e Secretario de Estado
dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas

POR

João Barbosa Rodrigues
Em commissão pelo mesmo Ministerio.

943
AmM
910.98113
R696e

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
1875.

EXPLORAÇÃO DO VALLE DO AMAZONAS

I

Rio Urubú

HISTORIA E ETHNOGRAPHIA

Quando eu cheguei á capital da provincia do Amazonas, pretendia seguir logo para o alto Rio Negro, a explorar as suas nascentes ; porém as febres que ahi reinavam, assim como a grande enchente, que tudo cobria, impedindo de tirar proveito de meu trabalho, levaram-me a dirigir meus estudos para outro ponto. O rio Urubú, que diziam ser muito rico, apezar de estar inteiramente virgem e desconhecido, visto como nem os gentios Muras ousavam transpor a sua primeira cachoeira ; nem mesmo penetrar sua pretendida foz, atrevia-se o homem civilisado, a não ser um ou outro indio ; foi o ponto escolhido para as minhas investigações.

Crença era em toda a população do Amazonas, que o Rio Urubú encerrava em si grandes thesouros naturaes; continha pastagens immensas que ficavam proximas a Manáos, e que offerecia grandes vantagens ao commercio ; porém uma chave de ferro fechava a sua pretendida foz ; um mysterio encerrava em si que fazia com que ninguem ousasse penetrar o seu interior. Tribus selvagens e antropophagas infestavam as suas margens ; dous mocambos de desertores e pretos fugidos existiam ; emfim, ha mais de dous seculos vivia assim o rio desprezado e temido.

Estando desconhecido e não explorado, intentei a sua exploração, esperando que a messe ahi pagaria as fadigas, os riscos e perigos a que me ia expôr. A assembléa provincial, sabendo do meu intento, quiz auxiliar meu empenho e votou-me um auxilio para esse fim, do qual não me utilisei. Aproveitando a enchente, que então consideravelmente ia declinando, fiz os aprestos necessarios para uma longa exploração em sertões desertos, e preparei-me a quebrar o encanto que ninguem até então ousara fazel-o.

Antes de entrar na descripção de minha viagem convém abrir a historia do Amazonas colonial e lermos a pagina em que o rio Urubú tem seus acontecimentos registrados.

Reinando D. Affonso VI, e sendo governador e capitão general dos Estados do Maranhão e Pará, Ruy Vaz de Siqueira (1) e capitão-mór Francisco de Seixas Pinto, havendo grande falta de serventes, não só para as obras da nascente capitania, como para lavoura ; ordenou o mesmo governador a fundação de missões no Amazonas ; protegidas por força militar, para bem serem executados os descimentos e resgates de indios. Em virtude desta ordem subiu em Março de 1662 o sargento-mór Antonio Arnaud Villela o rio Urubú , commandando

(1) Commendador de S. Vicente da Beira, na ordem de Christo; tomou posse do governo em 26 de Março de 1662.

uma escolta, que ia de protecção ás missões que ia fundar Fr. Raymundo, da ordem das Mercês. Além da força regular, commandada pelo alferes Francisco de Miranda, iam alguns indios, todos subordinados ao mesmo sargento-mór.

Foi infeliz esta expedição, porque, encontrando-se com os indios Caboquenas, Barururus e Guanavenas, guiados pelos seus tucháuas, foi atacada por estes, perecendo no ataque o chefe da expedição, o alferes, e grande numero de praças e de indios; escapando, porém, o missionario e alguma gente da força.

Animados com essa victoria perseguiam os fugitivos e em quarenta e cinco ubás vinham atacar a aldêa de Saracá, onde se refugiaram os mesmos e existia o alferes João Rodrigues Palheta. Informado este do desastre para prevenir o assalto á aldêa, foi encontrar-se com elles, levando dezoito soldados e duzentos indios, em cinco grandes canôas. Logo que os encontrou, offereceu-lhes combate, e n'uma bella acção naval conseguiu derrotal-os, matando uns e pondo em fuga outros.

Em 12 de Janeiro de 1664, retirando-se o governador general para o Maranhão, deixou ordenado que se preparassem os meios de fazer a guerra, castigar e vingar a morte do sargento-mór Villela, que ainda não o estava; não se contentando com o massacre feito pelo alferes Palheta. Na sua volta, em Agosto do mesmo anno, achando preparadas as canôas e cumpridas as ordens dadas para os aprestos da nova expedição, não podendo marchar em pessoa, nomeou o capitão Pedro da Costa Favella tenente general, e passou-lhe o commando. Com effeito, a 6 de Setembro sahe a expedição, em 34 canôas, levando 500 indios, commandados por seus principaes, e 400 praças commandadas pelos capitães de infanteria Francisco Paes, Francisco da Fonseca e Gouvêa, Francisco de Valladares Souto Maior e João Duarte Franco. O terceiro ia fazendo as vezes de ajudante e o primeiro de sargento-mór, tendo por ajudantes Manoel Coelho, Antonio Corrêa Lobo, Antonio Manso e Manoel Coutinho.

Em 25 de Setembro chega a expedição á aldêa dos Tapajós, onde toma novo reforço de indios, e depois de refrescar a gente segue viagem no dia 24 de Outubro. Onze dias depois de partir dahi o capitão Favella, sahe da capital o governador general, com grande reforço, a fim de auxilial-o de perto; porém, chegando á aldêa de Matarú, hoje Porto de Moz, teve de retroceder, porque assim o exigia a politica do Estado, e enviou então o sargento-mór Antonio da Costa com a força para prestar os auxilios que fossem precisos.

No dia 25 de Novembro chegou a expedição ao primeiro porto do inimigo, onde Favella separou alguma força para defender as canôas; fez uma barreira na margem do rio com arvores, e entranhou-se pela floresta com o grosso de sua tropa. Depois de dias de penosas marchas e fadigas, encontrou-se no dia 7 de Janeiro, perto das primeiras malocas dos Caboquenas, com estes, alliados aos Guanavenas, que já vinham ao seu encontro.

Apenas avistou-os, o capitão Favella offereceu-lhes combate, que foi recebido com um alarido infernal.

Retumbou pela primeira vez o estampido da fuzilaria pela floresta; o ar cobriu-se de flechas, mas, levados pelo temor, e ante o furor da soldadesca, desbaratados fugiram os gentios. Favella persegue-os, e nesse empenho se ajunta o sargento-mór Antonio da Costa com gente fresca. Uma horda immensa se antepõe á marcha do expedicionario, e cobre a sua força com uma nuvem de flechas, ao som de uma grita horrivel. Trava-se a peleja; mordem o chão os gentios; reina confusão na tropa; as balas abrem claros na massa contraria; as flechas raream as filas; um echo medonho resôa ao longe pela abobada da floresta, repercutindo o estampido da fuzilaria e os gritos dos selvagens. Tudo é fogo, fumo e sangue. Fogem ainda uma vez os selvagens para reapparecerem ainda mais numerosos; porém, Favella, enthusiasmado pelos primeiros feitos, leva sempre ante si os gentios, que no fim de dous mezes ficaram

completamente derrotados, perdendo 700, deixando 400 prisioneiros, tendo sido incendiadas 300 malocas. Em principios de Abril de 1665 chegou victoriosa a expedição á capital, onde foi recebido em triumpho o chefe Favella, recebendo innumeras ovações, nas quaes teve tambem parte o governador general. Estava vingado Arnaud Villela. Em Agosto deste mesmo anno, depois de ter tomado posse o quinto capitão-mór Feliciano Corrêa, começou-se a construcção do forte de S. Pedro Nolasco, junto á missão do mesmo nome, fundada por Fr. Raymundo e outros missionarios, que logo depois da expedição de Favella seguiu para o Urubú, onde fundou tambem a missão de S. Raymundo. Este forte era cordiforme, e destinado a proteger a mesma. Em 1768, porém, quando subiu o Amazonas o padre Dr. José Monteiro de Noronha, nos diz elle no seu *Roteiro* que já não existiam essas missões; por terem os indios assassinado o seu missionario Fr. João das Neves, e refugiado-se nas matas, abandonando o povoado. Habitavam só então os Arauaquis. Em 1835, pela rebellião chamada *Cabanagem*, serviu este rio de refugio aos rebeldes fugitivos, e mais adiante mostrarei o ponto em que se refugiaram perseguidos pela legalidade, onde foram exterminados. O primeiro nome do rio era Barururu, que por corruptella e abreviatura os antigos portuguezes mudaram para o que ora tem, sendo, porém, hoje chamado pelos indigenas Uarubê.

Tendo voltado esta pagina, cujos factos calaram no animo da população de então, e que a tradição gravou na memoria de alguns velhos, fazendo com que fosse ainda hoje temido o rio, passo a descrever a minha viagem. No dia 20 de Julho dirigi-me, a bordo do vapor *Madeira*, para villa de Silves, onde cheguei no dia 21, pelas 12 horas da manhã.

Ahi chegando fui recebido a bordo pelo reverendo padre Daniel Pedro Marques de Oliveira, vigario collado da freguezia, que immediata e obsequiosamente pôz á minha disposição uma casa para minha residencia,

Quasi historica é a casa que fui habitar, por isso convém descrevêl-a. Edificada logo depois que a aldêa passou a villa em 1759, pelo reverendo vigario de então frei Antonio de Santa Catharina, para sua residencia, tem ella se conservado até hoje, e pertence á padroeira da freguezia, por doação, que fez o mesmo vigario. Serviu de residencia ao santo bispo D. frei Caetano Brandão quando fez a sua quarta visita á capitania em 1788; indo nella morar em 17 de Dezembro. Quando em Setembro de 1847, visitava a sua diocese o finado e preclaro bispo D. José de Moraes Torres, esta mesma casa abriu suas portas para recebêl-o; assim como tambem já hospedou o actual e illustrado bispo D. Antonio quando visitou Silves em 1869.

E' uma casa baixa, coberta de palha, com tres janellas de grades de páo, com portas almofadadas, como outr'ora se usava nos conventos, com tres pequenas divisões internas e com portas baixas. Seu interior respirava um ar claustral.

Ainda forte e bem conservada, mostra poder resistir muito ao tempo; apezar dos 114 annos, que pesam-lhe sobre a cumieira.

Não tendo obtido a lancha a vapor que o presidente da provincia tinha a principio posto á minha disposição nem auxilio algum da presidencia, não desaminei e cortei esse obstaculo, expondo é verdade a minha vida, mas conseguindo tirar algum proveito em prol da sciencia. A lancha facilitando o trabalho, punha-me a salvo de qualquer perigo; o que se não dava com uma canôa, que não só era morosa, como corria grandes riscos em lugar infestado de gentios.

Preparada a canôa em que tinha de seguir, e feitos todos os aprestos necessarios para uma longa e arriscada viagem, parti com seis guardas nacionaes, que graças á bôa vontade do subdelegado o Sr. José Antonio Pereira Junior e do capitão José Pedro Garcia de Vasconcellos, foram postos á minha disposição.

No dia 12 de Agosto antes da partida, pelas 7 horas

da manhã, acompanhado de um companheiro de viagem, que quiz commigo partilhar os mesmos perigos, o meu amigo o Sr. D. Alexandre Saldanha da Gama, e das praças que me seguiam, dirigi-me para á matriz e ahi ouvi uma missa que mandára rezar ; e, pondo a viagem sob a protecção da Virgem disse adeus a Silves. Emquanto animado e satisfeito embarcava, lia nos semblantes dos amigos e pessôas do lugar que me vieram dizer adeus, um certo ar de tristeza. E' que a subida do Urubú era considerada como que fatal.

Desfraldando a vela ao vento costeei a ilha de Silves, pelo lado S. e sahi no largo. A grande bacia onde está a ilha de Silves, impropriamente chamada lago de Saracá, corre para SSO com duas leguas de largura, até as ilhas que a separam das aguas amazonicas. Alguns sitios salpicam as margens. Para S. E. ficam as ilhas de Jutahy-tuba e Tatuacá, e outras, que matizam com seus tufos de verdura as aguas da bacia e formam o fundo do impropriamente chamado lago Canaçary. As flôres brancas, e com o tempo depois rozadas, que cobrem o *triplaris Bomplandiana* e as aromaticas do *cathartocarpus brazilianus,* dão um bonito aspecto neste tempo, ás ilhas, onde abundam. As margens cobertas de *ipomoeas*, apresentam em algumas, como na ilha dos Papagaios, lindas columnas de verdura ; provenientes de troncos seccos; onde se enroscam as mesmas, cobrindo-os de folhagem e flôres côr de rosa e brancas. Os *astrocaryum jauarys*, aqui ou acolá, formam moitas, que dão realce á paizagem. Uma *bombax*, com flôres côr de canna, *(periquiteira)*, assim como a copaybarana, *(copaifera),* a acapurana, *(leguminosa),* cobrem as ilhas, onde sobre os troncos algumas *bromelias e brassavolas,* crescem : emquanto as *pontederias, utricullarias* e *pistias* , ajardinam com suas flôres roxas e amarellas as enseadas. A margem esquerda, que é terra firme, é elevada, e cobre-se de altaneira vegetação.

A's 3 1/2 horas da tarde, depois de ter tocado em alguns sitios, deixei á direita o rio e penetrei pela bocca

do Castanhal, que não é mais do que uma enseada separada por algumas ilhas, onde desagua o ribeirão Castanhal e no fundo da qual, fui dar no Macuará-mirim. Ahi encontrei uma maloca de indios Muras, semi-civilisados, porém não baptizados. Apenas saltei em terra todos fugiram, ficando só uma mulher de seus 70 annos; o ente mais ignobil, mais repuguante e mais feio que tenho visto, coberta com andrajos immundos. Um dos guardas que me acompanhavam, sahindo pelo mato, voltou dahi a pouco com o *tucháua*, ou principal, que veiu seguido de alguns homens e mulheres, que tinham-se escondido. As mulheres todas repugnantes, tinham as caras e os corpos pintados de vermelho, com a tinta do urucú. Um máo cheiro recendia das suas choupanas que eram quatro esteios mal cobertos de palha, sob as quaes pequenas redes de fio de algodão, de seis palmos de comprido sobre quatro de largura, e pintadas de vermelho escuro, estavam suspensas e onde dormem ás vezes em cada uma, pai, mãi e filhos. Demorando-me ahi algum tempo em examinar os seus usos, segui depois viagem, atravessando para o rio, ahi chamado impropriamente, Paraná-mirim Arauató. Quando voltavamos algumas canôas com Muras, atravessavam ao longe, á força de remos, fugindo de nós. Iam pintados todos de vermelho. A's 6 horas cheguei ao sitio de um velho tapuyo chamado Firmino, onde na sua arruinada palhoça, poeticamente collocada passei a noite.

Não fazendo um diario, onde ha sempre minuciosidades, que muitas vezes não interessam, descreverei logo o rio até a foz do rio Anibá, o maior confluente que recebe o rio Urubú.

Desde que se deixa a bacia que fórma, de Saracá até a foz do Anibá, o rio mede de largura 180 a 200 metros, durante a cheia, estravasando as suas margens, e alagando-as, apparecendo aqui ou alli pequenas porções de terras altas; sobretudo na margem esquerda, onde, para o interior estende-se a terra firme. O terreno é todo de alluvião moderna, e da mesma natureza da do

Amazonas; assim como a vegetação que é tambem igual á deste. *Bombax ceiba* com seus fructos vermelhos e avelludados, *Ingas*, *mimosas* e innumeras plantas sarmentosas fecham e serram a margem; predominando as *ipomoeas* e a *momordica charanteia*. O *triplaris Bomplandiana* cobre quasi que a margem, enfeitando-a com suas flôres alternadamente apresentando todas as gradações do branco ao côr de rosa vivo, e as *bignonias* deixam cahir festões de flôres arroxadas e côr de rosa do cimo das arvores. A *cecropia leucocoma* estende-se por toda a margem, attingindo grandes alturas, assim como o *paricá-rana*, *(mimosa)*, do mesmo porte da *mimosa acacioïdes*, porém com o tronco glabro e cinzento, que apparece com frequencia nas partes mais elevadas, congenere do *arapahy*, que tambem ahi cresce em toda a extensão. As verbeneaceas se representam mais commummente pelo *vitex tarumã*, assim como varios *lecythis (Eschweilera)*, vulgarmente *cuia de macaco*, estendem seus galhos cobertos de fructos sobre as aguas, onde, geralmente, nos lugares em que ficam mais ou menos estagnadas, as *utricularias* formam com as *pontederias*, misturando as flôres amarellas e lilazes, lindas alcatifas sobre a agua, rodeadas de *gramineas*, que quando soltam-se descem em ilhotas, que mais longe se encostam ás margens. Nas partes em que estas se elevam, formando barrancas argilosas, cresce a *maximiliana regia*, assim como um ou outro *bactris* apparece entre a folhagem. Raras vezes se vê a *Bertholetia excelsa*, elevando a sua copa acima da mata.

O rio Anibá, o maior affluente que recebe o Urubú, tem uma foz de 200 metros, alargando-se porém para o interior, e atravessando uma larga baixa que fórma igapós pela enchente e lindas praias e matas baixas pela vazante. Por este tempo, o rio que então não é mais do que um ribeirão, por aquelle torna-se um rio soberbo. As margens verdadeiras que ficam distantes do curso do rio, são montanhosas, mais ou menos accidentadas, principalmente a direita. Abunda pelas praias

o *astrocarium jauary* e cresce pelos altos, onde ha grande quantidade de humus, a *Elaeis melanoccoca*.

Na margem esquerda junto á foz, houve outr'ora uma maloca dos gentios Muras. Seis sitios apenas, apresentam suas palhoças, disseminados pelas margens; entre elles, um fica na extincta *missão do Anibá* (1). Ahi correndo a floresta que o circumda pude ver ainda os vestigios da mesma. Alicerces e restos de paredes indicam o lugar onde outr'ora foi a igreja, assim como fragmentos de louça ou de igaçáuas e machados de diorito, ainda nos lembram os usos dos antigos arauaquis que ahi viviam, e que perseguidos pelos gentios do alto Urubú, e Pariquis refugiaram-se na missão do Saracá. Sua louça era de argilla escura, com desenhos gravados em angulos rectos parallelos uns aos outros, formando metades de parallelogrammos ; ou, a maior parte bordada com linhas de furos muito unidos, feitos com alguma ponta fina de madeira. Rara apparece pintada com tinta vermelha escura ; esta tem o desenho differente, é tambem em angulos, porém em linhas transversaes, em angulos agudos como que imitando tecidos de palha, todas ornadas com figuras de passaros e quadrupedes. Os machados são de diorito, em que predomina mais o albito do que o elemento amphibolico. Sua fórma é a de um curto parallelogrammo, tendo n'um dos lados mais estreitos duas saliencias, que serviam para segural-o amarrado ao cabo e n'outro o córte, para o que ahi as faces são gastas.

Marginam quasi que todo o rio os igapós ; onde cresce uma linda *byrsonima* de flôres vermelhas, *lecithys* e muitas *phaseolœas* da sub tribu clitoriœ, sobre as quaes vi um *monachanthus viridis*, a *cattleya superba*, *dichœa*, e algumas *bromelias* e *bilbergias*. A vegetação toda do igapó é de um verde amarellado, destacando-se bem

(1) Os missionarios eram appellidados então : *Pahy-una*, padres pretos, pela côr do habito ou *pahy-tucura*, padres gafanhotos, pela semelhança que tem o thorax destes insectos com o capuz dos frades.

da das partes elevadas, onde os terrenos são argillosos e em alguns apparece conglomeratos com oxido de ferro.

Tendo percorrido algumas leguas por elle acima, voltei. Não está conhecida a sua nascente e dizem que de certa altura para cima, o rio corre por um igapó serrado, onde abunda a tiririca navalha ; *(hymenolytrum silvestre?)* Dizem tambem os habitantes dahi que pela vazante ha uma praia onde appparecem innumeras contas de diversas côres. Tive occasião de ver uma já gasta pela acção das aguas e das areias ; é um pequeno annel de vidro roxo, de 0,01 de diametro.

O rio Anibá não é rico em productos naturaes, que o homem aproveite, a não ser as madeiras e o breu branco.

Quando voltava descahia a tarde, e o céo apresentava um espectaculo soberbo. O sol recolhia-se despido de louçanias, sem cortejo e solitario, espalhando uma luz doce, que do horizonte ao zenith fundia-se colorindo o espaço. Ouro, fogo e carmim para o azul mais puro e diaphano esbatiam-se insensivelmente no poente ; emquanto o nascente, onde grossas nuvens se amontoavam, como que vestiu todas as suas galas ; cobriu-se de festões de rosas, jasmins e lyrios, enfeitou-se de arrendadas cortinas de purpura e ouro, sob um docel azul de saphira e como um rei asiatico veiu assistir ao adeus do astro rei. Minutos depois a scena mudava-se. Quasi que o mesmo desenho substituidas as cores risonhas pelas cinzenta e branca. Despia as vestes de gala e envolvia-se na roupagem triste da noite. As aguas limpidas como um espelho, reflectiam a scena mais bella que na minha vida presenciei.

Durante a enchente, as aguas represadas pela corrente do Urubú, estendem-se pelo valle formado entre as montanhas que o marginam, e formam um grande rio, coberto de igapós ; emquanto que pela vazante, todo esse valle cobre-se de praias arenosas e a vegetação que fórma o igapó transforma-se em grandes restingas, correndo por entre ellas então o rio. As partes mais elevadas são formadas de argilla vermelha, em alguns

lugares com conglomeratos, ligados por cimento de argilla e em outros cobertos de terras pretas, ou que foram outr'ora cultivadas.

A população que ahi está não vive, vegeta. A pobreza, a nudez e a miseria, a rodeia, quando a natureza offerece-lhe todos os recursos para uma vida abastada.

Passando-se a foz do Anibá as terras são mais baixas; diminuem as *cecropias*, continuam os *triplaris*, apparece uma bonita *gustavia*, *(molongô-rana)*, apresentam-se algumas *cassias*, ornando sempre as *ipomœas* toda a margem. O rio conserva a mesma largura, com uma ou outra pequena enseada, formada pela irregularidade do terreno. N'uma destas, costeia uma curva, grandes lages de grés arenoso, onde estão gravados alguns desenhos, representando o sol, figuras humanas e outros de configurações enigmaticas. Alli a paizagem é a mais pittoresca, que se encontra.

Seis milhas acima, o rio fórma uma profunda enseada, em forma de sacco, impropriamente chamada *lago* Aybu, e pelos indigenas *Ayby* (1). Dahi começam as margens a ser alagadas, e a apparecer o *eriodendrum sumauma*; estendendo-se assim por espaço de seis milhas no fim das quaes o terreno eleva-se. Na margem direita o terreno fórma uma ponta, hoje coberta por um bonito inajasal, *maximiliana regia*, e que pelas grandes enchentes transforma-se em ilha. Ahi foi a taba (2) *Dapatarú*. Era de indios Arauaquis que foragidos do rio Uátumá, para ahi se mudaram, por causa dos ataques repetidos dos gentios do Jatapú. Ahi, porém, ainda não tiveram socego, porque os gentios que então habitavam o alto Urubu, começaram tambem a perseguir a missão, de maneira que algum tempo depois, viram-se obrigados a abandonar novamente esse lugar, procurando refugio na ilha de Saracá, onde estabaleceram-se mudando a

(1) *Ayba—máo* e *y* agua : agua nociva.

(2) Corruptella de *táua*, aldeia.

povoação de nome e tomando o da ilha. Foi a origem da villa de Saracá, depois Silves.

Acima da tauaquéra Dapaturu, na margem opposta estende-se na terra elevada um grande embaubal, *cecropia peltata, vel adenopus,* Martius, onde ainda ha seis annos existiu uma grande maloca de indios Muras ; que sob o governo de um director, começavam a cultivar a terra. Uma cruz de madeira ainda ahi se vê alçada assim como os alicerces e esteios da antiga capella.

Uma vegetação rasteira e sarmentosa ahi fecha o espaço, por baixo das cecropias. Alguns pés de *desmoncus e bactris concinna* apparecem ainda não bem desenvolvidos. Uma malpighiacea, do genero *stigmaphyllum*, de flores encarnadas, fórma carramachões, entrelaçada com uma bignonia de paniculas de flores brancas. Nos pés da cruz ficava uma sepultura Mura coberta de *pancratium*. A orla d'agua é coberta de gramineas.

Chegando ahi quasi ao anoitecer immediatamente roçou-se o mato baixo e fincando-se varas nellas armaram-se as redes, emquanto se preparava o *muquem*. (1) Apparecendo a noite, uma praga cahiu sobre nós ; nuvens de carapanâs (2) nos envolveram, atormentando-nos com seus zumbidos e ferroadas, que traspassavam a roupa, não deixando um momento de repouso. Tres grandes fogueiras fizeram-se em roda, mas nem assim elles se afugentaram. Depois de uma noite de insomnia deixámos essa paragem a 1 hora da madrugada, e fomos fundear mais longe esperando que raiasse o dia para poder seguir viagem, e continuar o meu trabalho.

As margens dahi em diante formam igapós, que seccam pela vasante ; com a mesma vegetação da parte que descrevi, apparecendo sómente mais um *combretum*, de bellos racemos de flores amarellas e vermelhas. Doze a treze quartos de milhas acima, da extincta maloca Mura,

(1) Armação de páo para se assar a caça.

(2) Mosquitos.

fica o furo ou canal Arauató (1) onde até hoje era crença que desaguava o rio Urubú.

Em toda a extensão, desde a enseada de Saracá vulgarmente chamada lago, até este ponto a fauna é representada, pelos *conurus guyanensis*, (maracanãs) que em bandos desde que alvorece até a hora em que o sol mais esquenta, cobrem os galhos e pascigam os fructos de uma combretacea do genero *combretum*. Ao cahir da tarde esvoaçam esses bandos palreando, e vão procurar dormida nas folhas do astrocaryum jauary. Grupos de *crotophaga major*, (anu coróca) ou da serra e galego, do Rio de Janeiro e Minas Geraes, se escondem pelas moitas emquanto os *psittacus* e *psittaculus* sp. var. (papagaios e piriquitos), se fazem ouvir de todos os lados. Uma bella ave ribeirinha a *euripigia helias*, vulgarmente chamada *pavão*, encontra-se pelas margens do igapó. Tem um vôo sereno e gracioso, é facil de domesticar-se, tornando-se amorosa, alimenta-se de peixinhos e insectos, fazendo em casa guerra viva ás moscas. Os seus ninhos são de barro semelhante ao do *joão de barro* ou *pedreiro*, sem a divisão que este faz. Molham o peito n'agua para alisar a massa. O *opistocumus cristatus* (cigana), vive em numerosa sociedade pelas sipoadas das margens, onde fabricam sem arte seu ninho, composto de pedaços de páos sobrepostos uns aos outros. A *ardea* sp. var. (garça) é commum encontrar-se entre a graminea das margens, onde tambem nunca deixa de se ver a *parra jacana* (piassoca). Pelo verão quando as praias se mostram, e que pequenas porções d'agua ficam retidas nas baixas formando pequenos lagos, abundam nelles as marrecas, *anas*. O mergulhão, *colymbus*, sempre aos casaes e raras vezes em bando, é um dos que mais frequentam as aguas desta porção de territorio. Os maçaricos, *numenius*, sp. var. sempre se encontram pelas praias, assim como é raro não ouvir-se ao anoitecer o *aracuan*, um gralipede do genero *ortalida*. Duas especies de cararás, *plotus anhinga*,

(1) Nome de um macaco, o *mycetes ursinus*.

uma côr de ganga, outra negra com o pescoço da côr daquella, ambas de plumagem sedosa e com os mesmos habitos, costumam apparecer.

E' um dos pontos em que o ornythologista, póde fazer bella collecta, com vagar. Não tenho a presumpção de apresentar a fauna deste lugar, apresento sómente algumas especies para mostrar a differença que ha entre o baixo e o alto Urubu. Assim como a vegetação até o canal Arauató resente-se da do Amazonas, assim tambem a fauna, com pouca differença mostra-se a mesma.

Depois dos estudos que fiz, no ponto em que o Arauató une-se ao rio lançando nelle as aguas barrentas do Amazonas; que são dominadas pelas negras do Urubú, encostadas á margem e a pouca distancia confundidas, entrei na parte não ainda conhecida e explorada e só pelos gentios Muras sulcada.

Um sentimento de prazer, emquanto a lembrança do perigo que ia correr me passava pela idéa, fez pulsar forte o coração. A tradição, o temor, o mysterio que fechava as portas do rio a todos, fazia com que dahi em diante eu me prevenisse. Ia quebrar o mysterio, fundado ou não, pondo em risco minha vida. Em fragil canoa, a descoberto podia ser alvo da flecha certeira do gentio traiçoeiro. Mas, contente e certo de que nada me aconteceria, animei a tripolação e á força de remos penetrámos no deserto. A religião, esse sustentaculo das acções do homem, me confortava. Ia sob a protecção da Virgem,

Uma questão geographica, tinha que apresentar, porém reservo para um artigo especial. Em meu auxilio veiu a geologia, destruir um erro que notaveis escriptores têm confirmado; por falta de exame e serem só levados por informações. E' a do curso do rio, sua foz, e lago Saracá. Pondo de parte este assumpto continuarei a descripção do rio, deixando tudo quanto é proprio á geographia para adiante fallar.

Da foz do Arauató, para cima, o rio conserva a mesma largura, e começa a fazer longos torcicolos. As

margens cobrem-se de uma floresta elevada, de um verde mais sombrio, que pela cheia se alagam. A vegetação começa insensivelmente a mudar-se; desapparecem as *cecropias*, os *triplaris*, as *bombax ceiba*, as gramineas e começam a apparecer algumas malpighiaceas, principalmente uma *byrsonima* de flores vermelhas que attinge uma grande elevação. Uma *clusiacea* do genero *clusia* vulgarmente chamada *apuhy pagé*, ahi abunda. Verdadeira parasita acaba sempre por matar o lenho que o alimentou, formando então uma grande arvore cujo tronco se distingue bem pela sua côr branca acinzentada. Os naturaes empregam o leite em emplastros, nas luxações. Começam tambem as *sapotaceas*, a apparecer, assim como o *astrocaryum acaule*. O rio começa a ser mais variado ; aquella monotonia que se nota nos grandes estirões que de Saracá, vem ao Arauató, acaba-se. Principiam as margens aqui ou alli a ser elevadas ; varias boccas de lagos apparecem, assim como uma grande ilha que dá grande realce á paizagem. O rio que até ahi sempre conserva uma largura, mais ou menos uniforme, passando a ilha alarga-se extraordinariamente e fórma uma grande bacia ; como a da foz e que o vulgo chama lago Saracá. Contemplando aquella massa immensa d'agua, lembrei-me dos feitos gloriosos de Costa Favella que ahi se deram e para perpetuar o dia em que nelle entrei, 15 de Agosto, denominei-o Lago da Gloria. Duas grandes ilhas ahi se apresentam : uma corre pela margem direita, que denominei de Santo Antonio, por desembocar ahi um braço do Amazonas com esse nome, e outra corre pela esquerda, e que dei o nome de S. Raymundo, para perpetuar a lembrança da primeira missão que nella se estabeleceu depois da carnificina de Costa Favella ; a missão de São Raymundo, como atrás fiz ver.

Chegando ao lago avistei na ponta da ilha que olha para O. N. O. uma pequena choupana, para onde logo me dirigi. Depois de subir uma ingreme barranca, cheguei á choupana que fica pela cheia 80 pés, ácima do nivel

do lago; onde fui recebido por um velho indio Baré, descendente de um Baré e de uma Arauaqui. Pouco se exprime em portuguez. Planta algum tabaco e mandioca e vive dos recursos que a natureza lhe offerece. Indagando sobre o lugar da extincta missão, não me soube informar, e querendo obter algumas informações do rio nada póde dizer, por nunca ter dahi passado. Chama-se Thomé. Percorrendo então a ilha que é extensa e separada do rio, por um canal, por Thomé denominado furo Sucuriju, principiei a encontrar restos de louça antiga, assim como alguns machados. A floresta de nova apparição que cobre, grande parte da ilha, junto aos vestigios que encontrei de antiga habitação, levaram-me a crer que ahi foi a antiga missão: opinião confirmada depois por Thomé, que affirmou-me nunca ter derrubado a mata primitiva, e ter encontrado tambem, no lugar em que edificou sua choupana, vestigios de alicerces de casa ou igreja. Dista da villa de Silves 85 milhas e 12 1/4 da fóz do Arauató.

Os fragmentos de louça e de igaçáuas, que ahi encontrei, são iguaes aos que encontrei, na extincta missão do Anibá, quanto aos desenhos, afastando-se porém um pouco nas fórmas. Os machados são inteiramente differentes, quér nas fórmas, quér na rocha, de que são feitos; são de diorito compacto, em que predomina muito a hornblende; bem trabalhados e um pouco semelhantes aos que encontrei no rio Tapajós. Do mesmo diorito encontrei, um instrumento de 0,^{m}30 de comprimento, com 0,05 de diametro, cylindrico aguçado como machado de um lado e plano do outro, que me informou o mesmo indio Thomé, servir para cavar a madeira no fabrico das canoas. Ainda hoje são estas construidas como outr'ora, servindo-se porém de uma especie de formão de ferro, com cabo. Cortado um tronco, geralmente de itauba, dam-lhe exteriormente a fórma de uma canôa, e depois com este ferro cavam-no, até chegar a certa grossura. Como não podem dar por este meio uma grossura uniforme em toda a

madeira, furam-a toda em linhas cruzadas, de modo que os furos, ficam nos angulos de um quadrado. A' medida que vão depois cavando, mettem pelos furos um pedacinho de páo que tem marcada a grossura que deve ter a canôa, e assim dão-lhes uma grossura uniforme. Depois de cavada é suspensa, sobre forquilhas ao fogo, e aberta; pondo-se então travessas para não fechar-se. Collocam duas rodellas nas extremidades, tapam com tornos os furos e está prompta a canôa, que dura ás vezes 20 e mais annos.

Infelizmente perdi este instrumento, o unico que encontrei.

Passada a ilha de S. Raymundo, que fica encostada á terra firme, o rio começa a estreitar-se. Pela margem esquerda, que é bastante elevada, em alguns lugares apparece em grupos a *œnocarpus bacaba*.

Um pouco abaixo do rio *Çangáua*, (1) que desagua na margem esquerda, o rio estreita-se e é interceptado por algumas ilhas; alargando-se, porém, depois a formar uma immensa bacia semeada pela margem direita de innumeras ilhas, que ahi formam um bonito archipelago, onde só medram as *myrtaceas* e *lecythideas*, todas em porte pequeno. Na fóz do rio *Çangáua*, sobre a margem direita, houve outr'ora uma maloca Mura, sobre a grande eminencia que ahi fórma a terra firme. A margem continúa elevada, apresentando em alguns lugares altas barreiras. Com vento fresco atravessei, a bacia marginando o archipelago, e querendo conhecer a largura ahi do rio, entrei por um dos canaes. Tinha navegado por espaço de duas horas, quando ouvi em uma ilha golpes de machado e vozes humanas. Dirigi para lá a canôa e depois de atravessar varios canaes, cheguei á ilha, onde ao aproximar-me uma grande vozeria precedeu á queda de um enorme madeiro. Abiquei em terra, prevenido e armado, saltei com parte da tripolação. Começavamos a penetrar pela mata quando

(1) Modelo. Dizem os Muras que ahi ha uma pedra que é o modelo de um peixe boi.

vimos varios indios correndo como que fugindo. Chegando onde tinha sido derrubada a arvore, ahi encontramos um unico indio que mais animoso ou curioso ahi ficara. Era um Mura, que pela lingua geral nos disse que os outros tinham fugido com o tucháua; que estavam derrubando a mata para fazerem roça e que tinham proximo a um furo que ia dar no Amazonas denominado *Cana*, duas malocas. Fiz-lhe ver que desejava ver a sua aldêa, conhecel-os e mesmo brindal-os e que para isso era mister que elle me acompanhasse. Um pouco receioso accedeu ao meu pedido, acompanhou-me e me dirigi para as malocas.

Quando me dirigia para ahi, passou por nós á força de remos uma ubá, (1) tripolada por 8 indios, conduzindo o immediato do tucháua, segundo informou-me o guia, que tambem se dirigia para a maloca. Mandei remar com força e seguir a canôa, para prevenir qualquer acontecimento.

Ao chegarmos, alguns assobios da canôa em que ia o tucháua, pôz em alarme a maloca. Vi então de todas as choupanas que avistava, sahirem homens e mulheres que fugiam.

Quando desembarquei, apenas algumas velhas e meia duzia de homens me appareceram. Aquellas só fallavam giria e estes mal se exprimiam na lingua geral e em portuguez. Demorando-me ahi brindando-os como que o medo foi desapparecendo e pouco a pouco foram apparecendo com suas familias.

Fica situada esta maloca que denominam da Correnteza, em uma ilha comprida muito elevada, separada por um estreito canal das terras que se estendem ao Amazonas, por espaço de seis leguas pouco mais ou menos. Tem a frente para Leste e compõe-se de umas 10 choupanas, abertas, separadas umas das outras sem a menor regularidade. Não cultivam senão a mandioca e criam algumas gallinhas. Vivem da pesca. A miseria,

(1) Canôa de gentio, feita de uma só casca de páo.

a nudez, e pouco asseio notava-se por toda a parte. As mulheres semi-nuas, pintadas com tinta de urucu, agachadas ou estendidas em suas redes, olhavam para nós como que com raiva, emquanto os homens sem pintura alguma nos rodeiavam interrogando-nos e fazendo pedidos. Não conheciam o curso superior do rio, apenas dous tinham ha annos ido até a primeira cachoeira.

Os gentios Muras, os que mais má fama tem no Amazonas, pelos seus actos de pirataria e traição, é a tribu mais desgraçada que existe, pela sua indole e costumes. Desde os tempos mais remotos, que são tratados com desprezo e soffrem guerra de todos.

Vem a proposito, lançar-se uma vista retrospectiva sobre o seu passado, e apresentar o seu presente. Algumas linhas sobre os seus usos e costumes, não serão de mais.

No seculo passado appareceu esta tribu infestando as margens do Amazonas, principalmente no espaço comprehendido entre Villa Bella e Manáos; onde viviam errantes, pelas margens, pelos igapós, lagos e rios d'estas paragens, exercendo a pirataria. Diz a tradição fallada, quasi esquecida, que esses gentios vieram foragidos do Perú, perseguidos pelos de lá.

Não sei o que possa haver de exacto nesta tradição, porque, se bem que pela indole afaste-se das nossas tribus descendentes dos tupys, por alguns costumes aproxima-se dellas.

Tyrannos, não perdoavam as victimas que á traição flechavam e roubavam; de embuscada advertidos por aquelles que das atalaias, quasi sempre nas altas sumaumeiras, estavam escondidos, cahiam sobre os brancos e mesmo gentios, e dando-lhes a morte, abriam seus cadaveres e os esquartejavam. Viviam como ainda hoje quasi que exclusivamente da pesca, pouco alimentando-se com caça e fructos. (1) Tribu nomada, raras vezes

(1) Um dos alimentos favoritos é a larva que cresce no albumen do fruto das palmeiras; pricipalmente tucumã, curuá, inajá e uauaçu.

edificavam; viviam pelos igapós, dormindo nas suas ubás, ou nas pequenas redes, que facil é prender-se aos galhos de qualquer arvore. Preguiçosos por natureza, como os bohemios, entregam-se ao roubo e á pilhagem, unico meio que lhes proporciona o descanso. Sempre os seus ataques eram feitos das barrancas, porque covardes, não se animavam a apresentarem-se em igualdade de circumstancias.

Usavam os homens furar o labio superior de ambos os lados e o inferior no meio, onde enfiavam pequenos roletes de páo, ossos de animaes, espinhas de peixe, etc. emquanto as mulheres, sempre nuas, sem o menor vislumbre de pudor, tingiam-se com tinta de urucu.

Pela continua guerra que faziam a todo aquelle que navegava pelo Amazonas; pelos assaltos que davam ás aldêas, principalmente de Saracá, hoje villa de Silves, e Itacoatiara, hoje villa de Serpa, varias expedições marcharam contra elles, ordenadas pelos governadores do Pará e rio Negro; expedições que traziam-os ainda mais foragidos, porém que os tornava mais crueis e vingativos. Destas expedições nasceu o odio de morte que votam aos brancos, que de geração, em geração tem passado até nossos dias, fazendo com que evitem e fujam do homem; que lhes prestem serviço algum, e vinguem-se sempre que o podem.

Conseguiram pacificar, mais essa tribu os missionarios carmelitas; porque então divididos, dizimados pela guerra que se lhes fazia, não podiam fazer frente como anteriormente. Era tal, porém, o estado de depravação de costumes em que estavam ainda em 1788, que quando D. Frei Caetano Brandão, bispo do Pará e depois arcebispo de Braga, fez a sua quarta visita pastoral ao sertão, os comparou a uma «manada de porcos.» Outr'ora os principaes tinham até oito e mais mulheres, hoje porém, não gozam dessa indecente e anti-religiosa prerogativa.

Modificada um pouco em seus costumes, comtudo ainda hoje a tribu vive errante; não roteia a terra, emprega-se no latrocinio, entrega-se á embriaguez e foge

do homem civilisado; porque nelle não vê senão um inimigo. Buscam a solidão, porque ahi podem se entregar aos braços da preguiça.

O typo, hoje, como outr'ora, do indio Mura afasta-se dos de mais do valle do Amazonas. Muito trigueiros, cabellos crespos, barba cerrada e crespa, quasi que geralmente, nos mostra que essa tribu desde tempos immemoriaes, tem servido de refugio a desertores e pretos fugidos, e que com cruzamento destes, tem resultado as modificações do typo primitivo.

Não furam mais os labios, só conservam a pintura; a sua giria é uma linguagem especial por meio de assovios, propria de homens traiçoeiros, e que não é usada por nenhuma outra tribu do Brasil.

Por meio de gaitas (*Yúa*), canudos de taboca fina com 4 furos, ou por assovios com a boca, de longe conversam, previnem, chamam, etc. de maneira que não é possivel a sua comprehensão. Não são inclinados á musica; os seus instrumentos são uns torés e essas mesmas gaitas. O tom maior não existe nas suas musicas.

Usam de maqueras de 6 palmos de comprimento feitas de fios de algodão, onde dormem ás vezes uma familia. Suas armas são o arco (*choé*) e de quatro especies de flechas. A de passaro, (*epúe*); a de animaes grandes ou para gente, (*ecauencaen*); a de peixe, (*poraen*), e a para tartaruga (*eitiuí*). Os arcos são grandes, maiores do que um homem e semi-arredondados; a primeira das flechas, tem a ponta com uma ordem de dentes disticos e alternos, feitos em madeira forte; a segunda tem lança feita de taboca, de uma especie por elles chamadas *caramury*; a terceira, tem uma longa ponta de madeira rematada por um dente feito de osso de canella de veado ou macaco, e a quarta é a sararaca. Todas estas flechas são empennadas com pennas ou de mutum ou de cigana. Não têm religião alguma, e como diz o finado bispo citado: « não rendem adoração nem ao sol, nem á lua, nem a páo, nem a pedra, nem finalmente enxergara nelles acção por onde se

descobrisse este sentimento, sendo todas dirigidas á conservação do corpo. »

Como os indios Mauhes tambem preparam e tomam o paricá, porém, de um modo differente e muito mais barbaro. Antigamente esta festa, celebrava-se, quando algum indio attingia á maioridade; porém hoje celebra-se annualmente, em algumas malocas, ainda não tocadas pelas aguas do baptismo e civilisação, no mez de Junho de cada anno. Caçadas e orgias, acompanhadas de libações de cachiry e caysuma, precedem a festa do paricá (*A'-uin*) emquanto se prepara a casa ou ramada especial para ella (*birupiça*). Quando começa o *puracé,* como geralmente se exprimem os indigenas, as mulheres preparam as bebidas e o beijú de mandioca puba, *payauaru*; assim como o fabrico do paricá que é reservado ás mais velhas da tribu. A dança é só privativa dos homens.

Antes de descrever a festa convém mostrar como é elle fabricado, para que se possa notar a differença que ha do dos indios Mauhes.

Colhidas as sementes maduras do paricá, *mimosa acacioïdes,* são socadas em um pilão de madeira (*Tuá-ain*); quando estas pelo oleo que contem, não formam mais do que uma pasta, juntam a cinza da casca do cacáo-râna *theobroma sylvestre,* e depois de bem amassada, formam uma especie de beijú de 3 pollegadas de comprimento, que entre a abertura de um páo fino rachado é levado ao calor do fogo para seccar. Secco este é novamente socado em outro pilão chamado *quên-uê* e o pó guardado em um buzio, que se denomina *tiusepôe*.

Começa a festa por uma flagellação, em que dous indios se fustigam mutuamente com galhos seccos, ou chicotes feitos com couro de anta, peixe boi ou veado. Outr'ora amarravam na ponta uma pedra ou outra qualquer cousa que ferisse. Emquanto um fustiga á vontade, o outro de braços abertos, recebe as chicotadas esperando a vez de passar de paciente a algoz.

Dura esta ceremonia ás vezes seis dias, conforme o numero de rapazes que têm attingido a virilidade. A noite todos os que foram açoutados, tomam o paricá ou aspirado em pó, ou dissolvido n'agua em clysteres. No meio das danças, as velhas que preparam o paricá, enchem um tubo de taboca de pó, passam-o a um dos dansantes; este applica uma das extremidades do canudo em uma das ventas de um companheiro e sopra pela outra, ou recebe uma seringa de borracha cheia de paricá dissolvido em agua fria e no meio da dansa applica o bico da seringa no companheiro, fazendo desapparecer todo o liquido. Quér de uma, quér de outra fórma, os effeitos são horriveis; e são tão violentos que muitos morrem suffocados, outros cahem sem sentidos e os que resistem continuam a dansar. Pelos esteios da ramada dependuram arcos e mólhos de flechas para aquelles, que, suffocados pelo paricá, não podem continuar a dansar, passeiarem pelo terreiro com estes instrumentos. Geralmente o effeito do clyster é produzir uma embriaguez feroz.

Felizmente, este uso barbaro vai desapparecendo, porém ainda é usado nas malocas do Urubú, para onde affluem nessa época, grande numero de indios de outras malocas dos rios Amazonas e Madeira.

Pelo casamento, nenhuma ceremonia ha, a não ser grandes libações no dia em que o pai traz a filha para casa do noivo; que para obtel-a é obrigado a trabalhar antes para o futuro sogro.

Consiste este trabalho em fazer alguma montaria, roça, etc., e edificar uma palhoça para a futura noiva.

O enterro de seus mortos, tambem não é precedido de ceremonia alguma. Abrem covas (*bibiabé*), e sobre uma esteira estendem o morto, e cobrem de terra.

Desprezados pelos homens, fugitivos, esta tribu evita o contacto com o civilisado; uma profunda melancolia, certa tristeza, que dá ares de quem chora, substituiu a indole semi-guerreira de outr'ora. Não é, porém, o medo, que os faz fugir, mas o odio, e o não poder

vingar-se. Não é raro ver-se uma canôa tripolada por Muras, conduzindo o homem civilisado, ver-se de repente abandonada á mercê da corrente, por saltarem n'agua os tripolantes; que, mergulham e vão sahir em terra: ou encostadas em um lugar deserto, procurar o patrão pelos seus remeiros, e ver-se só. Assim vinga-se ainda hoje o Mura, da perseguição colonial.

Os homens são de bonita estatura, fortes e musculosos; assim como as mulheres, que em falta de belleza são dotadas de gordura que as torna ainda mais immundas.

Não havendo cruzamento com outros indios, dizimados pelas sezões que geralmente soffrem, pela vida passada nos igapós e pelos máos passadios, essa tribu vai desapparecendo e em breve estará extincta.

Sahindo desta maloca, fui a outra que lhe fica proxima, onde só encontrei um velho e uma velha, vendo por toda a parte o mesmo estado de miseria.

Entre as duas, fica á margem do rio em uma ilha fronteira o cemiterio, que não é mais do que um pequeno roçado, com elevações de terra que indicam as sepulturas.

Tomando por guia um dos indios, que tinha ido até a primeira cachoeira, mais dous quizeram me acompanhar, o que accedi de boa vontade. Seguiram-me em uma montaria propria, porém, temendo eu alguma traição, passei dous para minha canôa, e mandei um dos guardas, servir de piloto na delles.

Foi-me de muito proveito o indio, porque a elle devo o nome dos principaes lugares até á cachoeira. Durante toda a subida, mostraram-se sempre muito satisfeitos, por irem conhecer o rio, que, disseram-me, nunca subiriam por temerem os gentios, que ahi habitavam.

Sahindo da maloca já tarde, horas depois tive de procurar uma margem para nella passar a noite. Depois de atravessar o lago, onde sahi depois de ter passado por um igapó, que fórma um atalho, conhecido pelos Muras, encostei a uma ponta de terra que apparecia, para nella pernoitar, porque o mais estava alagado, apparecendo

só a copa da vegetação. Até ahi o rio que corria sempre parallelo ao Amazonas, afasta-se delle e procura o N., seguindo a direcção de ONO. O ponto em que o rio se afasta corresponde no Amazonas com o Paraná-mirim da Eva. Desobstrue-se o rio de ilhas, apparecem as margens com terras firmes, conservando comtudo uma largura de um quarto de milha. Na margem direita do Igarapé Tabocal, que ahi desagua, tambem na margem direita, o terreno torna-se montanhoso terminando ahi uma serra que vem do N. onde encontrei uma frondosa e altaneira arvore do genero *anacardium*, vulgarmente chamada *caju açu*, que acabava de dar fructos, podendo ainda colher dous. São inteiramente iguaes aos do *anacardium humile*, que cresce nos campos de Minas Geraes. Não pude examinar a flôr por não ser época da florescencia, de maneira que não sei que caracteres apresentará para constituir uma nova especie.

O seu porte gigante, a elegancia da disposição dos galhos, o numero de folhas que o torna uma arvore copada, e a particularidade de tomarem todas as folhas novas uma bella côr de rosa, que faz com que de longe pareça estar coberto de flôres dessa côr, que nada disso se dá nas especies *occidentale* e *humile* faz com que possamos consideral-a uma especie nova. A circumstancia de não medrar em terrenos descobertos, como são os campos e *caatingas*, e de procurar o meio das florestas, onde se eleva, contribue para que eu a considere como nova especie, não a vendo descripta em prodromo algum. Cresce em terreno silicoso, e pelo seu porte, não devemos confundil-o com o *acajou* dos Francezes, que é uma cedrelacea, a *swietenia mahagoni*, L. e não uma anacardiacea. O fructo é amarello, e apezar de ser muito acido, o é menos do que o do *A. occidentale*, que espontaneamente cresce pelo litoral. O *anacardium braziliense*, como o denominei, cultivado, tornar-se-ha tão saboroso como o outro, e offerecerá mais a vantagem de produzir sombra, como as mangueiras, tão apreciadas em nosso clima.

A mata onde encontrei esta especie, é abundante em taboca, *bambusa*, de que se servem os gentios para a lança de suas flechas. O *Humiryum floridundum*, ahi tambem cresce, formando matas na margem opposta. A margem direita fórma uma costa elevada, que se torna montanhosa para o centro, onde apparece, nos lugares de terra preta a *Elaeis malanococa*, ou caiaué, dos indios; apparecendo em alguns lugares bosques de œnocarpus bacaba e Maximiliana regia. Nas partes mais baixas, onde a enchente alaga, crescem sempre as *Leopoldinias pulchras*, sobre as quaes a *Galeandra Devoniana* fórma soberbas soqueiras.

O ponto mais notavel que ahi se encontra, é o denominado *Oapuc Itá, (pedra assentada)*, que não é mais do que um promontorio que se estende da margem direita. formado de rochas de grés argilloso sobrepostas umas ás outras; elevando-se acima do nivel do rio, na vasante 7 metros, emquanto que pela cheia as aguas chegam a pol-o, abaixo do seu nivel, quatro. Nesta época a margem fica então sobranceira. E' montanhosa, e coberta de vegetação rarefeita. Cobre litteralmente o solo a *selaginella*, e a *Marattia*, crescendo em lugares mais sombrios, produzidos por declives ou anfractuosidades do terreno, lindas moitas de uma *Schizaecea*, de um genero, que, se bem tenha muita affinidade com o *Lygodium*, delle afasta-se pelas fórmas e modo de reproducção. Será novo genero? Eleva-se ahi bem na ponta um lindo *Callophylum Braziliensis* (*jacaré-uba*), uma das *Clusiaceas* que ahi mais abunda; o seu leite que a principio é amarello esbranquiçado, depois de coagulado e exposto ao ar, toma uma linda côr de enxofre. Emprega-se em emplastros para dores de luxações ou torsões. Daqui para cima as margens cobrem-se de uma *dalbergia*, de flores rozadas, que lhe dão um lindo aspecto. A' esquerda, na parte arenosa que acompanha o rio em alguns lugares, cobre-se de astrocaryum acaule e de *cyperaceas*, emquanto que nos banhados pelas agnas ou naquelles mais elevados, abunda uma *sapotacea* do

genero *lucuma*, vulgarmente chamado *caramury*. Ha duas especies a da vargem e da terra firme, ambas dando fructos, que são saborosos. Não fructifica annualmente mas sim com intermitencias, ás vezes de cinco annos. Dizem os indigenas que só fructifica quando morre algum *pagé!* (1).

Depois de curvas muito pronunciadas, o rio que corre sempre com uma largura uniforme, alarga-se repentinamente e fórma uma extensa e larga bacia. Quando entrava nessa bacia, estranhei a vegetação que cobria a parte elevada da curva da margem esquerda, que fica entre dous igarapés e dirigindo para ahi a canôa vi que havia vegetação differente muito rarefeita.

Desembarcando, comecei a correr esse espaço onde encontrei muitos Elaeis melanococca, bactris e cecropia adenopus; formando a *selaginella* um tapiz em toda a extensão. A duas braças do rio (na maior enchente), encontrei um espaço cavado, em roda do qual, viam-se alicerces e pedras de muralhas; que desmoronadas com o tempo umas cahiram para dentro, e outras formaram da parte de fóra como que uma parede, pela queda de umas sobre outras. Domina essa ruina a entrada da bacia, assim como toda a extensão do lago e suas margens; por ficar em uma ponta elevada e muito saliente. Mede o espaço limitado pelos alicerces, cinco metros de diametro, e o todo affecta mais ou menos a fórma de um coração, sendo a parte aguda para o interior. A descoberta de mais um espaço cavado em fórma de circulo, a poucos passos da ruina; alguns fragmentos de louça de barro, fizeram-me crer que ahi foi a extincta missão de S. Pedro Nolasco; fundada, como vimos, por frei Raymundo; e, que essas ruinas não eram mais do que as do forte, começado em Agosto de 1665, junto á cerca da casa da residencia do missionario, como nos diz a tradição; com o fim de proteger a mesma missão dos assaltos dos gentios.

(1) O medico, adivinho; embusteiro que nas tribus exerce esta profissão, dizem que inspirado por um espirito. Todos o respeitam.

Não admittia esse fortim mais do que uma peça, que empreguei esforços para ver se a encontrava, sendo debalde, todas as pesquizas. Era um grande fóco de luz, que se extinguiu pelo assassinato do seu missionario frei João das Neves, como já vimos. Desta data só os arauaquis ficaram habitando o baixo Urubú. Em roda das ruinas do forte crescem soberbas soqueiras de *griffinias*, e por toda a mata a *tachia guianensis*, Aubl. vulgarmente chamada *caferana*.

Dista a táuaquera de S. Pedro Nolasco, 134 milhas da villa de Silves.

Para perpetuar a lembrança dessa extincta missão, que já desappareceu da memoria dos vivos, dei o nome a essa bacia, de lago de S. Pedro Nolasco, adoptando o termo de lago, que vulgarmente na provincia se dá a todas as bacias formadas pelo alargamento dos rios. Bonitos herizontes apresenta ahi o rio, que estreita-se para mais longe formar outra bacia menor, e intitulada lago Maracárana, nome tirado de uma myrtacea do genero *psidium*, que ahi cobre as margens, e pela vazante estende-se pelas praias.

Algumas pequenas ilhas matizam as aguas, que as reflectem tão bem como o faria o melhor espelho. Ambas as margens são elevadas, formando em cima grandes planicies arenosas, com vegetação baixa e carrasquenta.

No ponto que denominei Barreiras, onde o rio inclina-se para O N O á margem esquerda forma uma alta barreira, onde desembarquei para examinar a planicie.

A vegetação ahi é a dos campos, muitas *plumerias*, *myrtus*, *hirtella*, *lavoisieria*, que formam baixos capões, que se estendem muito rarefeitos de maneira que toma o aspecto de uma restinga. Cobre quasi que litteralmente o sólo, cinco especies de *lichens*, formando lindos taboleiros, que formam uma alcatifa, onde medram varias *bromelias*, *ananassa* e *pitcairnia*, que se apegam tambem aos troncos. Duas especies de *epidendrum*: uma o *epidendrum ionosmum*, que estava então em flôr, e outra

sectio *amphiglossium*, formando lindas soqueiras, encontram-se no sólo, debaixo da vegetação. Dos galhos pendem as *scuticarias Steelii* e raramente uma ou outra *cattleya superba*. A aridez do sólo não permitte que ahi medrem as gramineas. A arêa alva que cobre a extensa planicie, dá encanto, á vista do naturalista que a traz cançada de ver tantas florestas. A temperatura é muito elevada, e se bem que os ventos soprem, o calor é insupportavel.

Deixando esse ponto, segui viagem, parando aqui ou alli, para colher ou examinar alguma planta. As sinuosidades do rio, os diversos aspectos que toma, ora espraiando-se pelas florestas, ora apresentando costas elevadas e mesmo montanhosas, recebendo aqui igarapés, formando enseadas mais longe tornam-o muito pittoresco. Convem notar que não anima a natureza nesta região aquelles bandos de passaros que cruzam o espaço do lago da Gloria para baixo. Aquellas especies já mencionadas desapparecem completamente, só as araras, principalmente a *ara arauna*, ou canindé que não é vulgar para baixo, á tarde e de manhã, quebram o silencio com seus gritos. As aves aquaticas, não se vê, á excepção dos patos, *adem*, corocoró, *Ibis melanopis*, é que ahi abunda. E' semelhante ao guará, porém negro esverdeado, com o bico e pernas verdes e os olhos pretos. Dizem os indios que quando elle levanta a cabeça para o céo, morre immediatamente! Só o aracuan em sociedade, com o seu canto e a trocal, *collumba*, com seus gemidos, despertam o homem ao alvorecer. O mutum, *mitu tuberosa*, e o cujubim, *penelope*, de abundante e facil presa, offerecem ao caçador horas de distracção, quando despreze encontrar-se com a anta, *tapyrus*, que lhe vem ao encontro, quér em terra, quér pelo rio. Os coatás, *atteles paniscus* e guaribas, *mycetes seniculus*, divertem as margens com seus saltos, assim como bandos de *cebus cirhifer*, vulgarmente chamado macacos de prego, apparecem com frequencia. Os macaquinhos de boca preta, *chrysothrix sciureus*, que abunda pelos igapós, no baixo

Urubú, aqui desapparecem. Emfim, até a *ariramba, alcedo*, e a arirana, *alcedo viridi*, que abunda em quasi todos os rios do Amazonas, aqui desapparecem. No centro das florestas ouve-se o tucano, *ramphastus*, e uma *tanagra* de que já fallei, muito vulgar nas matas centraes de todo o Amazonas.

O curso do rio começa a ser cheio de sinuosidades, com as margens, ora alagadas, ora elevadas e arenosas, formando para o interior florestas onde abunda a copahyba, *copayfera multijuga*, assim como outra cæsalpinia, vulgarmente chamada *araratucupy*, de cujos fructos sahe do epicarpo em fórma de legrimas brilhantes, uma gomma resinosa. As araras comem as sementes.

Em alguns pontos á margem apresenta grandes barreiras de gneis em decomposição e pedreiras de rocha argillosas; entre ellas uma que substitue pela sua grande consistencia, o calcareo denominado marmore de Portugal, e que pela sua côr se torna propria para obras de gosto. O gesso ahi se apresenta em abundancia em grandes blocs, desafiando a industria. Algumas destas barreiras são cobertas de conglomeratos, unidos por cimento argilloso. Quando passava por uma dellas a que denominei Pedreira da Onça, fui assaltado por um destes animaes. O rio ahi já estreita, tendo comtudo de largura 180 metros, e offerece uma curva de pouca extensão.

Entrava nessa curva quando senti o ruido de um corpo que cahia n'agua. A cerração que começava a levantar-se, e que todas as manhãs tudo cobria, deixava apparecer um vulto que para a canôa se dirigia com a cabeça de fóra. Suppondo ser anta, mandei remar para elle, porém um grito da tripolação: é onça! trouxe a confusão a bordo. Tomando a minha arma e seguindo para a prôa da canôa com meu companheiro Saldanha, este deu-lhe um tiro, que não acertou. O animal então sobrenadando, apresentou meio corpo fóra d'agua, estendeu-nos as garras, bufou com raiva e com mais força nadou para nosso lado. Então, sendo emi-

nente o perigo, porque alguns minutos mais elle estaria comnosco, a um tempo eu e um camarada fizemos-lhe fogo. Deu um urro e mergulhou, com a cabeça traspassada pela carga. Tomando-a pela cauda, remou-se para a dita pedreira, e ahi foi atirada em terra ainda semiviva.

Era uma çuaçuarana, por corruptella sussuarana, ou puma do Brazil, denominada *Yauara-eté caiarára*. Pelo estudo que tenho feito da lingua geral, pela necessidade de conhecer a significação dos nomes das plantas, e por alguma pratica adquirida entre os indigenas do Pará e Amazonas, descendentes de varias tribus , não posso admittir a etymologia que apresenta na sua obra *Climats, geologie, faune e geographie botanique du Brésil* o distincto Dr. Emmanuel Liais.

Naturalistas brasileiros não têm corrido o Brazil ; só estrangeiros o têm feito. Esses em geral não entendem o portuguez, e se o entendem é mal, por isso sempre muitos nomes são alterados ; uns pelo som e valor das letras nos seus idiomas, outros mesmos por não entenderem a pronuncia. O brazileiro mesmo só depois de alguma pratica póde entender o indio, que é o que tem feito a nomenclatura, de nossa flora e fauna, seguida depois pelo homem civilisado, ás vezes já alterada. Diz o referido autor que *sussuarana* é uma alteração de *sucuacuara*, assim como *Guazouara*, de Azara, e *Soasouarana*, *Couagouacuara*, *Çuguacarana*, *Cougouara*, trazidos da Guiana por outros viajantes, é tambem alteração de *Cougoar*. Nesses nomes nota-se que, além da falta de orthographia indigena, como escrevem os mestres, ellas estão escriptas com o valor da letra do alphabeto francez. Poderei estar em erro, quizera o estar, mas, quanto a mim, a verdadeira etymologia é *çuaçu* (1), veado e *rana*, falso, não verdadeiro, isto é, que tem a côr do veado, mas não o é. Com effeito, as çuçuaranas tem a

(1) Corruptella de *ceça*, olho, e *uaçu*, grande, que caracterisa aparticularidade dos grandes olhos do veado.

a côr de alguns dos nossos veados. O derivar-se de *su* o sustento *çuacu* cobrir, e *ara* final para marcar o habito, acho que não tem razão de ser, apezar de ser uma bonita etymologia; porque, ainda que adopte a orthographia, será: *çuaçu*, veado, e *couara* ou *coara*, buraco, cova. Ha, é verdade, a terminação *ara*, que é um ablativo verbal, mas esta sempre que o verbo acaba em vogal toma a letra *ç*, por exemplo: *iucá*, matar *iucaçara*, o assassino; é uma regra que só tem uma excepção, que é *iauara*, cão. Se *çuacu* é cobrir, devêra então ser *Çucuacuçara* e não como os viajantes estrangeiros escreveram. Interpretando a etymologia de *çuaçuarana* ou *çuçuarana*, pela nossa lingua geral, parece-me que a verdadeira é a que apresento, e é explicada no valle do Amazonas.

A etymologia que o mesmo autor dá para jaguar, sendo exacta, não exprime comtudo o pensamento do indio. De *ya* « esmagar com os pés immediatamente » ou « de uma vez » e *uá*, do verbo *u*, comer, com a posposição da letra *a* para indicar energia na acção, *devorar*, fizeram os indios *ya-u-ara* ou *Iauára*, *cão*, ou como diz o mesmo Dr. Liais, « o que devora, o carniceiro. » O indio differença o *cão* da *onça*, fazendo ver que é um *cão*, ou carniceiro—*yauára*, porém que tem por habito devorar, que é verdadeiro (*eté*), e sempre dizem *yauára-eté* ou abreviando *yauarité*. Por euphonia é que os estrangeiros introduzem a letra *g*, pronunciando jaguar, assim como se tem mudado todos os *y* das palavras que se escrevem com esta letra por *j*, que não existe no alphabeto indigena; exemplo: *jussara*, coceira, por *yussara*; *jurará*, tartaruga, por *yurará*, etc.

A palavra *jaguar* é um termo que não é originario do Brazil, se bem que derivado da lingua indigena; é um gallicismo introduzido na lingua geral. E' raro, mesmo nunca ouvi pelos naturaes, nas provincias que tenho percorrido, dizer-se *jaguara* ou *jaguara-eté*. Na minha humilde opinião entendo ser verdadeira a etymologia, quando se refere á parte do termo que compõe o que o indio quer exprimir, mas não explica todo, nem para

mim como brazileiro é a origem da palavra franceza *jaguar*. Henri W. Bates assim o entende tambem, pois que em uma nota da pagina 109 da sua obra *The naturalist on the river Amazon*, diz « The old zoologist Marcgrave called the Puma the Cuguacuarana, probably, *the c's being solft*, a mispelling of Sussu-arana ; hence the name Cougouar employed by Freench zoologist, and copied in-most works on natural history. »

No valle do Amazonas são conhecidas seis especies de onças ou jaguares, distinctas ; havendo outras que tem tomado varias denominações, mas que são resultantes de hybridismo. Adoptando a classificação do autor acima citado, que já era muito necessaria, temos: a onça pintada ou verdadeira *(Felis yauarité*, Liais e *F. onça*, L.) adoptando-a com a orthographia indigena ; a *pacúa-sororoca* (F. *yaguapará*, Liais) que outros chamam *uru* (1) *yauara ;* a *yauarauna* (2) (F. *jaguatyrica* Liais); a *çuaçuarana-été*, (F. *sucuacuara* Liais); a çuçuarana de lombo preto (F. concolor, Liais) e a *yarara-eté caiarara*, que descreverei.

As raças hybridas são : *yauarité tauá* (3), semelhante a F. *yaguapará*, porém mais pintada e com as mãos brancas ; a *piranga* (4), semelhante ao F. *jaguatyrica*, porém avermelhada e sem manchas.

Além da especie, que vou descrever, e que não estava ainda classificada, ha uma outra especie muito rara e que dizem ser a mais terrivel, o *tigre pintado* ou *murutinga* (5). E' negro avelludado, com manchas semelhantes as da F. jaguarité, porém brancas. Paul Marcoy, na sua *Viagem á America*, falla delle e pessoas circumspectas me affirmaram ter visto, porém eu não tive occasião ainda de ver nem se quer couro algum.

(1) Uru, passaro deste nome, *odontopherrus guianensis*, que tem a cabeça e o corpo pintado miudamente.

(2) Preto.

(3) *Tauá*, amarello.

(4) Vermelho.

(5) Branco.

Distincta das duas especies de çuaçuranas conhecidas, é a cayarara, não só pela côr constante de seu pello como pelo tamanho e instinctos ferozes. Do porte da *F. concolor*, afasta-se desta pela sua cor cinzento-amarellada, pela ausencia completa da listas negras no dorso, e pelas duas listas negras que lhe ornam o pulso interiormente. Esta côr é constante quér nos machos quér nas femeas, tendo estas as listas quasi apagadas.

A côr que a distingue é a seguinte: da nuca á raiz da cauda amarello avermelhado, tornando-se amarello cinzento para os flancos; a cauda cinzenta com uma pinta negra na ponta; o ventre e aparte interior dos braços e pernas brancas, côr que se prolonga até ao beiço do queixo inferior, rodea os cantos da bocca a 0,02 dos olhos e envolve o beiço superior; a cabeça é cinzenta amarelada, tendo tod a a orelha pela parte externa preta o pela linterna ornada de pelos longos amarellados. Os cilios são negros, os supercilios brancos longos e em numero de tres, as barbas brancas sahindo de um pequeno circulo, de pellos pretos, que rodeiam-lhes as raizes e marcam bem sobre o branco o lugar dellas. Medem de comprimento 1,2 a 1,^{m}3, sem a cauda, sobre 0,6 de altura. São esguias porém tem os braços forçosos e no pulso, onde pela parte interna, tem constantemente duas listas negras de 0,03 de largura, separadas uma da outra por igual distancia, medi, no individuo de que trato 0,09 de largura. Os olhos são negros e fascinantes assim como a epiderme das ventas. E' considerada como a mais temivel das onças e comparada ao impropriamente chamado *tigre negro*, (F. jaguatirica. Liais) porém mais traiçoeira e arrojada, sobretudo quando movida pela fome. Aproximando-se pela cor á F. jaguapara, afasta-se pelo tamanho, e pelas differenças apontadas e sempre constantes. Como todas as onças, tem o costume de guardar coberta a preza por folhas em lugares occultos, como buracos, grutas, etc. differençando-se esta em esperar que ella apodreça para comel-a.

E' mister ter fome para devorar logo toda a presa, mas, levada pelos seus instinctos ferozes, nunca despreza,esta ainda que saciada. Esguia como a *F. concolor* tem comtudo como disse um desenvolvimento nos braços, comparativo ás outras especies desproporcionados. Diversos couros que depois examinei sempre, mostraram-me as mesmas differenças comparados com os das outras especies. O individuo em questão éra do sexo masculino e pelos caninos um pouco gastos e incisivos que tinha perdido, mostrava ser velho. O nome vulgar de *caiárára*, é allusão feita á côr do macaco que tem esse nome o *cebus gracilis* de Spix. O nome caiárára, é uma corruptella e abbreviatura de *caá*, mato *iara*, senhor, juntando-se a terminação *ara*, para dar força e mostrar o instincto, do animal, querendo dizer: *aquelle que é senhor do mato.* Com effeito o macaco caiárára, procura sempre o centro das matas, é difficil de domesticar-se e alimenta-se exclusivamente de frutas. Não vendo ainda classificada esta especie, que tem caracteres para assim consideral-a, entendi fazel-o dando-lhe para nome especifico, o vulgar, chamando-a portanto *Felis caiarara.*

Astuciosa como as suas congeneres, é comtudo mais arrojada e não foge do homem como as outras ás vezes o fazem. Em geral tem os mesmos habitos das outras e alguns que são vulgares, e tem sido muito presenciados no Amazonas, convém aqui indical-os. Não fallando no destroço que fazem no gado, ás vezes arrastando até garrotes, que é vulgar em todo o Brazil, menciono só os que são proprias da natureza do Amazonas.

Com astucia, paciencia e força, faz ella caça á anta, ao veado, ao macaco, ao jacaré, ao peixe boi, ao peixe electrico e até a outros peixes. Occulto sobre os troncos das arvores, que ficam sobre os bebedouros das antas, ou na passagem para elles que é sempre a mesma, ella sorprehende-a, saltando sobre o dorso e nelle se agarrando. Vendo-se sorprehendida e presa; não tendo armas para lutar, procura ver-se livre da sua inimiga, atirando-se pela floresta, roçando-se pelos troncos em

uma corrida vertiginosa, que tudo leva ante si, porém, matreira a onça, volta-se para o ventre e ahi encoberta e protegida, emquanto sangram as fundas feridas, que vai fazendo com os dentes, com uma das garras segura o focinho da anta e dobrando-o, segue assim até, ou quebrar o pescoço da mesma ou cahir extenuada. Matando-a, devora-a em parte e arrasta o resto para abrigal-o, conservando-o até ter fome novamente.

Trepada sobre as arvores faz caça ao veado, como faz o indio trepado no seu *mutá* (1) ou espera. Apenas o veado passa, ella ligeira salta-lhe em cima e o despedaça. Mas, se, ou por errar o salto, ou por ter presentido-a, a pobre victima foge, nem por isso se salva. Corre veloz o veado pela floresta, ella tambem o faz em outra direcção e cortando-lhe a frente sobre elle se precipita. Se ainda a tempo elle a evita e foge, ella repete a scena ou occulta-se, não perdendo de vista a presa. Extenuado elle então pára, nada vendo, mas sempre sobresaltado pasciga a trote; ella então de manso, cosida com o chão, veloz o segue até precipitar-se sobre elle.

Quando, encontra-se com um bando de macacos, trepa na arvore e de galho em galho pulando, os apanha, saltando de cima com a presa nos dentes, cahindo sobre os 4 pés.

Chegando á margem de um rio, vendo um jacaré na praia ou nadando, dá um urro. Este, julgo que fascinado, cahe n'um entorpecimento que não se move; então ella mansamente se dirige para elle ou nada e vai buscal-o no rio, e trazendo-o para terra, depois de fazer-lhe negaças com um gato com rato começa a devoral-o pela cauda. Tive occasião de ver um grande jacaré sem cauda, que affirmaram-me ter sido comido por uma onça e pessoas de todo o criterio têm presenciado factos desta ordem. A caça do peixe boi, *manatus ama-*

(1) Armação de páos altos, sobre a qual espera o caçador pela caça.

zonicus, é a em que ella mostra-se temeraria. Como conhece os costumes deste cetaceo sobe a uma arvore sob a qual o rio passe e tenha gramineas e espera queda que este venha comer. Apenas este põe a cabeça para fóra, ella passa-lhe as garras e o suspende; se é pequeno leva-o para terra, e se é grande afunda-se com elle agarrada ao dorso. Admira o tempo que leva lutando, debaixo d'agua até enfraquecer ou matar a sua presa, que depois é levada para terra. O proprio puraquê ou peixe electrico, serve-lhe de alimento e o pesca quasi como o outro.

Quando apparece algum na sua espera, passa-lhe as garras e rapidamente o vareja para terra. Ahi por muito tempo luta com elle, por não poder agarral-o, pelos choques repetidos que recebe; porém, afinal este, retalhado pelas unhas, succumbe. Assim como o indio, com a sua *gapunga*, engana o peixe, assim tambem, com a cauda, o faz a onça. No tempo em que as arvores fructificam, os peixes acodem á margem e esperam pela queda da fructa n'agua para apanhal-a, então os pescadores com uma bola, quasi sempre feita de osso de peixe boi, como já disse, amarrada no extremo de uma linha preza a um caniço, bate com ella n'agua imitando o baque da fructa e põe o anzol iscado com fruta; o peixe ouvindo o baque, salta a apanhar a fructa e fica preso. A onça faz o mesmo: deita-se sobre um tronco, e com a cauda bate compassadamente a agua; o peixe afflue, sóbe á tona, e é agarrado e logo devorado. Cheia de astucia, lutando com animaes, de maior corpo, morre comtudo abraçada e presa pelas unhas do tamanduá-bandeira, *myrmecophaga jubata*, quando o ataca. Ahi succumbem quasi sempre ambos. O animal porém que ella mais teme, e só ataca quando o acha desgarrado é a lontra, *lutra braziliensis*. Se por acaso ella apanha uma, cujo bando está proximo, lavra logo sua sentença de morte. O bando acode aos gritos da que foi presa, e fazendo um cerco á agressora, com seus afiados dentes, acabam por dilaceral-a; ficando com-

tudo no campo de batalha algumas victimas, que mais acendem o furor das companheiras.

Deixando de parte este assumpto a que fui levado, continuarei, na minha descripção.

O rio que até ahi vem se estreitando gradualmente, principia a ter uma corrente forte, trazendo, grandes flocos de espuma. Conserva as margens uniformes, com uma vegetação baixa, apparecendo aqui e alli algumas pontas de praias, de areia fina e alva. Algumas milhas acima da barreira da Onça, apresenta-se imponente a primeira cachoeira. Formada de tres pancadas, precipita-se n'uma enseada semi-circular que ahi faz o rodamoinho das aguas pela enchente, formando remanso pelas margens.

Tres ordens de recifes, formam as quedas ; a primeira segue o rumo O N O emquanto que a corrente se dirige para o N a segunda para o mesmo rumo, levando a corrente o de N N O e a terceira cuja direcção dos recifes é a mesma da corrente isto é N N O. As aguas que pela cheia, cobrem esses recifes, formando uma corredeira marulhosa, pela vasante deixa-os de fóra, fazendo com que transforme-se em cachoeira, que apresenta a primeira que da 5 metros de elevação, segundo o calculo que fiz pelo declive do rio e pela sondagem. Não podendo vencer, á força de remos, a impetuosidade da corrente, pela margem direita, consegui pelo remanso da esquerda.

Atravessando com grande custo e perigo para a margem opposta, onde o terreno offerecia mais facilidade para a subida, consegui ahi chegar, sem poder avançar. Agarrados aos galhos, quasi exhaustos de força os remeiros, fizeram um ultimo esforço e conseguiram amarrar a canôa. Sem pratica de subir cachoeira, desanimavam, quando assumi então a direcção animando-os. Não havendo cordas, para servir de sirga, ordenei a uns que fossem ver longos e grossos cipós ; a outros que cortassem varas para zingas e ao resto que desobstruissem a margem dos pequenos galhos, que

sobre as aguas se debruçavam pela margem. Emquanto procuravam esses accessorios, sem o que não se subiria, correndo a floresta que ahi se apresenta como capoeira, deparei, com innumeros pés de limoeiro, *citrus*, uns ainda novos e outros nascidos das raizes dos primitivos que haviam desapparecido.

Não tendo achado nenhuma destas aurantiaceas no lugar das extinctas missões, julgo não ser esse indicio de plantação contemporanea dellas. A fama de que alguns rebeldes de 1835, perseguidos pela legalidade, ahi se tinham refugiado com suas familias, faz-me crer que foi ahi o ponto escolhido por elles para seu refugio. Fica sobre uma pequena eminencia abaixo da primeira queda, com a frente para SE.

Depois de promptos os preparativos para subir, puz-me em marcha, indo alguns remeiros por terra sirgando a canôa, e outros com a zingas na mesma, escorando-a. Tres longas horas levei a passal-a, porque acima das quedas o leito é todo obstruido de rochedos, que tornam a corrente muito marulhosa. A impetuosidade ahi das aguas faz medo. Pela margem, longe do fio da torrente, pois tem ahi o rio de largura 300 metros, marcou-me a barquinha seis milhas por hora. De pé na prôa da canoa, para com minha presença animar a tripolação segui sempre, porém um frio glacial corria-me pela medula dos ossos. Tinha os olhos em Deus, e uma fé robusta me animava. O pensamento de que em um momento podia deixar uma mulher na viuvez e filhos na orphandade, fazia-me pulsar forte o coroção, porém naquelle deserto tinha fé de que a Virgem, sob a protecção da qual tinha posto a exploração, não me desampararia.

Denominei essa cachoeira, de Nossa Senhora da Conceição, para perpetuar o auxilio que ahi ella me prestou.

Logo acima da cachoeira o rio começa a estreitar 100 metros e a variar a vegetação, cobrindo então as margens as *apocyneas* e gramineas, *tabocas.* As matas que são densas para o centro, pela margem são rarefeitas. Apparece ahi formando lindas soqueiras que embellezam

a paisagem, esbeltas *mauritias*, de uma especie não classificada e que denominei *mauritia amazonica*. De aspecto e habitos da *mauritia armata*, afasta-se della comtudo pelos fructos, que são do tamanho dos da *mauritia flexuosa*, porém mais oblongos e com as escamas do epicarpo do tamanho das da *mauritia armata*. Estava então em fructo, formando lindos cachos que pendiam com o peso.

Ahi o rio apresenta no ponto que corre de N N E. para O., na margem esquerda, uma elevada montanha, donde se despenham alguns pequenos regatos. Ahi vi uma *Mauritia aculeata* e um *œnocarqus pataná* e uma anonacea, vulgarmente chamada *surucucuenvira*. Apparece ahi tambem uma *allamanda* de flores brancas, que tambem se encontram abaixo da Cachoeira. Cerca de cinco milhas acima desta apresenta-se uma forte corredeira, que facilmente pelo remanso se passa á força de remos, e que pela vasante deve formar cachoeira, segundo indica o terreno e a sonda marcou.

Achei abaixo da linha de recifes tres braças e acima uma. Acima desta corredeira 4 milhas quando o rio ahi só tem vinte metros de largura, apparece uma linda praia, cuja ponta se une a uma linha de rochas que fórma ahi nova corredeira, porém menos impetuosa. Pelo facto de ter morto pouco antes uma anta que atravessava o rio dei a essa corredeira o nome de *corredeira da anta*.

A margem direita, é um pouco elevada e fórma para o interior uma extensa planice arenosa, onde medram *filices*, e algumas orchideas dos generos *epidendrum* e *cattleya*. Apresenta a vista de um deserto, que é amenisada pelas palmas da *attalea spectabilis*, ou *curuà piranga*.

A temperatura até aqui varia diariamente de 21° a 34° Cent. havendo sempre densa cerração, desde que amanhece até ás 8 horas da manhã.

D'aqui para cima as margens são sempre arenosas, e para o interior formam as mesmas restingas de que fallei; acima a vegetação torna-se mais infezada, desap-

parecem as *leguminosas* e *apocyneas* e cobrem as margens as *melastomaceas* sp. var.

A largura do rio vai variando sempre de 18 a 20 metros até a affluencia do rio *Urubú tinga*, que assim denominei por encontrar ahi algumas aves de rapina vulgarmente assim chamadas.

Fica esta affluencia a 25 1/4 de milha da cachoeira de Nossa Senhora da Conceição, na margem esquerda. Quatro milhas abaixo desagua na mesma margem um igarapé que denominei dos *Patos*.

O *Urubú-tinga* é o maior affluente que recebe o rio, na alta região, tem de largura 25 metros, igualando assim a largura que ahi apresenta a mãi do rio, como o vulgo chama, aos braços principaes dos rios. Dahi para cima o rio alarga-se a quasi 100 metros de largura, vindo já com um novo tributo d'aguas trazido por outros dous affluentes; um na margem direita, e outro na esquerda. O primeiro pela grande quantidade de Mauritias amazonicas, o denominei—*Caranã-y*. Fica 5', acima do Urubú-tinga, com a fóz para NE. emquanto que este tem a sua para o S. O segundo affluente que dista do Caranã-y 10', denominei-o da *Mbiára* (1) por ahi haver alguma, que farejavam os Urubús-tingas, e tem a sua foz para L.

Fallando pela primeira vez destas aves de rapina, propriamente dos sertões, chamada vulgarmente no sul Urubú-rei e no Amazonas Urabú-tinga (2), convem dizer alguma cousa a respeito da crença e virtude que ligam os indios a ellas. Tendo-se morto ahi uma destas, logo os indios que iam comigo tiraram as pennas das azas, com signaes de prazer. Indagando a causa, me affirmaram então, que toda a caça que fôr atirada com flecha empennada com as pennas deste ave, morrerá seja qual fôr a distancia em que estiver; assim como que todo o juiz ou devedor que despachar uma causa ou

(1) Assim denominam os indios á caça morta pelos cães ou pela onças. Pronuncia-se Embiára.

(2) Branco.

signar com essas pennas um titulo, dará sentença favoravel ou pagará sua divida. Respeitamos a crença, porque a falta de luz traz na cegueira e superstição os povos do interior.

Do Mbiara para cima o rio torna a estreitar-se; as margens são baixas e alagadiças; apparecem com frequencia o churu, uma *Lecythopsis*, de lindas flores côr de rosa; assim como a *Acacalys eyanea* e a *Cattleya Eldorado*. As aroideas epiphytas apparecem com frequencia embellezando o tronco das arvores.

Passando a parte alagadiça, o rio torna a apresentar margens firmes, cortadas por grande numero de rios e riachos, que vão formando o braço principal, que paulatinamente vai estreitando, e pelo declive do terreno vai apresentando uma corrente forte. O leito do rio que é arenoso, apparece debaixo da pequena quantidade d'agua que corre, deixando alguns lugares quasi seccos, e outros formando poços mais ou menos fundos.

Vendo o rio terminado, porque poucas leguas haveriam acima do ponto em que cheguei, resolvi voltar, não só porque para cima seria-me necessario arrastar a canoa, como tambem por me achar doente. Dezenove milhas acima do Urubú-tinga, na margem esquerda houve outr'ora uma maloca de indios, que ainda hoje é indicada pela nova vegetação, propria de lugares já habitados como sóe ser o *astrocaryum princeps*, especie nova que descrevo no meu *Sertum palmarum*, e pela *Vismea guyanensis*. Ahi encontrei muitos surucuás, *trogon pavonius*, o que fez com que denominasse esse ponto: táuaquera do suruquá. Depois dos estudos que procedi um dia de viagem acima desse ponto, voltei convicto, de que o Urubú tinha suas fontes nas terras alagadas do interior, em territorio brazileiro.

Alimentado fracamente no verão pelos innumeros riachos que nelle desaguam a cada passo em ambas as margens, de maneira que nas cabeceiras onde o declive é grande torna-se um regato; transforma-se comtudo em rio caudaloso pelo inverno, alimentado pelas grandes

chuvas. Na parte inferior da alta região, e na baixa, como os terrenos se espraiam, e em outros aprofundam-se e maiores tributarios, trazem maior volume d'aguas, o rio não só conserva-se largo como fórma em alguns lugares enseadas, mais ou menos extensas; impropriamente denominadas lagos. Pela enchente, sendo represadas essas aguas pela corrente do Amazonas, e comprimidas na alta região pelo escoamento das aguas pluviaes, transforma essas enseadas em lagos immensos, como são os de Saracá, da Gloria, S. Raymundo e Maracarana. Tendo percorrido uma extensão de 262 milhas, voltei, pelos motivos já expostos, sem ter acontecido nada de notavel durante a torna viagem.

O rio Urubú é rico quanto ao reino vegetal; ahi aquelle que se dedica á industria extractiva, encontra a paga de seu trabalho com usura. O breu, *icica glabra*, e a copahyba, *copaifera multijuga*, recompensam bem o menor esforço do homem, assim como a castanheira, *Bertholetia*, que por si só fórma mattas, paga liberalmente com os seus fructos a sua suave colheita. Em madeiras reaes para construcção civil e naval encontra-se com abundancia a massaranduba e a muirá parajuba, *mimusops*, o surucucú, *anonacea*, o páo d'arco, *tecoma*, o caramury, *lucuma*, o ingárana de cerne preto, *inga*, a itauba, *acrodiclidium*, sp var, a acarycuara, *cæsalpinea*, o páo de rosa, *licanea*, o louro, chumbo, *cordia*, a jacaréuba, *calophyllium*, o macacù, *ilex inundata*, e outras madeiras, que por si só constituem um immenso cabedal, que aproveitado reverte á fortuna publica. A maior riqueza, porém, que possue é a ausencia completa de *seringa, siphonia elastica*, se bem que abunde n'outra especie do mesmo genero, mas cujo leite não tem as propriedades da daquella, a chamada *seringa barriguda*. Navegavel por vapores de grande calado até á cachoeira de N. S. da Conceição, pela cheia; não deixa comtudo neste mesmo espaço de ser navegavel pela vazante, tambem por grandes batelões, que podem ir buscar os productos nos pontos em que forem colhidos. Uma ser-

raria neste rio, prestaria relevantes serviços á provincia, e enriqueceria seu proprietario, se para outra cousa olhassem, a não ser para a seringa, aquelles que possuem capitaes. A abundancia da caça, a fartura do peixe, principalmente do peixe boi, que ahi como que chega a canôa desafiando o arpão do pescador, as tartarugas, *Podocnemis*, e tracajás, *Emys tracajá, Spix,* que aos centos ahi pelas praias desovam, tudo convida ao homem trabalhador a empregar as suas forças, obtendo com facilidade um capital productivo. A salubridade do clima, a uberdade das terras, a ausencia completa de pragas, tambem concorre para que este rio para o futuro se torne um dos mais importantes da provincia ; quando se compenetrarem de que a lavoura é a alavanca do progresso e a base de toda riqueza.

II

Rios Uatumá e Jatapú.

DESCRIPÇÃO E RIQUEZAS NATURAES.

Um dos rios ainda desconhecidos da provincia do Amazonas, era o Jatapú, o affluente mais importante do rio Uatumá, e quiçá, mais do que este. Habitado só pelos indios Pariquis, não tendo sido percorrido por nenhum naturalista, intentei a sua exploração, que dous proveitos trariam : o conhecimento de seu curso e riquezas, e alguma novidade á sciencia.

De volta do rio Urubu, depois de alguns dias, gastos em pôr em ordem o resultado dos estudos que n'elle procedi ; segui para o rio Jatapú.

No dia 23 de Setembro, pelas 4 horas da madrugada, deixei a villa de Silves e me dirigi para o rio Uatumá, sahindo pela foz do rio Urubú. Depois de alguma demora em viagem cheguei á foz do Uatumá (1) pelas 5 horas da tarde. Fica esta abaixo do Urubú, 8 leguas, desaguando na mesma margem esquerda do Amazonas, no Paraná-mirim, ahi chamado do Uatumá; defronte de uma ilha que o separa de um outro Paraná-mirim denominado Urucará, e que se une ao mesmo pouco acima. Está a 2,° 30,' 8" de lat. S e 14,° 40,' 0." de long. O na direcção de leste, com 1/2 milha de largura obstruida por uma pequena ilha que a separa em duas. As aguas que são pretas, destacam-se bem das do Amazonas, e vê-se na vazante a luta que travam para se unirem, caminhando por muito tempo separadas distinctamente. A mesma circumstancia que dá-se no rio Urubú, vê-se neste, pela enchente. E' tão forte a corrente do Amazonas, que obstrue-lhe a passagem; deixando apenas de quando em quando uma outra porção d'agua sahir, que corre, como uma nodoa preta, até fundir-se nas do Amazonas. A consequencia d'esta repressão das aguas é o seu estravasamento pelas margens, que ahi vão pouco a pouco se afastando, a formarem uma grandiosa enseada, para dentro.

Cahindo a noite, e uma insupportavel praga de carapanãs, fui hospedar-me em casa do Sr. tenente Thomaz de Aquino Valente; onde, se bem que recebido com franca hospitalidade e innumeras attenções, passei mal, com a verdadeira praga que afflige ahi os moradores, de nuvens de mosquitos carapanãs, desde o cahir da tarde até ao despontar do sol.

Ahi encontrei o Sr. Benedicto Antonio Alves Pinto, juiz municipal supplente em exercicio, e o Sr. Hermenegildo Liborio de Macedo subdelegado, que tinham vindo ao meu encontro para facilitar-me aquillo, que eu necessitasse. Graças a este ultimo cavalheiro, fiz sem incommodo a viagem ao alto Jatapú.

(1) Corruptella de *uá*, fruta; *cumã*, sorva.

No dia seguinte, pelas 7 horas da manhã, segui viagem acompanhado dos mesmos senhores, na mesma canôa em que tinha subido o Urubú.

O rio d'ahi para cima alarga-se a tres milhas e apresenta a margem direita montanhosa, mais ou menos accidentada, coberta de florestas, apparecendo aqui ou alli alguma barreira. Orla a margem lindas praias de alva arêa. Apparecem ahi varias ihas de verdejante vegetação. Uma legua acima da foz, desagua na margem esquerda o rio Maripá, cuja foz fica para S E emquanto o Uatumá ahi corre para L com uma largura, aproximadamente de 400 metros. Uma legua acima da foz deste rio fica a povoação de Santa Anna, assentada sobre a planicie de uma alta barranca, cercada de praias, fronteira á ilha da Bôa-Vista, com a frente para S E. Compõe-se de 20 casas de palha, algumas em ruinas, muitas deshabitadas, com uma pequena capella, hoje em ruinas, cujo orago dá o nome á povoação. E' habitada por indios Aruaquis, e por descendentes destes.

Pelos vestigios e numerosos fragmentos de louça e machados que se encontram, principalmente na praia onde as aguas tem escavado as barrancas, vê-se que ahi outr'ora foi taba dos mesmos indios. Os machados e a louça são iguaes aos que já hei descripto, sómente, encontrei um outro, inteiramente differente, dos que tenho encontrado e descripto. Affecta a fórma de uma meia lua, tendo no lado maior, que é um pouco entrante uma saliencia de 0,02 de comprimento, um pouco cavada lateralmente, na parte que se une ao triangulo. Tem de comprimento, 0,05 comprehendendo a saliencia ; de largura 0,085 e de grossura 0,012. A parte opposta á saliencia ou o gume, é desbastada e como que amolada. Assemelha-se ao lado de uma alabarda, e não me parece ser machado porque não se presta a collocação do cabo. E' feita de uma especie de diorito, em que pouco predomina a hornblenda. Os Aruaquis que ahi habitam hoje são descendentes, da grande tribu, que

n'este rio existiu, e que espalhou-se até o rio Negro, fugindo a perseguição que soffriam dos Pariquis, que eram mais crueis.

Foram estes indios, que guiaram o então tenente general Costa Favella, em 1668 a Aiurim, onde com elles e os tarumãs, fundou o mesmo a primeira povoação do rio Negro, que tinha aquelle nome. Ainda hoje existem em estado de selvageria alguns, nos desertos das cabeceiras do rio Uatumá. Alguns, hoje em contacto com o homem civilizado, porém sahidos já homens das florestas referiram-me os seus usos.

Costumam sahir a guerrear outras tribus, e quando vencedores trazem como trophéos as armas e as crianças. Degollam os inimigos com facas de páo, armadas de dentes de animaes, ou ferro que encontram nas malocas contrarias, que denominam *mariápéda*. Usam para suas lutas de *cuidarús*, massas pesadas terminadas quasi sempre orbicularmente e esquinadas; de *murucús*, dardos longos, terminados em lança, feitos de muirápiranga, sendo a lança de taboca; com a extremidade opposta armada de 2 pennas de cauda de arara azul; e de arcos *(beuê)*, e flechas.

Na volta de suas correrias, guardam as armas inimigas, como trophéos nos seus quarteis, *cordapê*. Ficam estes no meio das malocas; são redondos, tendo por paredes cascas de páos, com seteiras, por onde visam e flecham o inimigo quando são atacados. Nestes quarteis dormem e moram todos os homens solteiros. Celebram as suas victorias com dansas e libações ao som do *macucáua* especie de *toré* curto, feito de tabocas.

Andam geralmente nús, com as partes cobertas por uma facha *cueyo*, tecida de algodão tinta em urucu, de um palmo de largura e cinco pouco mais ou menos de comprimento, ornadas as extremidades de fios empennados com pennas do corpo da arara vermelha. Nas suas festas, ou por occasião da morte de algum dos seus usam então do acangatare, *sàquiuchy*, de pennas de cauda de arara, levantadas, com a parte da testa, de

pennas do peito do gavião ; de brincos de pennas de tucano, *quenãuhy* ; de pulseiras justas de pennas brancas, *rocó* e ligas justas de tecido de algodão, tintas como o cueyo, *nequéry*. As mulheres usam de tangas, da fórma de aventaes ; tecidos de fio de algodão e sementes de *uapuhy* ou missangas quando já em contacto com os civilizados, com a mesma denominação acima usam de testeira de pennas de papagaio e japú ; de pulseiras, ligas, e collares das mesmas sementes, *naçaúra*.

Queimam os mortos, e calcinados guardam em um *uru*, (1) pendurado na casa do morto. Emquanto arde o corpo na fogueira, dansam homens e mulheres em roda, ao som dos seus maracás, *uáchy*. Conduzem os ossos para a casa do finado, acompanhados pela dansa e pendurado o deposito d'estes continuam sob elles a dansar. Preparam depois o *cachiry*, e novamente começam as dansas, com libações ; descendo-se então o uru, para tirarem d'elle os ossos para ser reduzidos a pó e misturado este com a tinta do urucu. Feita esta mistura, pintam-se com ella e continuam a dansar. O resto do pó, ou dos ossos são guardados, em pequenos potes ou igaçauas, de bojo e gargallo, e enterrados, sem ceremonia n'um cemiterio proprio.

Aquelle que quér tomar uma mulher para companheira, é obrigado a passar uma noite em claro a conversar com os pais da mesma. Depois de casados, vem habitar com os pais da noiva, até fazer uma casa para morar e roça para della tirar o sustento ; emquanto os pais preparam panellas, peneiras, tipitys, redes, cordas, etc., os arranjos domesticos com que são dotadas as filhas. Depois destes preparos retiram-se então. São polygamos e não podem repudiar as mulheres. Usam a separação das ventas furadas, por onde passam pennas de tucano ; são reforçados, de estatura regular, feios e muito trigueiros.

(1) E' um cestinho com tampa, feito de uarumá (marantha) ou tucumá.

A povoação de Sant'Anna foi fundada em 1850 e teve a seguinte origem. Os Aruaquis, de longa data, viviam em guerra aberta com os Pariquis, assaltando-se mutuamente; porém sendo geralmente batidos aquelles. Depois que os Pariquis, foram a Jahu, hoje Ayrao, no rio Negro, atacarem os Aruaquis por ter elles vindo atacal-os no Jatapú, guiados pelo seu principal *Mocoichy-Uacary*; parecia ter-se terminado a luta, pois nunca mais houve noticia alguma delles. Em 1828, porém, appareceram novamente os Aruaquis, na cachoeira grande do Jatapú, guiados por *Bedescê*, filho de *Mocoichy-Uacary*, que era fallecido, e que vinham atacar os Pariquis; que ainda tinham uma maloca no *Macáuary*, (lugar do qual adiante fallaremos). Grande celeuma levantou-se entre estes; e, os Aruaquis, ou pelo numero, ou por quererem então fazer pazes, não atacaram a maloca. Sabendo *Aimenê-Quiady* (1) cujo nome depois de baptisado foi Manoel Antonio da Silva, então principal ou tucháua da missão do Jatapú, deste ataque, para lá se dirigiu, deixando em seu lugar o seu immediato *Jáucu*. Ahi chegando fez descer para a povoação não só os Aruaquis, como o resto da sua gente que tinha aldeiada no Macáuary. Chegando á missão (já então ahi não havia missionario, e esta estava dependente do vigario de Silves), *Bedescê* subiu o rio Uatumá e foi buscar mais alguns dos seus que ahi tinha deixado. Pouco tempo depois, a maior parte dos Aruaquis tinham morrido de sarampo e os que ficaram começaram com lutas, nunca podendo se unir aos Pariquis. Correram-se assim annos. Parochiava então a igreja de Silves o finado padre Nuno Alves do Couto, que indo ao Jatapú, aconselhou as mesmos Aruaquis, que se estabelecessem em separado. Em 1850, então, morando no lugar em que hoje é a povoação, Vicente Ferreira de Macedo, filho de Chrispim Lobo de Macedo, vieram os Aruaquis pedir consentimento para ahi aldeiarem-se. Com effeito, não

(1) Principal Aimenê.

só Macedo nisso consentiu, como ergueu a capella que ainda hoje se vê. Os Pariquis por um acto de cortezia vieram auxiliar seus inimigos na construcção das casas.

Ainda hoje vive a india Victoria, mulher de Manoel Antonio, que assistiu a chegada dos Aruaquis no Macáuary, e o filho de Vicente de Macedo, Bernardo de Macedo, com os quaes estive, presenteando-me este com um bonito arco.

Baena no seu *Ensaio corographico*, pags. 454 diz: « lugar situado a 5 leguas acima de sua foz.... A fundação deste lugar e de uma capella de palha, mas limpa e dedicada á senhora Sant'Anna, foi concebida e realizada por Chrispim Lobo de Macedo em 1814 o que obteve do bispo D. Manoel de Almeida Carvalho uma provisão para levantar a dita capella. Os moradores são selvicolas Pariquis. »

Baena confunde a extincta missão do Uatumá, com a povoação da *Capella*. A extincta missão, é que segundo alguns autores, fica a 5 leguas da foz do rio Uatumá, que em 1814 já não existia ; a capella para a qual Chrispim de Macedo obteve provisão, foi para a que tinha e ainda existe na povoação, que fica no Paraná-mirim do Amazonas, que recebe o Uatumá. Ainda ahi existem as netas do mesmo Chrispim. O actual aldeiamento do Uatumá fica a 3 leguas da foz, é moderno, como vimos. Os habitantes quér da extincta missão quér da capella não são Pariquis.

O capitão tenente Amazonas, diz: « *Uatumá*, (Sant' Anna) povoação na margem esquerda 5 leguas acima da foz. Habitada por Pariquis. Fundada por Chrispim Lobo de Macedo. » baseado em Baena e confundindo com a nova povoação, escreveu elle este artigo, O *almanak administrativo e commercial* do Amazonas de 1871, a pag. 120, commette a mesma falta, e dá como fundada a actual povoação em 1815; assim como o Sr. conego Bernardino, nas suas *Curiosidades e lembranças do valle do Amazonas* cahe na mesma falta, tendo-se guiado por essas autoridades.

A população que vive hoje espalhada pelas margens do rio Uatumá orça por 400 individuos, que nem se entregam á lavoura nem á industria. Alguma farinha e algum tabaco, que fazem não chega para o consumo e rarissimas vezes exportam. Vivem da pesca, de que fazem o seu alimento quotidiano.

O rio tem um aspecto summamente pittoresco, apezar da sua grande largura, e torna-se sempre variado, pelas suas fundas enseadas, bocas de igarapés, e accidentes da serra das Araras, que lhe corre pela margem direita.

Quatro leguas acima da povoação de Sant'Anna, desagua na margem direita o rio Caiauá, cujas nascentes, são as mesmas do rio Murucutú, que desagua como vimos no rio Urubú, acima da villa de Silves. Sete leguas acima de Sant'Anna, desagua o rio Jatapú, na margem esquerda, por um delta, formado por uma ilha que termina a 1 1/2 legua acima, no lugar denominado Maracárana. A boca principal, fica no rumo S O e tem de largura 500 metros, e a outra fórma com o Uatumá uma funda bacia, separada da foz principal pela mesma ilha. O braço que do Maracárana sahe nessa bacia chama-se *Ahyuerê*.

Cheguei á sua foz pelas 7 horas da noite. Ahi, então se fazia ouvir a canto sonoro do tananã, *chlorocœlus tananã*, que formava uma harmonia não interrompida. Milhares destes insectos, enchiam o espaço com as suas syllabas ta-na-nã, em varios tons, que partiam todos da margem esquerda. Cousa notavel, em todo o curso do Jatapú, os tananãs, enchem essa margem, emquanto que a opposta não possue um só.

Para não interromper a descripção do rio Jatapú, trato já da extincta missão do Uatumá, que visitei na minha volta.

Uma legua acima do Jatapú ou a 16 da foz do Uatumá, na margem esquerda, fica o lugar da extincta missão do Uatumá, denominada hoje Táuaquera, pouco abaixo da ilha Uajará-uacá. E' marginada por um pequeno iga-

rapé, e ainda apresenta os vestigios da antiga povoação. Os alicerces da igreja, que distam da praia 80 metros pouco mais ou menos, mostram ainda hoje que ella tinha de 6,^{m}6 de frente e 13,^{m}2 de fundos com a face para o rio. Duas ruas correndo lateralmente a igreja e uma pelos fundos mostram o espaço occupado pela referida missão.

Cobre todo esse lugar uma alta capoeira, apenas tendo um pequeno roçado na frente da igreja, que serve de cemiterio para os que por ahi fallecem. No humus do solo da igreja encontrei uma soberba *Œceolades maculata*. Fragmentos de louça apparecem em abundancia no chão e na areia da praia.

Não se sabe a que tempo se extinguiu a missão, mas o que certo é que em 1768, quando o padre Dr. Monteiro de Noronha escreveu o seu *Roteiro*, já ella não existia, e só habitavam espalhados pelo rio os indios Arauaquis, Terecumã e Sedeuy. Foi uma missão dos frades mercenarios e que as tradições escripta e fallada não estão de accôrdo. O que se sabe, por Baena, no seu *Ensaio Corographico*, é: que os indios desceram para a aldêa de Saracá, abandonando o lugar da missão, fugindo da praga que os perseguia. Julgo não ser exacto esse motivo, porque semelhante praga não existe. Ao que vulgarmente se chama praga no Amazonas e Pará é a prodigiosa quantidade de mosquitos carapanans, que assolam alguns lugares, principalmente o Amazonas e os rios d'agua branca ; semelhante praga, porém, como disse, não existe senão na foz do rio, onde predominam as aguas amazonicas, e ás vezes apparecem em pequena quantidade, supportavel, quando a vazante é demorada, chegando só a uma ou duas leguas acima. Outro motivo, pois, houve para o abandono, e a tradição fallada se encarrega de expol-o.

Velhos descendentes dos Aruaquis, da missão, entre outros a cega centenaria Julia, habitante de Uatumá, referem o seguinte : opprimidos pelo jugo de ferro dos *pahy unas*, cançados de trabalhar sem proveito para

os mesmos ; vendo que do fructo de seu trabalho, que descia para o Pará annualmente em grandes batelões, não tiravam nenhum proveito, resolveram assassinar o missionario que os dirigia.

Para esse fim occultamente começaram a fazer os preparativos de retirarem-se, depois do assassinato. Com effeito, descendo o missionario, cujo nome infelizmente cahiu no olvido, para o Pará com dous batelões, ao chegar á Villa Nova da Rainha, segundo uns, ou ao Paranámirim, onde afflue o Uatumá, segundo outros, uma manhã, sahindo elle de sob a tolda, onde tinha dormido, foi derrubado com um golpe de cuidarú na cabeça, dado por um dos indios da tripolação. Morto o missionario, atiraram os productos que levavam ao rio, metteram a pique um batelão e voltaram para a missão.

Quando ahi chegaram, já os outros estavam com tudo preparado e esperavam a volta dos companheiros, para saber se com effeito tinha sido morto o missionario, conforme se tinha combinado.

A' chegada dos indios, sem o missionario, proromperam em gritos, os que esperavam, e começaram a lançar fogo ás casas e á igreja ; d'onde tinham retirado as imagens, que foram depois lançadas ao rio.

Incendiada a aldeia, conduziram o sino, para o interior e subiram rio acima levando comsigo os paramentos da igreja.

Assim explicam o fim da missão, os indios do Uatumá e a velha Julia, que então era menina e filha da missão. Diz ella que se lembra desse facto, que muito a impressionou, como se fosse um facto de pouco tempo. Julia deve ter seus 110 annos.

Dada esta pequena noticia historica, sobre a ex-missão, passa a descrever o Rio Jatapú.

Já noite cheguei ao aldeiamento, ou ex-missão de Nossa Senhora do Rozario, indo-me hospedar na casa da residencia parochial. Quando cheguei apenas alguns indios ahi estavam ; no dia seguinte, porém começaram a chegar mais alguns, com suas familias.

O aldeiamento ou povoação, fica assentado sobre uma eminencia á margem esquerda com frente para O S O1/2O.

Compõe-se de 18 palhoças, sendo 5 deshabitadas e cahindo em ruina, espalhadas em tres ruas, duas parallelas ao rio e outra cortando estas. A igreja que é grande, porém coberta de palha, e está em completa ruina, fica situada n'uma especie de largo com frente para o rio.

Passa deserta completamente a povoação o anno inteiro, até a época em que o vigario de Silves ahi vai fazer a festa da Padroeira. Nessa occasião, reunem-se então os indios que vivem pelos sitios ; trazem os filhos ao baptismo, e passam tres ou quatro dias em festas e dansas.

Em completo abandono está esta povoação, que em vez de prosperar, mostra regresso e falta de civilização.

No dia 26 pelas 7 horas da manhã, despedi-me de meus amigos e com uma tripolação de seis indios Pariquis segui viagem rio acima.

O rio Jatapú, o Ytayapú (1) dos antigos tem o aspecto geral do Rio Amazonas. Quem por elle navega, a não ser a côr bituminosa das aguas, se lhe apresenta seguir por um Paraná-mirim do grande rio. O seu terreno é todo de alluvião, sómente da região das cachoeiras para cima começam a apparecer algumas rochas igneas.

Suas margens formadas de barrancas altas de argilla, apresenta em alguns pontos praias e em outros igapós.

Dividirei o estudo deste rio em duas partes ; na primeira descreverei a região inferior e na segunda a superior as cachoeiras ; terminando por um resumo geral do curso de todo o rio.

Despovoado como é o rio, pois apenas apresenta 20 fogos na região inferior, habitados por 200 individuos, que vivem a maior parte do tempo pelas matas na extracção da gomma elastica, abandonando suas palhoças, via-me sempre obrigado a dormir pelas florestas, passando uma ou outra noite em algum sitio, que encontrava á hora de repouso. Os incommodos, os

(1) *Ytá*, pedra, *yapú*, passaro deste nome do genero *cassicus*.

perigos e o risco de vida, que corre quem nestes desertos passa, só os avalia quem os soffreu.

Se encantos se encontra, privações tambem se soffre. A rede atada a duas arvores, se evita a humidade, não resguarda a chuva, nem impede o assalto de algum tigre ou çuaçuarana. Os episodios pessoaes porei de parte e o mais concisamente farei a descripção.

O baixo Jatapú, offerece nas suas margens a mesma uniformidade do Amazonas ; o seu aspecto e vegetação é quasi a mesma. Pelas enchentes a semelhança é mais completa, porque tornam-se então as aguas barrentas, perdendo a côr bituminosa que têm, que muito se destinguem da côr negra das do Uatumá.

Da foz ao Maracárana, densa e cerrada vegetação cobre as margens, apparecendo d'ahi para cima uma outra barranca argillosa, onde a vegetação se modifica. Diversas pequenas bocas, unem o rio pela cheia a diversos pequenos lagos com varias denominações ; os principaes são : Arara, Mucunã, Uaymi e Puraqué-Cuara. Alguns igarapés tambem affluem, sendo o principal o Masquiuy que desagua na margem esquerda.

Entre as barrancas, a mais notavel é a chamada Tatáuacá, pouco abaixo do lago Uaucú, na curva que ahi apresenta o rio, com frente para N O. E' formada de seis estractus distinctos. O primeiro, pela época de formação, é de argilla branca, corre horizontalmente, e está coberto pelas aguas ; o segundo a argilla é côr de rosa, estriada de branco, com a estratificação concordante inclinada de 20° sendo a sua potencia de 0,7. Numerosos seixos rolados, apparecem ahi encravados ; O terceiro estractus é perfeitamente horizontal com camadas parallelas de argilla amarella ; com menos espessura ; o quarto tem a estratificação enclinada, com menos obliquidade, menos espessura, é formado de argilla amarella e vermelha ; o quinto cuja potencia é de 1 m. tem a estratificação toda ondulada, formando arcos de circulos parallelos, alternando uns com outros, com uma obliquidade de 20° de O para L. Perfeito *rema-*

niement, distingue-se nas côres que separam as diversas estratificações, sempre concordantes, amarello, vermelho e branco. O ultimo estratu é horizontal e mede alguns metros de espessura, sobre o qual apparece o humus, onde crescem algumas *mimosas*, *melastomas*, *cecropias* e *polypodiuns*. Acima desta barreira apparecem algumas rochas de grés. Passado o lago Uaucú, algumas milhas acima, corta o leito do rio e termina nas margens, blocos de silex, que formam como que uma pedreira de pederneiras. O terreno d'ahi para cima começa a ser mais elevado ; a corrente é mais forte e mede de largura uns 200 metros. Nos lugares baixos apparece um *catharto-carpus* sarmentoso, vulgarmente denominado *Marymary râna*, cujos fructos são semelhantes ao *catharto-carpus brasilianus*, Jacq. porém menores e muito amargosos. Na margem direita afflue o rio Yacudê, de 20 m. de largura, que corre por terras baixas, mais ou menos alagadiças, em cujas nascentes dizem os indios haver muirapinima. Meia legua acima afflue o maior tributario que ha nessa região, o rio Capu-capú ; cuja foz mede 40 m. de largura e lança-se na direcção S. A margem esquerda até a sua primeira cachoeira é baixa emquanto que a direita offerece para o centro algumas pequenas montanhas. Tres quartos de legua acima de sua foz, a mesma margem, offerece uma barranca extensa, de schisto argilloso, que se estende a quasi uma legua para o interior, coberto por uma floresta, quasi que só composta de *attalea speciosa* e de *astrocaryum gynacanthum*. Seguindo-se d'ahi para o interior, ao Noroeste, a 2.00C metros pouco mais ou menos do rio, encontra-se um pequeno igarapé, que corre pela floresta. O effeito da corrente sobre o schisto, que ahi está em estado pastoso em alguns lugares, produziu uma grota, pelo meio do mesmo. Escavando ahi o mesmo encontrei lindas amostras de *pirites*, que em prodigiosa quantidade ahi se encontra, quér em pó, quér em grupos de crystaes, que offerecem diversas fórmas, predominando a dendritica.

A perites que é notavel, pela variedade, nos systemas de crystalização, ahi offerece alguns exemplos do systema prismatico e cubico, modificado, em dodecaedros e outros polyedros. Alguns especimens apresentam uma estructura lamellar. Disseminada pelo schisto, encontra-se entretanto, em alguns pontos veias quasi que exclusivamente formadas por ellas, quér em pó, quér em grupos, apresentando algumas amostras um lindo amarello de ouro de forte brilho.

Fama era em Silves de que o Jatapú era rico em minas de ouro; affirmava-se mesmo ter apparecido amostras; mas ninguem havia tentado explorar semelhantes minas. Uma duvida pairava em meu espirito, que foi tirada com o encontro da pirites, que em quasi toda parte que apparece sempre vem annunciada como ouro. A ignorancia, porém, é que transfórma este sulphureto, em aureo metal. A idéa de ouro no Jatapú, já passa a monomania, a ponto de um negociante chim abandonar o seu commercio, as suas obrigações, para extrahir pirites, convencido de que é ouro, pretendendo até, associado com outro, pedir privilegio por 50 annos para extrahil-o!

A pirites, *pedra de arcabuz*, dos antigos, foi no seculo XV muito empregada como pederneira, d'onde lhe veiu o nome acima; assim como a industria de outr'ora, a preparava para obras pequenas, como botões, objectos de ornamento, etc. que faziam muito effeito pelo seu brilho. Tive um par de pistolas de algibeira, obra antiquissima, cujos enfeites eram de *marcassita*, ou pirites não alteravel, ao contacto do ar. Do tempo dos Incas, ainda hoje se encontram placas polidas deste sulphureto que parece serviam de espelho, d'onde proveiu-lhe o nome de *espelho dos Incas*, que outros chamam *espelho d'asno*. Da pirites extrahe-se o sulphato de ferro unico emprego que ella tem hoje. Submettida a um calor intenso n'uma retorta dá um sublimado de enxofre deixando residuos de oxydo de ferro. Em algumas amostras com a exposição ao ar alguns dias depois ficaram co-

bertas de sulphato de alumina. Tendo extrahido d'ahi algumas amostras, segui viagem.

O Capucapú, a duas leguas de sua foz apresenta logo a sua primeira cachoeira, começando o terreno a elevar-se e a ficar accidentado. Dezeseis cachoeiras, algumas simples corredeiras, apresenta em seu curso, que são: Camará (1) e Curral, separadas por uma ilha; Yucudêáua (2), Ompurumo (3), Quináuarine (4), Pedra, Escurututo (5), Caximbo, Teuéra (6), Mastauá (7), Iuorocô (8), Marauaçy (9), Jacundá (10), Bady (11), Uaracú (12), Jatauarana (13) e Marauaçy-uassu (14). Estas cachoeiras formam-se successivamente, tornando o curso do rio encachoeirado.

Uma legua acima da foz do Capucapu a margem esquerda apresenta por um espaço de mais de 1.000 metros uma zona de rochas calcareas, *carbonato*, que se estendem muito para o interior, e occupa uma grande profundidade.

Quatro estratificações calcareas, intercaladas com schisto, apresenta, com as espessuras de 0,^{m}8, 0,^{m}6, 0,^{m}2. A primeira e a ultima são as mais espessas, estendendo a ultima muito abaixo do nivel d'agua, nesta época. Cobre essas estratificações uma de schisto, sobre a qual o humus apresenta-se com vegetação um pouco enfezada. O primeiro estratu é de uma côr cinzenta es-

(1) Camará; arvore.
(2) Aldeia Jucodê.
(3) Membro viril, na giria Pariqui.
(4) Canôa, na mesma giria.
(5) Nome de uma gramminea, que na lingua geral é chamada *pacuan*.
(6) Coxa, na lingua geral.
(7) Nome de um peixe.
(8) Nome do genio das matas, dos Pariquis.
(9) Nome de um cesto que na lingua geral chamam *jamachy*.
(10) Nome de um peixe.
(11) Peixe que vive nas pedras, na corrente das cachoeiras.
(12) Peixe.
(13) Jatobá-rana ou Jutahy-rana, uma hymœnea.
(14) Cesto grande.

cura, emquanto que as outras vão-se tornando mais claras. E' notavel a ausencia de fosseis na primeira camada, emquanto que nas outras são abundantes. Varias especies encontrei de *productus*; entre elles o *productus horridus*; de *spirifer*, *orthis* e *terebratula*, representantes do terreno Devoniano.

Entre o schisto apparece o carbonato de cal puro, em zonas horizontaes de 0,01 a 0,02 de espessura ou em veias.

Apresenta-se ahi o carbonato em pequenos prismas, hexagonos e romboedros, occupando grandes extensões.

A cal é uma substancia muito importante para a provincia do Amazonas. Esta mina de cal, primeira encontrada na provincia do Amazonas, por si só constituindo uma riqueza natural, torna-se depois da industria humana uma riqueza publica. A provincia que propõe se emancipar da do Pará, com esta que offerece todas as vantagens, deixará de importar a cal do Pará, que se vende por tão alto preço no mercado de Manáos, e faz com que rarissimas sejam as casas caiadas ou preparadas com cal para o interior. De facil exploração; á margem de um rio navegavel por pequenos vapores todo anno; n'um ponto proximo á villa de Silves e ainda mais proximo da nascente povoação da *Capella*, onde mensalmente tocam vapores; proximo por conseguinte de Manáos, é incontestavel que esta mina trará, não só o desenvolvimento do lugar onde forem construidos os fornos, como tambem fará descer os preços actuaes, fazendo com que seja mais utilizada do que é ao presente.

Um pequeno calculo mostrará as vantagens reaes, que offerece o fabrico da cal, na provincia.

Um forno com tres metros de diametro e quatro de altura, com a capacidade de 30 metros cubicos, póde dar em cada fornada 1.500 alqueires de cal. Cada forno, póde dar mensalmente tres fornadas, por conseguinte 4.500, ou 54.000 alqueires annualmente. Custa actualmente em Manáos o alqueire a 2$800.

O jornal de um trabalhador não excede hoje de 1$000 diarios; suppondo, porém, mesmo, que se pague 2$000 nem assim influirá muito nos lucros que offerece. Vejamos:

RECEITA.

Cincoenta e quatro mil e quinhentos alqueires a 500 rs......................	27:000$000

DESPEZA.

Jornal de 10 homens a 2$000 diarios.....	6:000$000
Diversas................................	3:000$000
	9:000$000
Lucro annual...........................	18:000$000

Este calculo é baseado, sobre a producção de um só forno, fazendo-se as despezas pelo maximo e as receitas pelo minimo.

Não exigindo esta industria muito capital, aquelle que fôr empregado dará sempre um resultado muito vantajoso; fazendo, outrosim com que tenham mais importancia os lugares hoje em decadencia.

Uma questão se apresenta : onde convem fazer-se os fornos em Manáos ou no lugar onde se acha a mina ?

A construcção em Manáos, tem a vantagem da economia dos fretes; porque a calcinação ahi, faz com que transportados ás rochas estas produzam mais alqueires pelo mesmo frete dos que os que se importariam já calcinados. A rocha calcarea depois de calcinada e baldeada occupa maior espaço. A vantagem da calcinação junta á mina, tem a seu favor, a proximidade do combustivel, que está sobre a mesma mina, e que pouco ou nada custa. Só a pratica, poderá dizer se o augmento de fretes, corresponderá, ao preço da lenha em Manáos; julgo, porém, que offerece mais vantagens a calcinação junto á mina, não só para a barateza do producto, como

para que os vapores, percorram os rios Uatumá e Jatapú, que estão hoje desertos, e levem para esse centro o facho da civilização e do progresso.

Outro ponto notavel é o *Macáuary*, meia legua abaixo da primeira cachoeira. E' uma alta barranca de mais de 100 pés, formada de estractus de schisto argilloso, (ardosia), donde se despenha pelos degráos naturaes, uma linda cascata, notavel por dous lados ; pelo da belleza e pelo da riqueza que encerra.

Subindo ao alto da barranca, marginei o riacho que corre rumurejando por entre o schisto, sob uma aboboda de verdura. Examinei ahi a louza e vi que as camadas mais profundas não eram de qualidade inferior a das que nos vem da Europa e que tanto uso aqui fazemos sobretudo para as escolas , para pedras de escrever. Muitas applicações tem esta rocha, que em outra qualquer parte do mundo faria a fortuna de quem a explorasse, mas que aqui se despreza. Entre as diversas laminas do schisto, apparece tambem pirites, mais solida, com menos brilho e em pequenos polyedros ou grupos. Não perdem tanto o brilho, expostas ao ar, como as do Capucapú. Deste ponto para cima o rio leva uma só direcção, a do norte até a ilha do *Sincuan* ; nome que tem tambem o *Uira-payé*, (1) (*coculus*) que é a *alma de caboclo*, do Rio de Janeiro, mede então de largura 200 metros, dividindo-se em dous canaes. Ahi a corrente é muito forte. A ilha é elevada, de grés em decomposição, coberta de vegetação cerrada e sarmentosa. No braço da direita apparece uma grande praia de arêa avermelhada onde nesta época aos centos desovam os tracajás e em Novembro as tartarugas. Um pequeno canal, em frente a esta praia, separa a ilha do Sincuan, da do Jacamim. Logo acima destas ilhas avista-se a primeira cachoeira, que com fragor de longe se denuncia. Aqui a natureza, como que anima-se, o rio alarga-se; o terreno se eleva, e a paisagem alegra o viajante cançado da monotonia

(1) *Uira*, passaro, *payé*, advinho, feiticeiro.

do baixo Jatapú. Terminando aqui a primeira parte do estudo, deste rio, antes de entrar na segunda convem lançar uma vista retrospectiva, sobre suas riquezas vegetaes recapitulando as mineraes, lançando tambem os olhos sobre a sua fauna. Como disse o baixo Jatapú tem o aspecto geral do Amazonas e quasi que a mesma vegetação, apezar disso porém, mais riquezas se encontram do que nas margens do rio gigante. Cobrem litteral mente as margens o louro, *cordia*, a embaúba, *cecropia*, ambas da mesma especie das do Amazonas; assim como se destaca de longe em longe a sumaumeira, (*eriodendrum sumauma*. Differentes *cæsalpineas*, *verbeneaceas e laurineas*, fecham com seus galhos a mata, que é coberta, por differentes *bignonias*, *amblianteras* e *mucunas* que com suas folhas, flores e fructos, cahem em festões, e dão fórmas caprichosas as arvores em que se apegam. Um ou outro *Astrocaryum Jauary* apparece; sómente a *euterpe edulis*, com sua fronda graciosa, eleva-se mais amiudadamente acima da copa das arvores. A *Œnocarpus minor*, cobre quasi que o interior de ambas as margens, assim como a *bactris acanthocarpa*, o *astrocaryum gynacanthum*, apparecendo n'um ou n'outro ponto a *attalea speciosa*, e algumas *geonomas acutifloras* de que cobrem as casas os indios ahi.

As palmeiras, principalmente a Œnocarpus minor, é ahi a providencia do viajante quando chove, em menos de dez minutos, antes da chuva chegar depois de annunciada, levanta-se uma barraca, onde a chuva é impotente. Muitas vezes evitou ella o passar eu a noite debaixo de chuvas torrenciaes. Nas partes elevadas a vegetação muda, apparece a *copaifera multijuga*, a *diptirix tetraphylla*, a *mispilodaphne pretiosa*, a *andira* e um *astrocaryum*, novo para a sciencia, que vem substituir o murumuru do Amazonas. E' uma especie muito proxima á este, vulgarmente chamado pelos Pariquis, *murumurú-iri*, porém com habitos diversos. E' acaule, seus fructos são semelhantes ao *A. Ayri*, porém o porte é da *Attalea speciosa*, quando nova. Os Pa-

riquis, na época dos fructos maduros, Novembro e Dezembro, abandonam tudo para viverem pelo mato comendo os fructos e fazendo polvilho do mesocarpo e albumen dos mesmos; por essa circumstancia, denominei-o *Astrocaryum farinosum*. (1) Entre as diversas madeiras reaes apparecem em todo o rio a itauba (*acrodiclidium sp. var.*) alguns *couratary*, entre elles um vulgarmente chamado *coracy muirá*, muito proximo do *Couratary legalis*, do qual extrahi uma gomma, que talvez tenha propriedades aproveitaveis. Dá em abundancia ferido o amago; em menos de um quarto de hora enchi uma garrafa, derramando se talvez mais de duas canadas, por não ter vasilha para recolhel-a. Têm um sabor doce amargo, adstringente, perfeitamente liquido, de uma côr arrôxada, e inteiramente soluvel na agua. Evaporada dá uma gomma-resina vermelha escura. A arvore é altaneira, com 2 a 3 palmos de diametro, occupando o amago que é durissimo quasi que todo o iadmetro com a epiderme fina, amarella, descascando-se continuadamente. Frutifica em Agosto. E' propria para marcenaria e construcção civil. Não vendo descripta esta especie, descrevi-a e denominei-a *Couratari coracy*, admittindo o nome vulgar, que pela lingua geral significa *sol*. Uma arvore de muita utilidade pelo producto que fornece é o *muirá-manteiga*, uma *ternstrœmiacea*, que pelas folhas e porte assemelhase ao genero *Camelia*, de cujo amago extrahe-se um lindo oleo amarello escuro, transparente, sem sabor ou cheiro algum, de consistencia de xarope grosso, e muito graxo. Não se sabe as virtudes que têm, por ser apenas conhecido por um velho Pariqui, que o applica para brear canôas, misturado ao breu, e serve-se delle ordinariamente para luz. Como conbustivel é excellente, porque não só a chamma que produz não é fuliginosa ou produz cheiro, como tambem é de muito difficil consumo. O nome acima que tem, foi dado pelo

(1) Vide a obra do autor intitulada *Enumeratio Palmarum novarum*, pag. 21.

mesmo indio, que nunca mostrou a seus companheiros a arvore que produz, e a mim revelou o seu segredo. Indo com elle á floresta, elle apresentou-me a arvore, e extrahiu por incisão a machado, uma pequena porção. Diz elle, que não são todos os páos que dão oleo, havendo, porém, outros, que chegam a dar em poucos minutos mais de um pote. A arvore é esguia, de altura collossal, com a casca abundante em tannino, espalhando galhos curtos sómente no cimo. Pela sua elevação de longe se distingue acima da copas da florestas. Abundam estas duas especies, neste rio, assim como no Uatumá. Ha 20 annos que este indio gasta o muirá-manteiga. Muitas madeiras reaes, que seria enfadonho ennumeral-as, ahi existem em abundancia, desprezadas, como estão outros vegetaes que poderiam ahi formar um ramo de industria, como é por exemplo a *paulinia sorbilis*, guaraná. Planta cujo producto tem chamado do centro das provincias de Goyaz e Mato Grosso, o commercio para o Tapajoz e Maués trazendo não poucos cabedaes. Cultivada com cuidado pelos indios Mauhés, aqui cresce espontaneamente formando lindos guaranazaes, cujos fructos se perdem, quando poderiam ser trocados pela moeda, quando não manufacturados ao menos torrados. No lugar Tamaquaré, por onde passa o rio do mesmo nome, quasi que a tres leguas da fóz, ha lindos guaranazaes. A principal riqueza vegetal, hoje para o povo amazonense, ahi não existe, isto é, a gomma elastica, mas para estancar essa fonte de miserias, ha o breu branco, que substitue com vantagem a almecega, ha o puchiry, e o umiry, que, sendo tão vendaveis como aquella, não acarreta a desmoralisação nem o captiveiro. Se pelo lado vegetal o baixo Jatapú é rico, pelo mineral tambem o é. Ricas jazidas de pirites, schisto e grés argilloso, *louza* e pedra de amollar, silex, *pederneiras*, e grandes depositos de calcareo; constituem tambem riquezas, em que a industria e as artes empregarão o commercio, desenvolvendo a civilização e a moralidade por esse rio. O vapor essa alavanca do progresso, logo que achar apoio nesse

rio, o erguerá á altura que merece e o tirará do olvido em que jaz até o presente. Feliz me considerarei se estas toscas linhas forem bem interpretadas, cabendo-me a gloria de ser o primeiro a levantar o espesso véo qne encobria o germem da sua prosperidade.

O reino animal, ahi bem representado, offerece a abundancia logo que houver diligencia. As matas são animadas pelas aves e pelos quadrupedes. O cujubim, o jacú, a macucava, o jacamim, e outros passaros de vulto a qualquer passo se encontram; emquanto as antas, os porcos, as pacas, e cutias, como que se offerecem para o pascigo humano. Entre as cutias, tive occasião de estudar uma especie que julgo nova, só propria desta região, e que passo a descrevel-a ligeiramente. Até agora dá o Sr. Dr. Liais como conhecidas quatro especies de cutias. A *Chloromys acuti*, de Cuvier ou *Dasyprocta caudata*, Lund, ou *Cavia aguti*, Exf; a *dasypropta Azaræ*, Lichs; a *Agouti* de Buffon, e a *Chroromys cristatus* de Cuvier e não falla da *D. fuliginosa*, de Wagl ou *nigricans* de Spix. A primeira é a especie espalhada em todo o Brazil de todos conhecida, havendo algumas variedades na côr; a segunda é uma variedade da primeira com pequenos caracteres distinctivos, a terceira é menor do que estas e differe na côr e a quarta é uma especie da Guyana Hollandeza, que provavelmente tambem ha no Brasil, pela sua proximidade; caracterisada pelos pellos da nuca, que são excessivamente longos. Todas estas especies têm apenas uma pequena cauda rudimentar, encoberta pelos pellos da anca. A especie de que trato, não só differe destas, pelo tamanho e côr, como tambem pelo comprimento da cauda, o que lhe valeu o nome entre os indigenas *acutiruaia* ou *acutiuaia*. O termo *acutí*, pela lingua geral, segnifica *cutia*, donde Buffon fez o seu genero *agouti* e *ruaia*, vem de *çuaia*, *cauda*, que por ter o seu relativo immediato, muda o *ç* em *r*, ficando *ruaia*, como verb. grat. *jacaréruaia*, cauda de jacaré. Para mais euphonia alguns supprimem o *r*, pronunciando *acutiuaia*. Mede esta especie do focinho á

raiz da cauda 0,^{m}4 de comprimento e a cauda 0,^{m}09, que é perfeitamente distincta. Na especie vulgar o mesmo comprimento é de 0,^{m}54, a 0,^{m}56 a cauda nunca excede de 0,^{m}02. A sua côr dominante é castanho escuro e o amarello de oca, côr de barro avermelhado. De cima do focinho começa uma linha castanha, pintada de amarello escuro, que, passando por entre as orelhas, vai se alargando a cobrir todo o dorso, tornando-se mais escuro, terminando na anca quasi preta. Para os lados a côr castanha vai fundindo-se em amarello de oca, que cobre todo o ventre. Sob a maxilla inferior e pescoço torna-se tambem amarellada. As extremidades dianteiras são amarellas e as traseiras castanho escuro, pelo lado externo. A cauda é núa, ligeiramente salpicada com alguns pellos de 0,^{m}25 de comprimento, amarellos quasi brancos. Têm 25 vertebras. O pello do dorso vai gradualmente tornando-se maior, tendo entre as orelhas 0,^{m}025 de comprimento e na anca 0,^{m}08, os d'entre as orelhas têm tres anneis, os do dorso só têm um amarello avermelhado na ponta e os da anca são quasi pretos, ligeiramente mostrando dous anneis mais claros na ponta. O pello dos lados da boca e sob os olhos, tem dous anneis pretos e dous amararellos, mais claro que os do ventre. Todo o pello é luzidio, principalmente no dorso e extremidades. As barbas são pretas e menos numerosas do que na *dasyprocta caudata*.

Entre esta e a especie em questão, a differença é palpitante logo á primeira vista. Admittindo a adopção que fez Liais, do nome vulgar para generico em vista das differenças que apresentei, dei-lhe a denominação de *dasyprocta longicaudata*, alludindo ao comprimento da cauda. A cutia longicaudata ou acutiruaia, dos pariquis, é muito vulgar no rio Jatapú, emquanto que no Uatumá são rarissimas. Será esta a dasyprocta nigricans de Spix? Geralmente andam em pequenos bandos, pelas capoeiras, onde se encontram debaixo do astrocaryum tucumã, quando é tempo da fruta e sob as cipoadas de *mucuna urens*, de cuja semente são gulosas.

Párem de um a dous filhos, geralmente no mez de Novembro. Ariscas e medrosas, são comtudo de facil presa, esperadas nas comedias. D'entre as muitas que serviram-me de alimento durante minha viagem preparei duas, que me foram roubadas da canôa, na minha volta. A carne é saborosa e não tem differença da da *cutia caudata*.

Tendo descripto a parte do Baixo Jatapú, entro agora na do alto, que começa onde o rio principia a encachoeirar-se, elevando-se o terreno.

Pelas cinco horas da tarde, logo depois de passar os canaes, formados pelas ilhas do Sincuan e Jacamim, como atrás vimos, cheguei á Cachoeira Grande ou *Oto-Era*, como a denominam os Pariquis.

E' uma extensa linha de recifes, deixando um estreito canal, com grande declive, occupando um espaço de mais de 200 metros, por onde as aguas se despejam quebrando-se com um fragor medonho. E' bordada pela margem esquerda por uma elevada floresta e pela direita por um cáes natural, que pelas grandes enchentes fica submergido. E' a obra da natureza mais curiosa que tenho visto; pela semelhança da obra humana que em igual circumstancia se costuma fazer. Uma muralha cortada a prumo de tres metros de altura, em perfeita linha recta, formada de grandes parallelipipedos sobrepostos alternadamente, formam um dique ás aguas. Pela parte superior prolongam-se os mesmos parallelipipedos mostrando o lado maior, arrumados na mesma ordem, occupando uma largura de seis metros, a formar um lindo passeio, que é sombreado por uma linha de arvores, *acapuranas*. Do ponto em que termina a linha das rochas, estende-se por um grande espaço a praia, coberta de pequenas rochas, quebradas em fórmas mais ou menos geometricas, que formam como que o calçamento de uma rua. Ahi crescem algumas especies de *solánum, myrtus* e um *Machærium*, que então estava completamente rôxo, pelas suas innumeras paniculas de flores. Occupa este calçamento uns 12 metros, es-

tendendo-se depois a praia arenosa, a formar restinga, que para o centro, apresenta-se coberta de *musci*, *bromelias*, etc. Leva esta cachoeira o rumo de S E e as rochas de que é composta são de grés, mais ou menos compacto.

Transposta esta apresenta-se uma pequena ilha que divide o rio em dous braços, sendo o da esquerda encachoeirado e o da direita morto. Pequeno é este braço, pois 90 metros acima apresenta-se logo a leste a segunda cachoeira denominada *Iauáreté*, (1) tambem com algum declive; correndo entre rochas ponteagudas; mas, cuja travessia não é tão perigosa, como a da primeira. Ahi o rio alarga-se, por ser interceptado pelas ilhas do Tamanduá e do Orotó (2) que o dividem em tres largos braços, formando outras tantas cachoeiras. A do braço esquerdo, entre a ilha do Tamanduá e a terra firme, chama-se Coary (3) ou *Cururu*; a que corre entre as ilhas: *Tamanduá*, e a que se apresenta no braço direito: *Orotó*. Correm todos para N N E e formam grandes corredeiras, sendo as mais perigosas as do Coary e a Tamanduá. São todas de quartzito mais ou menos decomposto. Na curva que fica entre a Iauareté e a Orotó, a margem apresenta uma série de arcos ou portas de grutas, que se estendem pelo interior da terra, e formam lindas galerias, communicando-se umas com as outras. As aberturas das primeiras medem 5 metros de elevação, indo diminuindo gradualmente, de maneira que de fóra os ultimos arcos parecem uma linha de catacumbas. As fórmas mais ou menos caprichosas da arcaria exterior, coberta de uma vegetação propria (*aroideaceas, polypodeaceas, cactaceas*) e por cima a floresta, com *machaeriuns*, *eugenias*, *cassias*, *desmoncus* e *vanilla*, tornam este lugar sobremodo agradavel. As

(1) Onça.

(2) Pela giria Pariqui assim denominam o macaco Cuatá. (Atteles paniscus.)

(3) Pela mesma giria significa sapo. (Pipa cururu, Spix.)

grutas são formadas de grés alvo, cimentado por carbonato de cal, que pela acção dos agentes naturaes se dissolve e se desfaz em arêa fina. Algumas são de grande profundidade. Dão os naturaes o nome de *Itáuaritéoca* (1) a essas grutas, que com frente para o N occupam um espaço de mais de 120 metros. Sobre as rochas de grés destas cachoeiras achei cinco especies de *podostemeas* (2) dos generos *podostemon, Lonchostephus, mourera, dichraea, apinagia,* todos florescendo na vazante, emquanto as aguas apenas lhe cobrem as folhas e fructificando logo que ficam em secco. Sobre as arvores das ilhas, lindas soqueiras de *Cattleyas superbas* em flôr, e uma *epidendreacea*, para mim nova, que formava grandes soqueiras de longos pseudobulbos. As margens

(1) *Ita*, pedra *iaurité,* onça, *oca,* casa.

(2) Os gentios do Rio Negro denominam essas plantas de *cururé,* da qual extrahem sal. Apanham a planta, e depois de secca ao sol carbonizam-a, e da mistura da cinza com agua coada, por evaporização, extrahem o sal Segundo Hooker (1), 75 % de materia soluvel e salina póde-se tirar, sendo o restante de residuos insoluveis, como carvão, materia silicosas, carbonato de ferro e phosphatos insoluveis, nestas proporções:

Materias combustiveis............	31
Ditas silicosos.....................	44.2
Carbonato de ferro e phosphatos..	24.8

O sal soluto n'agua contém chloruretos de potassio e de sodio, com uma porção de carbonato alkalino e uma pequena quantidade de sulphato. Cem grãos de sal secco contém:

Ac. sulphurico	1.0 grs.
Ac. carbonico.............	4.4 »
Chloro.....................	45.648 »

Estando combinados os acidos sulphuricos e carbonico com a potassa tem-se 84 gr. de chloruretos de potassio e de sodio, e como este tem 45.648 de chloro, póde-se deduzir a composição seguinte do sal por calculo:

Sulph. de potassa.............	2.18
Carb. de potassa...............	13.82
Chlorureto de potassio	33.6
Chlorureto de sodio	50.4
	100.00

Por este resultado vê-se que é um bom substitutivo do sal. As especies mais abundantes em sal são as do genero *Mourera*.

Os indios tambem comem as folhas de algumas especies. A alcatifa que fórma sobre as rochas das cachoeiras impedem que rocem as canôas por ellas e escorreguem melhor.

(1) Journal of Botany and Kew Gard. Miscell. XI. 190.—Julho de 1854.

ahi são baixas e abundam em umiry (*humirium floribundum*), inajá (*maximiliana regia*), pupunha-rama (*cocos equatorialis*. Barb. Rod.) O rio torna-se a estreitar, levando uma corrente de 2 1/2 m. por hora. Uma e meia milha acima destas cachoeiras apparece a grande ilha do Uanamã (castanha), onde meia milha acima da ponta inferior corre para o S no braço esquerdo a cachoeira Sapucaya ; que não é mais do que uma grande corredeira, muito marulhosa, pelo grande numero de rochas que obstruem-lhe o leito. Por entre as pedras crescem: um *solanum*, um *psidium*, e o *caladium arborecens*, que fórma algumas pontas nas margens da ilha.

Corre parallela a esta cachoeira, no outro braço, a chamada *Uanamã-mirim* e 120 metros acima, atravessando todo o rio, a do *Uanamã*, que busca o S E. Tem forte pancada, e é de transito perigoso, não só por serem as aguas desencontradas pelos innumeros canaes que ahi as rochas formam, como tambem pela impetuosidade das aguas. Sem maior perigo subi até esta cachoeira ; passando sempre a montaria ora á sirga, ora empurrada á mão pelos indios que, sem o menor receio, brincavam com a corrente. Meia legua acima, na direcção do S, se apresenta magestosa a cachoeira do *Udidy*, que é o nome vulgar de um *solamum* que ahi cresce em abundancia. Volumosa é a massa d'agua que se arroja pelas rochas, formando quedas e corredeiras, com tal estampido que impede ouvir-se a voz humana a poucos passos. Tentando passar por um canal onde parecia-me ser mais favoravel a travessia, depois de já estar no meio da cachoeira uma forte onda invadiu-me a prôa da montaria, e, se tão rapido não saltasse sobre uma rocha, com a montaria me submergeria. Completamente alagada, a não ser a coragem dos indios, perderia não só a montaria como todos os meus papeis e instrumentos. Salvos todos, tive depois para transpôr a cachoeira, ora de lutar com a corrente, ora de rasgar os pés em duros espinhos que litteralmente cobriam as faces das rochas. Não havia que escolher,

ou os espinhos ou a corrente; preferindo eu esta, sempre que podia firmar-me na arêia em que estavam as rochas engastadas. Depois de mais de meia hora de soffrimento e de perigo, consegui chegar ao alto da cachoeira onde a montaria a salvo pôde chegar para me tomar. Era tempo; os pés sangravam, e o corpo estava extenuado. Admirou-me, porém, vêr que os indios não só não tinham os pés feridos, como tambem não davam mostras de ter tanto trabalhado. Procurando a causa de tão grande numero de espinhos, sobre as rochas, descobri serem elles de uma *podostemea*, que ahi cresce em abundancia, vulgarmente chamada *Sapucayapé* ou *pé de gallinha*, que tem não só o rhyzoma como as folhas cobertas de duros e agudos espinhos. Não a vendo descripta na monographia feita por Ludovicus R. Tulasme, denominei-a *podostemum martyriferum*, alludindo ao martyrio que me causou a sua descoberta. Infelizmente, como estava ainda coberta pelas aguas, não florescia. Logo acima apparece a ilha Batata, onde encontrei uma pequena palhoça feita por alguns Mauhes, que subiram para o seringal. Ahi parei para descançar e passar a noite, visto como não podia seguir viagem pelo estado em que estava. Nesta demora, comtudo, não pude deixar de trabalhar, por ter encontrado ahi uma palmeira do genero *bactris*, muito proxima a *acanthocarpa*; porém afastando-se della em muitos caracteres especificos, que a tornam nova para a sciencia. Denominei-a *B. acanthocarpoides*. Pelo zelo de um dos Pariquis quando ia naufragando no Udidy, não perdi a caixa de meus instrumentos e a pasta de meus papeis. Graças a Deus e a elle, pude nesse dia trabalhar, sem ter de lastimar a perda do fructo de tanto tempo de trabalhos e fadigas.

No dia seguinte, 3 de Outubro; segui viagem ás 6 horas da manhã. O rio conserva-se da mesma largura, tem as margens com a mesma vegetação, em terreno selicoso, mais ou menos accidentado. Pouco acima do lugar em que pernoutei existe a nona cachoeira, denominada *Batata*, que, com frente para o S, atravessa o

rio de lado a lado. E' uma das mais respeitaveis, e que, achando caminho por terra, preferi transpol-a, seseguindo a pé. As rochas que por longo espaço obstruem-lhe a passagem fazendo com que em caixões as aguas espanadem-se pelo ar, são todas de grés porphyroide. Continúa o rio acima desta a ser matizado de ilhas; onde acima da ponta N da ilha do Tucumã o rio, que se tinha alargado, torna-se a estreitar, apresentando para o interior da margem direita montanhas pouco elevadas. Ahi colhi uma verbeneacea do genero *petrea*, cujas flôres são muito maiores, sendo os racemos menores do que a cultivada nos jardins da Côrte, a *petrea subserrata*, e muito proxima á *P. Martiana*, de Schauer. Por largo e longo espaço corre o rio tranquillo, como que para dar descanço ao viajante, sem que rocha alguma lhe marulhe o espelho de suas aguas. Interminavel, porém, não é esse refrigerio, porque depois de uma legua e algumas centenas de metros da cachoeira Batata, ruge a do Passarinho, que se bem que impetuosa, formando uma grande corredeira, não offerece tanto risco, podendo-se subir bem á sirga ajudada pela zinga. A quasi mil metros desta vem a *Iuy* (1) com seus recifes e ilhotas graciosas de rochas de grés arenosa, onde as aguas correndo para Leste, no seu rapido caminhar, pelo dedalo de pequenos canaes, a tornam uma das mais pittorescas. Herborisando pelas suas margens, encontrei quasi á beira d'agua lindos pequenos *Oxalis*, que formavam moutas, n'um ou n'outro ponto. Poucos minutos depois de se transpor esta, apresenta a margem direita grandes penhascos de rochas de grés argilloso, *grosseiro*, pedra de amollar, que se estendem, cobertos de arêa, pela restinga plana, que forma-lhe a margem. Encontrei ahi sobre o solo, quatro especies de *musgos*, que formam lindas alcatifas, e no arvoredo que appa-

(1) Rã.

rece ahi, algumas *byrsonima*, uma *boraginea*, cujo fructo se come, chamada *parurú*, algumas *melastomas (cumaty)* o *humyrium floribundum*, o *astrocaryum acaule*, e alguns *paepalanthos* entre o musgo, assim como algumas *bromelias*. Pouca e muito espaçada é a vegetação, que enfezada cresce, pela grande temperatura ahi, e ausencia de boas terras.

A ilha de Cumahy, (1) que apparece no meio do rio, coberta de floresta, altiva, pouco acima deste ponto, é uma das que mais tornam pittoresco o rio. Dista pouco das *Lages do Urubú*, lugar em que o rio apresenta não só pela margem, como pelo meio, grandes lages, sobre as quaes cresce um *solanum*, que mesmo debaixo d'agua não morre. E' o mesmo Udidy, de que já tratei. Occupa este lugar um espaço de mais de 200 metros, tendo ahi o rio de largura cerca de 300. Passadas as Lages, sente-se o pronuncio de uma grande cachoeira. Os flocos de espuma, levados pela corrente, o ruido como o do ribombo do trovão ao longe, annuncia a sua proximidade. Com effeito, pouco acima, ella apparece, n'um terreno enclinado, como um mar de espuma. O rio que então alarga-se é obstruido por varias ilhas, denominadas do *Picapáo*, por entre as quaes o rio se espraia, n'uma serie continua de cachoeiras por todos os lados. Das cachoeiras é a mais extensa (1/4 de legua) e a mais arriscada, pelo encontro desordenado das correntes; que, sem bom pratico, muita actividade e coragem, não se transpõe. O ruido que ahi fazem as aguas, sobre o leito todo rochoso, é tal, que, segundo sopra o vento, parece rugir ao longe medonha trovoada. Levam todas essas corredeiras a direcção S.

A força da corrente é de seis milhas por hora.

Proximo das corredeiras, saltei na margem esquerda e descarregada a montaria, segui pelo meio da floresta, aproveitando o tempo da sua passagem para examinar a flora d'ahi. Pela grande humidade, crescem pelo humus da mesma floresta, muitas *maranthas*, entre

(1) Sorva pequena.

ellas uma especie que quando nova, apresenta os folhas largamente lanceoladas, de um verde esmaltado, variegado de listras de um bello carmim. Depois de adulta, perde não só o brilho como as listas carmineas, tornando-se completamente verdes. A's vezes conserva as folhas primordeaes listradas.

A *zingibiraceas* e as *musaceas*, ahi tambem abundam. A *siphonea elastica*, ahi fórma o que vulgarmente se chama *siringal*. As *dichaeas* e as *aspasias variegatas*, então em flor, enfeitam os troncos, onde tambem o *philodendrum* (uambé) e outras aroideas vicejam. Algumas *dichorisandras* ahi encontrei. Depois de meio dia de supremo esforço, conseguiram os indios transpor metade do terreno coberto pelas corredeiras e já exhaustos, tivemos de pernoitar ahi na margem.

Pelas 8 horas da noite, quando já todos em suas redes, procuravam conciliar o somno, á luz de tres fogueiras, um grito de alarme, nos poz de armas em punho.

Um tigre (*Felix yaguatirica*. Liais, ou *nigra*, de Erxlebem), passava entre nossas redes. A sua côr negra, na escuridão da noite, por entre a mata, o salvou. Dous Pariquis mais ousados, um armado de arco e flecha, outro com uma de minhas armas, atreveram-se a seguil-o; porém, era tal a sombra produzida pelas arvores, que nunca mais puderam vel-o. Receiando-se um ataque inesperado, essa noite passou-se em claro; distrahida pelas historias e factos referentes a essa féra, que se entretinham os indios em referil-os, muitos ao som de estrepitosas gargalhadas, que eram muitas vezes substituidas por um silencio profundo, quando sentiam qualquer leve rumor na floresta.

Raiando o dia, puz-me em marcha, pela montaria, que foi levada á mão e á sirga. Depois de grande esforço, consegui transpor todas as corredeiras e placidamente seguir.

Deste ponto para cima começam a apparecer os *piuns*, diptero que durante todo o dia, com suas ferroadas incommodam quem por ahi passa. Felizmente é pe-

quena a quantidade. Uma outra praga ainda mais incommodativa, é uma pequena abelha, vulgarmente chamada *Meruhy* (1) do tamanho da Jaty, porém preta. Não mordem, porém em nuvens cobrem o rosto, procurando meios de se introduzirem na parte interna das palpebras inferiores, d'onde só sahem mortas. Além da afflicção que causa á vista, produz um ardor, que chega a inflammar os olhos, como me aconteceu.

O rio d'ahi para cima, estreita-se e torna-se mais pittoresco, sobretudo proximo á ilha do Camaleão, onde um forte temporal obrigou-me a arribar a uma praia que lhe fica defronte. Ahi ainda uma vez abençoei as palmeiras, que em menos de um quarto de hora, poz-me ao abrigo de um grande aguaceiro, que durou toda noite, acompanhado de fortes descargas electricas. A serração que, quasi diariamente, apparece ao amanhecer, no dia seguinte era muito forte, quando segui viagem. Acima da ilha do Camaleão apparece outra, a do Inajatuba. Muito além divide o rio em dous grandes braços, por longa extensão, a grande ilha do *Caldeirão*, tendo o braço da direita, por onde se navega 170 metros e o da esquerda 40.

Acima desta ilha a 1 legua do Picapáo, fica a corredeira do *Parauá* (2) que corre para Leste, sendo ahi o rio obstruido, quasi que em dous terços da largura, por uma grande ponta de rochas. O volume das aguas, levado para um só ponto, faz com que seja ahi a corrente impetuosa. Segue-se logo depois a cachoeira *Guariba* abaixo do igarapé do mesmo nome que ahi desagua na margem direita. E' pequena, correndo para S E occupando quasi que a largura do rio, que é então de 160 metros.

O terreno ahi é montanhoso, e pelos grandes pés de *Persea gratissima* (abacates) que ahi se encontram no alto, vê-se que outr'ora existiu ahi alguma vivenda.

Acima desta, 926 metros, succede-se a cachoeira

(1) *Meru.* mosca, *y*, pequena.
(2) Papagaio.

Tangará, que tambem, é pequena, formando pequenas quedas aqui, e fortes corredeiras alli, por um espaço de mais de 100 metros.

Desemboca na margem direita, uma milha acima desta cachoeira, o rio Oruducú, com 25 metros de boca, conservando sempre a mesma largura até muitas leguas para o interior.

Suas margens são baixas e alagadiças, formando pelas enchentes, grandes igapós.

Ahi abunda a *syphonia elastica*, principalmente para o interior, razão por que, algumas pequenas barracas se encontram, sobretudo na margem direita. Neste seringal trabalham os Pariquis e alguns Mauhes, sem muito resultado, porque as madeiras não só são finas, como deitam pouco leite. Este rio tem um aspecto tristonho. Ahi entre os siringueiros, só encontrei molestias, sobretudo as sezões, e a miseria. Debaixo de quatro páos cobertos de palha, com espaço apenas para armar-se quatro ou cinco redes, vivem familias, nuas ou cobertas de andrajos, soffrendo os rigores do tempo sem tirarem o menor lucro de suas privações.

Em alguns lugares que o terreno torna-se montanhoso, na margem esquerda abunda o *Astrocaryum farinosum* e o *gynacanthum*, onde encontrei os mais soberbos exemplares.

Da foz deste affluente a 100 metros apresenta-se magestosa a cachoeira do Cachiry. O rio mede ahi 150 metros de largura occupando esta toda a largura.

Pela sua queda é a maior que se apresenta, até então formada de rochas de diorito, que se estendem em grandes blocos, pelas largas praias que lhe bordam as margens, onde os patos em bandos, pela manhã affluem. As aguas impetuosas, rolando de rocha em rocha, se despenham com estridor, cobertas de flocos de espuma. Corre para S. E' o ponto mais lindo do rio, pela variada prespectiva de sua paisagem. Difficil é o seu transito, porque a força da corrente, que é de seis milhas por hora, e a queda, difficultam a subida da montaria,

que só póde passar descarregada, á mão e á sirga. Felizmente o terreno offerece, pela margem direita, uma facil e agradavel passagem, por onde se evita os riscos da travessia. D'aqui para cima começam as rochas a serem de diorito, mais ou menos compacto, predominando n'uma, o elemento amphybolico, e n'outras o albito. O grés, desapparece, ou rarissimas vezes se apresenta.

Tive occasião de matar ahi uma sucurijú, *Eunectes murinus*, que media 31 palmos de comprimento. Abundam ahi estes *ophidios*, que pelas margens constantemente se avistam, aquentando-se ao sol.

A sucuriú, ou sucurijú, (*Eunectes murinus, Boa scytale,* de Linneu, ou *B. aquatica*, do Principe de Neuwied, *B. anacondo*) é o maior dos ophidios aquaticos do Brazil; especie muito proxima á *giboia, Boa constrictor* ou *B. Cenchria, L.* que com os mesmos habitos, porém com menores proporções, vivem umas nos lagos e rios, e outras pelas florestas humidas. Em cada uma das especies, tive occasião de estudar duas variedades distinctas; pela sua côr e malhas. Entre as sucurijús, ha, uma parda malhada de preto e outra vermelha malhada da mesma côr; porém com as malhas um pouco differentes. Entre as giboias, notei as mesmas côres, sendo a especie vermelha da terra firme e a outra da vargem.

Algumas destas cobras, attingem um comprimento extraordinario, chegando, a ter ás vezes mais de 60 palmos, como viu o finado naturalista Dr. Maia. Apezar de não serem venenosas comtudo, pela sua força e agilidade tornam-se respeitaveis. Não ataca o homem, senão quando por elle perseguida, fazendo crua guerra aos animaes. O maior mammifero é por ella enlaçado, esmagado e devorado, depois de untado com o visgo que lança de suas fauces. O mesmo Dr. Maia, cita a pagina 60 da *Revista Guanabarense*, jornal da sociedade Velloziana, dous factos de envenenamentos, produzidos pela sucurijú: pelo facto, destas engolirem outras venenosas

pela cauda, e ficarem estas por algum tempo vivas com a cabeça quasi de fóra. Se por acaso algum animal, se aproxima, recebendo a mordedura da sucurijú é tambem picado pela que tem na boca. O extraordinario desenvolvimento, que, quér em comprimento e grossura, são sujeitas a ter estas serpentes, deu lugar, a que a imaginação do indio sempre propensa ao maravilhoso, creasse, a *Boia açú*, ou *bicho do fundo*, que tanto horror causa a uns e de entretenimento serve a outros. A cachoeira do *Cachiry*, é uma das maiores, e a que apresenta maior queda até ahi; occupando toda a largura do rio, que mede 150 metros de largura. Pela vazante, fica dividida por uma ilha de rochedos, em dous braços; sendo o da margem esquerda o que apresenta maior queda e é mais perigoso, pela força da corrente, que para ahi afflue. Pelas praias cresce um lindo *trifolium*, algumas *holomyrcias* e *solamuns*, e na vegetação altaneira, predomina o *couratari, diptirix e lecychis* sobre os quaes crescem algumas *bromelias, pleurathallis, decripta* e *Cattleya superba*, erguendo-se graciosas entre a floresta, a *maximiliana régia*, *o astrocaryam gynacanthum* e algumas *geonomas*.

E' infestada esta cachoeira pelas onças, cujas pegadas apparecem em toda a extensão da praia.

Pouco ácima della, entra o canal que fórma a ilha do Caldeirão, que é todo encachoeirado.

O rio depois deste canal, alarga-se e fórma uma legua acima do Cachiry, a extensa corredeira do *Jaraqui*, que á força de remos dá facil passagem. Ahi o rio apresenta uma ilha, com alguns *Jauarys*, assim como pela margem crescem tambem os mesmos; estavam estes com as folhas completamente estragadas, pelos macacos, que por elles sobem para comerem os grelos.

A quasi tres kilometros, desta corredeira, os escolhos do rio, formam uma nova corredeira denominada *Crerupêde*, que corre para E S E occupando a largura de todo o rio; muito marulhosa e eriçada de agudos rochedos.

O rio, que cada vez se torna mais pittoresco, pela variedade das paisagens, e pela elevação que vai apresentando, é obstruido um kilometro acima por uma grande ilha que latteralmente tem cachoeiras, sendo a do braço direito denominada *Tacaracachy*. A ponta da ilha é formada de rochas de diorito. Parallela a esta ilha, fica uma outra, tambem entre cachoeiras; onde as plantas sarmentosas e trepadeiras formavam um lindo caramanchão, que parece ser mais obra humana do que da natureza. As margens d'ahi para cima começam a elevar-se, e o rio a ter menos largura, de maneira, que a duas leguas do *Tacaracachy*, elle fórma a mais soberba e imponente das cachoeiras. E' a chamada da *Catiry* e que eu denomineia da *Princeza D. Izabel*. Fica esta no braço direito da divisão que faz ahi duas grandes ilhas, e precipita-se por uma serie de quedas, das quaes a primeira é de 4 metros de elevação. A natureza ahi muda de aspecto; começa o terreno montanhoso. Vista de frente, pela sua grande inclinação, e pelas altas montanhas, que ahi começam, torna-se magestosa e extremamente bella. O ruido ahi das aguas é atterrador; os flocos de espuma, que como uma barra de arminho, orla a pancada em longos rodamoinhos, correm, rio abaixo, por longo espaço, através dos escolhos de diorito compacto, que formam não só a cachoeira, como salpicam as margens e o meio do rio. Duas gigantes *maximilianas régias*, de igual porte juntas uma a outra, como que ahi crescem para embellezar a perspectiva, da magestosa cachoeira. Corre esta para S O.

Ahi tive occasião de ver o *cauré* e o seu ninho. Este gavião, o mais pequeno e o mais temido, pela crua guerra que faz a todos os passaros, até aos seus congeneres de maior vulto, no Amazonas, tem o corpo todo preto assim como o bico, exceptuando as pernas que são amarellas. A femea tem o peito e o ventre avermelhado e uma colleira branca. Tem o vôo e o porte de um andorinhão, *hirundo*. Atira-se a qualquer pas-

saro de vulto, como o mutum, o magoary e outros; não temendo nem o gavião real. Caça, perseguindo-os no seu vôo e introduzindo-se sob as azas, onde se agarra e vai devorando-os até cahirem. Salva-se porém o magoary e outros aquaticos, precipitando-se n'agua. Alguns mammiferos mesmo não são respeitados; como a guariba. E' o maior inimigo da criação domestica e o mais temido entre as aves de rapina. Construe o seu ninho, nos altos troncos das arvores, procurando os que ficam obliquos ou parallelos, para pela parte inferior formal-o, ficando resguardado das chuvas. Com as sementes de um *haemadictyum* faz um tecido em fórma de cylindro, grudado ao tronco; com uma divisão interna onde deposita os ovos, deixando uma abertura na parte inferior, por onde elle penetra. Tem geralmente o ninho $0^{m},2$ de comprimento, e $0^{m},05$ de diametro.

Transposta a cachoeira *D. Izabel*, por terra e levada a canôa descarregada á sirga, chega-se á região montanhosa, onde o rio começa a se tornar estreito, apezar de algumas ilhas montanhosas, que offerece. Os canaes que estas formam, são todos de pequena largura, pedregosos e pela elevação dos terrenos são todos encachoeirados. As cachoeiras succedem-se umas após outras, sendo as mais notaveis: Dedeú, Uáiêuna, Sapucaya-cuara, Arara, Uacará, Itá, Çuaçú, Marcurian, Sunamã e Carimany. Correm e precipitam-se estas cachoeiras n'um valle montanhoso, todo accidentado, coberto de bastas florestas, animadas por diversos passaros e animaes, que fazem com que torne-se muito abundante essa região.

Duas leguas ácima da cachoeira Sunamã, apresenta-se a do Carimany, na foz da confluencia do rio Carimany, que pela margem direita se apresenta com um volume d'agua, quasi igual ao do Jatapú. Vem de O e as suas aguas são barrentas, contrastando com as de um outro confluente da esquerda, que denominei rio Uassahy por habitarem ahi os indios Uassahys. As aguas

são pretas; notando-se bem a separação por longo espaço, confundindo-se depois, dando ao Jatapú uma côr betuminosa.

Este rio vem do norte, e tem menos largura, sendo todo encachoeirado. A barra que ahi faz, dá origem ao rio Jatapú, que é formado da confluencia destes dous rios, como o é o Tapajós, formado da do Arinos e Juruenha. A figura da letra Y, bem representa a nascente do Jatapú, e não se póde considerar nem um dos braços como principal, por causa da côr das aguas. O da direita, habitado pelos indios Chiparás, vem de O em terreno argilloso e de alluvião e o da esquerda procurando o S corre entre montanhas; estreita-se muito, e é todo encachoeirado. Tendo-se aberto na cachoeira a minha montaria, e saltado a rodella da popa, vi-me impossibilitado de subir pelo rio Uassahy que tantos desejos tinha de o fazer. Das informações que me deram dous indios Pariquis, que por elle subiram em 1850 indo fazer um descimento de indios, obtive algumas informações, sobre os indios Uassahys, confirmadas pelo tucháua, João José de Lima. Habitam o rio Uassahy, além dos Uassahys, os Curubianans, e Orocotós, que vivem nas serras das vertentes.

Tem os Uassahys, a sua taba, dentro da floresta, proximo á margem do encachoeirado rio Uassahy, composta de differentes choupanas conicas, cobertas de *geonoma acutiflora*, cuja coberta chega até ao chão, deixando apenas uma porta, que é fechada por um *yapá*. Nestas choupanas dormem os velhos e as mulheres, vivendo os homens solteiros, em um quartel, no centro da taba, da mesma fórma circular e conica com uma só abertura, e com uma triplice trincheira de cascas de páo. Este costume é semelhante ao dos Mundurucus, como já descrevi. As suas redes, são pequenas maqueiras feitas de grello de tucumã uaçú, *astrocaryum princips*, e as suas armas, são o arco, a flecha. O primeiro é feito de muirapiranga, ou páo d'arco, com uma meia canna, pelo lado exterior, e são maiores do que

um homem ; a segunda é feita de flexa, com uma lança de taboca, $0^m,5$ de comprimento e $0^m,07$ de largura pintada interiormente com a seiva do mucunã. Usam tambem de flechas, com suumba de madeira, com um dente de osso na ponta. A suumba é riscada com a mesma tinta. Para o preparo do lugar, em que encaixam o bicco de osso, usam de uma especie de faca, feita de muirapiranga, tendo em uma extremidade, um dente de cutia. E' toda ornada de desenhos abertos na parte opposta ao dente. Andam geralmente nus, usando sómente, como os Pariquis, ligas de tecido de algodão, tinto em urucú; que, postas nas pernas em pequenos, faz que, com o crescimento e desenvolvimento dos membros, a parte apertada pelas ligas fique mais fina do que o resto das pernas. Como os Aruaquis, usam tambem de cueyos, de tecido de algodão, brancos ou pintados de vermelho, tendo as extremidades rematadas por fios enfeitados de pennas de papagaios. As mulheres usam tambem de cueyos, (*puiracueyo*) porém feitos de missangas pretas e brancas, em fórma de avental. Os homens usam de pulseiras, feitas de um fio de algodão, enfeitado com as mesmas pennas, com passadores de coco de inajá. Trazem atrás das orelhas uma pequena flecha coberta de fio de algodão, rematada por uma roseta de pennas, d'onde pende um fio coberto de pennas compridas. O seu acangatare, é feito de pennas de arara verde, em fórma de resplandor, mettido em um circulo de tecido de palha. Usam os homens de cabellos cortados e as mulheres, delles cahidos pelas espaduas. São altos, musculosos, guerreiros e de boa indole.

Feita esta ligeira descripção ethnographica, volto ao assumpto da minha viagem. Depois de uma demora de dous dias, emquanto se concertava a canôa, vendo que não podia proseguir na minha viagem, e tendo percorrido a principal parte do rio, voltei. No dia 10 de Outubro cheguei á Cachoeira Grande, ou á ultima para quem desce. Ahi encontrei na praia, de que já fallei, o taboleiro das tartarugas.

Chama-se taboleiro o espaço das praias onde vem desovar as tartarugas, que dizem ser marcado anteriormente por uma dellas. Nos mezes de Outubro e Novembro começam os trajacás e tartarugas a desovar pelas praias, sendo aquelles os que primeiro sahem dos rios, não fazendo taboleiro; porém indistinctamente sobem as praias e ribanceiras e em pequenas covas deitam seus ovos. Geralmente deitam de 15 a 30 ovos, que como os das tartarugas são chocados pela arêa aquecida pelo sol.

Affirmam os indigenas, e é geral esta asserção, que na vespera de sahirem as tartarugas para desovar, sáhe uma á praia, e roçando com o casco na areia, traça um grande circulo, voltando novamente para o rio. Na noite desse dia sahem então aos centos as tartarugas, e, só dentro do espaço determinado pela primeira, começam a fazer covas, onde depositam ás vezes cem ovos cada uma. Depois de desovarem, cobrem as covas com a areia que tiraram, e soccam-a com a couraça *plastron*, dos francezes e retiram-se para o rio. E' esta a época de uma activa, mas barbara e destruidora industria. Os indigenas espreitam essa occasião, e quando ellas estão prestes a lançarem-se n'agua, começam a *viração*, que, consiste em correr após ellas e á mão viral-as com a couraça para cima. Por este meio, chegam em algumas praias a virar, ás vezes, mais de 400; que não são todas aproveitadas, umas por falta de conducção e outras por morrerem. Assim perdem-se milhares annualmente no Amazonas. Aquelle que só póde levar 20, vira ás vezes 100; não cuidando no estrago, nem na falta que faz a reproducção. Viradas as tartarugas, são conduzidas ao commercio, ou começa o fabrico da *manteiga*, que é a banha empregada nos misteres economicos e culinarios do Amazonas. Ahi é que a destruição é geral. Reunem-se varias familias nas praias, fazem ligeiras barracas de palha, e começam a tirar das covas os ovos, que vão sendo amontoados aos milhares dentro das montarias, que para esse fim arrastam para terra.

Tirados todos os ovos, dous ou mais individuos, armados de páos pontudos, começam a furar os ovos, acabando por amassal-os ás vezes com os pés; depois enchem d'agua a montaria; exposta esta mistura ao sol, por algumas horas, a gordura que em si contém os ovos, sobe á tona d'agua, donde é tirada para apurar-se e ser guardada em potes. E' esta gordura que se denomina azeite ou *manteiga* de *tartaruga*. Mette dó, ver esse fabrico, quando não o é logo depois da postura; quando os ovos estão gerados. O sangue, as pequenas tartaruguinhas, que no amassar dos ovos sahem, torna selvagem, barbaro e destruidor esse fabrico. Triste é o fadario da tartaruga! Se chega a gerar-se e a largar o ovo, não escapa depois da sararaca, do arpão ou da viração. Não as perseguem só o homem. As onças, os jacarés, os jacuruarús (1), os gaviões-panemas, lhe fazem uma guerra cruel. Se desovam em praia deserta, escapando do homem não escapam destes animaes, que são gulosos da sua carne e de seus ovos. Comtudo estes não destroem tanto, como o homem, e é por isso que ainda abunda essa elodite. Além da manteiga, dos ovos, faz-se a das banhas derretidas, come-se a carne, que é saborosa, e os seus ovos, crús, cozidos, assados ao sol, muqueados ou misturados com farinha (mujangué) que se desfaz depois n'agua.

Diz o meu amigo o Sr. tenente Rufino Luiz Tavares, no seu relatorio, apresentado á presidencia do Amazonas, pela exposição nacional, que: « E' revoltante o que se pratica nas praias depois que as tartarugas alli sahem para depositar os ovos! Para as mulheres começa o trabalho, para os homens a mais desenfreada orgia. Milhares e milhares de ovos desses germens de uma futura e abundante riqueza, permitta-se-me a expressão, são sacrificados á voracidade dessas aves de rapina, para o fabrico da manteiga. Basta que se diga que uma tar-

(1) Teius teguexim.

taruga põe termo médio, cem ovos, e que para um pote de manteiga são precisos cinco mil, pouco mais ou menos. »

Seis especies, são conhecidas no Amazonas; o tracajá, cujo macho dão-lhe o nome de Capitary (*Emys tracajá, Spix. E.Dumeriliana. Vieill.*) a cabeçuda, *E. macrocephala;)* a pitiú, do Jatapú ou Acambéoa do Solimões (Podocnemis), a pintada, *(Emys)* a menbeca ou molle (Trionix) e a Aiyuassá, ou grande (*Podocnemis* expausa). De todos esses cheloneos o maior é a Aiyuassá; a mais feia, a cabeçuda; e a mais linda a pintada que é pequena e pintada de vermelho, não só a cabeça e pernas como a margem do casco (1).

No dia 15 pelas 5 1/2 horas da tarde, cheguei ao aldeamento do Jatapú, onde os indios me esperavam, dando salvas de *roqueira*, quando desembarquei. Recolhendo-me á casa, ahi, vieram todos ao som de *chicutás*, comprimentarem-me e convidar para assistir a uma ladainha em acção de graças pela minha volta, e depois a um *baile*.

Na igreja em ruinas, alumiada por duas pequenas velas, tirada a ladainha por tres indios, acompanhada em côro por todos, tornava-se edificante esse acto de religião, ahi plantado pelo primeiro missionario, de grata memoria. Dirigindo-me para casa do *baile*, ahi assisti as suas dansas, ao som das chicutás. Dos instrumentos indigenas que tenho visto e ouvido, é o mais feio; porém o mais melodioso. Só tocam aos pares, dando um as notas graves e outro as agudas; afinados sempre um por outro, de maneira que quando tocam, parece-se ouvir um só instrumento. O seu som é o de uma flauta melodiosa. Feito do stipo do jupaty (*eryartea setigera*), ocado previamente, fazem a um decimetro dis-

(1) Outr'ora era prohibida a viração, haviam os guardas das praias, porém pela Lei n. 125 de 28 de Abril de 1863, foi declarado livre o fabrico da manteiga; porém em alguns lugares como em Silves, ainda as praias são guardadas e quem quer fabrical-a paga 2$000 por pessoa.

tante de uma das extremidados, que são cortadas horizontalmente, uma pequena abertura quasi triangular; tapado com cera virgem acima do furo; pela parte interna, fazem um pequeno furo na cera dirigido para a abertura e cobrindo, com a epiderme do casco da tartaruga, amarrada com fios a parte da mesma abertura, soprando, e subindo ou descendo a mesma epiderme afinam o instrumento. Não o preparam, nem o enfeitam, fica o stipo naturalmente. Medem de 6 decimetros a 1 metro de comprimento. Ao som deste instrumento cantam e dansam, varias peças; que, todas no canto mostram costume de animaes, assim como as dansas, arremedam o seu viver. As principaes são: a *sucuriú*, a *uariuaiú* (guariba), a *tamauqaré*, o *çuaçú* e o *jacamim*: Na sucurijú todas as evoluções da dansa, são arremedando o andar, o correr, o enroscar-se e o apertar da caça, deste ophidio. Como prova do canto, eis o começo do do tamaquaré, que é um pequeno camaleão que vive pelos páos, e que os indios servem-se delle para certos philtros: Um pergunta:

Mamenêquiçáua tamaquaré?

os outros respondem em côro dansando:

Muirá racamé tamaquaré. (1)

No do Jacamim, que é um passaro adulador e cheio de mesuras, perguntam:

Quaiè muraçé jacamim?

Respondem:

Chacenôe nenhengara jacamim,
(2) Nhanecearama chaiure poraçé jacamim.

Fórma a dansa um circulo, em que os indios todos dão as mãos, ficando nas extremidades, os dous que fecham o mesmo com os chicutás, que são sustentados por uma só mão. Não tendo furos o instrumento, todas

(1) Onde está tua rede tamaquaré? Na forquilha do páo.

(2) Assim se dansa jacamim? Ouvi tua cantiga, por isso vim dansar.

as notas são dadas, pelo movimento dos labios e lingua, tendo cada animal o seu canto mais ou menos variado, mas sempre, suave e harmonioso ; tendo alguns, semelhança com as nossas modinhas. Na dansa a cadencia dos passos, é compassada pelo canto ; e a certeza das figuras, faz com que torne-se divertida. Cumpre aqui descrever a vida que, nas florestas, levam os Pariquis, remontando um pouco ao seu passado. Tribu guerreira e numerosa, querendo só dominar o valle do Uatumá, foi desde os tempos mais remotos inimiga e perseguidora dos Aruaquis cujo berço são as cercanias do mesmo rio. A perseguição delles, foi a causa da dispersão dos Aruaquis, que abandonaram seus lares, para se estabelecerem pelo rio Urubú e pelo Rio Negro. Descendo uma partida destes, para o Rio Negro em 1659 encontraram-se com o capitão Favella, que ia fazer resgastes de indios no Solimões, e foram aldeiados por elle em Ayurim ; primeira missão, que então fundou-se no Rio Negro. Foragidos, assim mesmo não ficaram livres dos ataques dos Pariquis, que por toda a parte os perseguiam. Estava no governo da capitania o Dr. Victorio da Costa, qnando em 1819, o principal Aymenê, ou Aymynê Quiade, reuniu a sua tribu e fundou a povoação que hoje existe. Subindo logo depois um missionario, fez com que Aymenê, levantasse uma pequena capella, onde o mesmo foi baptisado, com o nome de Manoel, sendo depois conhecido por Manoel Antonio da Silva.

Em 1824, frei José Alvares das Chagas, carmelita, que tinha dado por missionada a missão de Villa Nova da Rainha, veiu fundar a do Jatapú. Ahi chegando, deu começo á construcção da igreja, para a qual trouxe dous sinos e alguns paramentos, e a de uma casa para escola. Logo depois de sua chegada, apresentou-se-lhe o principal *Moatuna*, cujo nome christão era Manoel Toscano de Vasconcellos, com todas as familias de Pariquis, que existiam em Serpa e Silves. Manoel Toscano, foi nomeado tucháua, por patente, do governador Manoel da Gama Lobo da Almada, em 29 de Julho de 1796.

Frei José das Chagas, demorou-se na sua missão sete annos, gastos na educação e instrucção dos indios, com aquella moral, aquelle amor de pai, que ainda hoje é ahi proverbial. Vendo que a sua presença era necessaria entre outras almas, não tocadas pela religião, e que ahi já o povo estava instruido nas doutrinas de Christo: com bases, para poder dispensar ensino, deixou a missão em 1831, e foi para a de Borba, onde falleceu no anno de 1838. Ainda algumas reliquias existem, deixadas por elle; o sino, os castiçaes de madeira e a sua cadeira, onde se assentava para instruir o seu rebanho, ahi estão para perpetuar a lembrança de tão santo varão. Assentado nessa cadeira, escrevo estas linhas.

Os Pariquis, que vivem hoje espalhados pelas margens do rio, tem um tucháua, mas que não exerce mais o seu poderio; é Clemente Rodrigues, o filho de Manoel Toscano, ou Moatuna, nomeado pelo director geral dos indios, João Henrique de Mattos em 10 de Junho de 1848, confirmado por carta patente do presidente Tenreiro Aranha, em 28 de Abril de 1852. Os que vivem, pelas selvas, das margens do rio Uassahy, ainda conservam os primitivos usos: hoje já quasi deixados pelos semi civilizados. Usam constantemente de umas ligas de 0,04 de largura, de um tecido de algodão, tinto em urucú, muito justas, o que faz com que a parte coberta por ellas seja mais clara do que o resto do corpo. Chamam-se estas ligas *uóchy*, e pela lingua geral *tapacuras*. Encobrem as partes genitaes, os homens, com um *cuêyú* de 0.^{m}3 de largura e 2,^{m}5 de comprimento, feito de fio de algodão tinto em urucú, com franjas de pennas encarnadas de tucano. Vestem-o atravessando por entre pernas e passando as pontas por baixo de uma cinta de fibras, que trazem amarrada na cintura. Enfeitam a fronte com o *Erocó*, que é um diadema de pennas verticaes, da cauda da arara encarnada, sendo as lateraes de papagaio rôxo; a parte que se une á testa é de pennas miudas e pretas de mutum. As mu-

lheres usam de tangas, feitas de fibras vegetaes, e sementes de *periquiteira* (*bombax*) ; assim como de brincos de pennas como uma borla feitos de pennas de tucano, e rematados pelas da cabeça do tangará (*tanagra*). São enfiados nas orelhas por um ganchinho de páo. As suas armas de guerra, são o *cuidaru* e o *murucu*, que sempre trazem, este na mão direita e aquelle na esquerda, enfiado ao pulso por uma corda de fibras vegetaes. São de 1,m5 de comprimento, achatado, e esquinados em uma extremidade e roliço para a outra, onde tem um remate ás vezes em fórma de crescente. E' muito pesado, e feito de muirapiranga ; alguns com ornatos abertos na madeira. O murucu, é um dardo em fórma de lança, da mesma madeira, com tres metros de comprimento, ornado na extremidade opposta á lança de duas pennas da cauda da arara. Ferido o inimigo com o murucu, cahem sobre elle com o cuidaru, que da primeira pancada, arrebenta o craneo. Os arcos, são da mesma madeira, de meia canna, e denominados por elles *urucumã*. As flechas *ereui*, são de lanças de taboca ou de dentes, ornadas com pennas tambem de tucano. Vivem em malocas, com casas circulares abertas lateralmente e muito baixas, cobertas com folhas da palmeira, geonoma acutiflora, ou das folhas tecidas do Astrocaryum farinosum, cercadas por uma trincheira de casca de tucury, *couratary*. As suas festas funebres, assemelham-se ás dos Aruaquis. Quando na taba ou maloca, morre algum indio, os parentes convidam a tribu para assistir e tomar parte na ceremonia do enterro ; se é que este nome póde ter. Reunidos os convidados, agarram no cadaver, encolhem as pernas, amarram as mãos sobre os joelhos, e assim encolhido, mettem-o dentro de um *panacú*, ou cesto comprido feito de peciolo de palmeira. Acendem uma grande fogueira em frente da casa do morto, e formados em linha em torno á mesma, com seus enfeites, sem instrumento dansam e cantam, levando um o panacú com o cadaver ás costas. Quando este está cansado, e muitas vezes com

as costas feridas, passa para outro, que tambem quando cansa passa ainda para um outro, e assim successivamente até todos terem dansado com o cadaver. Depois deste ter passado pelas costas de todos, é lançado á fogueira. Emquanto se reduz a cinzas o corpo, continuam a dansar e a cantar. Neste meio tempo as mulheres preparam o cachiry, e vazilhas com a tinta. Recomeçam as dansas, acompanhadas de libações, logo que a mistura está feita, com a tinta vão-se pintando. Dura esta ceremonia dous ou mais dias, conforme a quantidade de cachyry que havia preparada. Terminada esta festa mettem os ossos dentro de uma igaçáua, ou urna funerea e a enterram dentro da casa do fallecido. Dão a estas ceremonias o nome de *coroconó*. Quando algum se casa, é obrigado a vir no primeiro verão, depois do casamento, trabalhar para o sogro. Este costume tem alguma analogia com os dos Muras, com a differença que estes trabalham antes de obter a noiva. Não ha ceremonia alguma neste acto; o pai concordando no pedido entrega logo a filha.

São polygamos incestuosos, porque uma vez obtendo uma mulher, todas as outras irmãs desta lhe pertencem á medida que forem chegando á puberdade. E' obrigado a passar com todas parte da noite, e se não o fizer é considerado máo marido; pelo que o pai ou parentes o matam a cuidaru, e o queimam. Não podem repudiar as mulheres.

Celebram annualmente, no tempo das frutas, a festa do *Bodú*, que consiste em partirem para o mato os homens em procura de fructos e trazerem em *peras* (1) para o meio da maloca, onde formam grandes montes. A fruta que mais apreciam é a do murumuru-iri (*astrocaryum farinosum*). Depois que todos voltam do mato, começa a festa, que consta de dansas e

(1) E' uma especie de saco, feito com foliolos geralmente da bacaba ou ussahy trançado. São feitos no mesmo lugar em que se colhe a fruta.

cantos, entre homens e mulhéres, ao som do *Bodú*, ao passo que tambem vão comendo as frutas.

O bodú é um instrumento em tudo semelhante ao *chicutá*, porém mais grosso, feito de pashiuba *(eryartea exhorhysa)*, que é acompanhado por outro, feito em fórma de cartucho, de cascas de páo. Nesta festa usam tambem do *uorcú*, que é um chocalho, feito com o endocarpo do fructo de uma trepadeira.

A festa das frutas celebra-se mais de uma vez por anno, conforme o tempo dellas. Nas festas particulares é que se usam os chicutás.

Cada maloca é governada por um principal, *quiady*; sendo todos mutuamente obedecidos nas malocas.

Usam de maqueiras de mirity, que denominam *itué*. Vivem da caça e usam ubás para as suas excursões pelo rio (1).

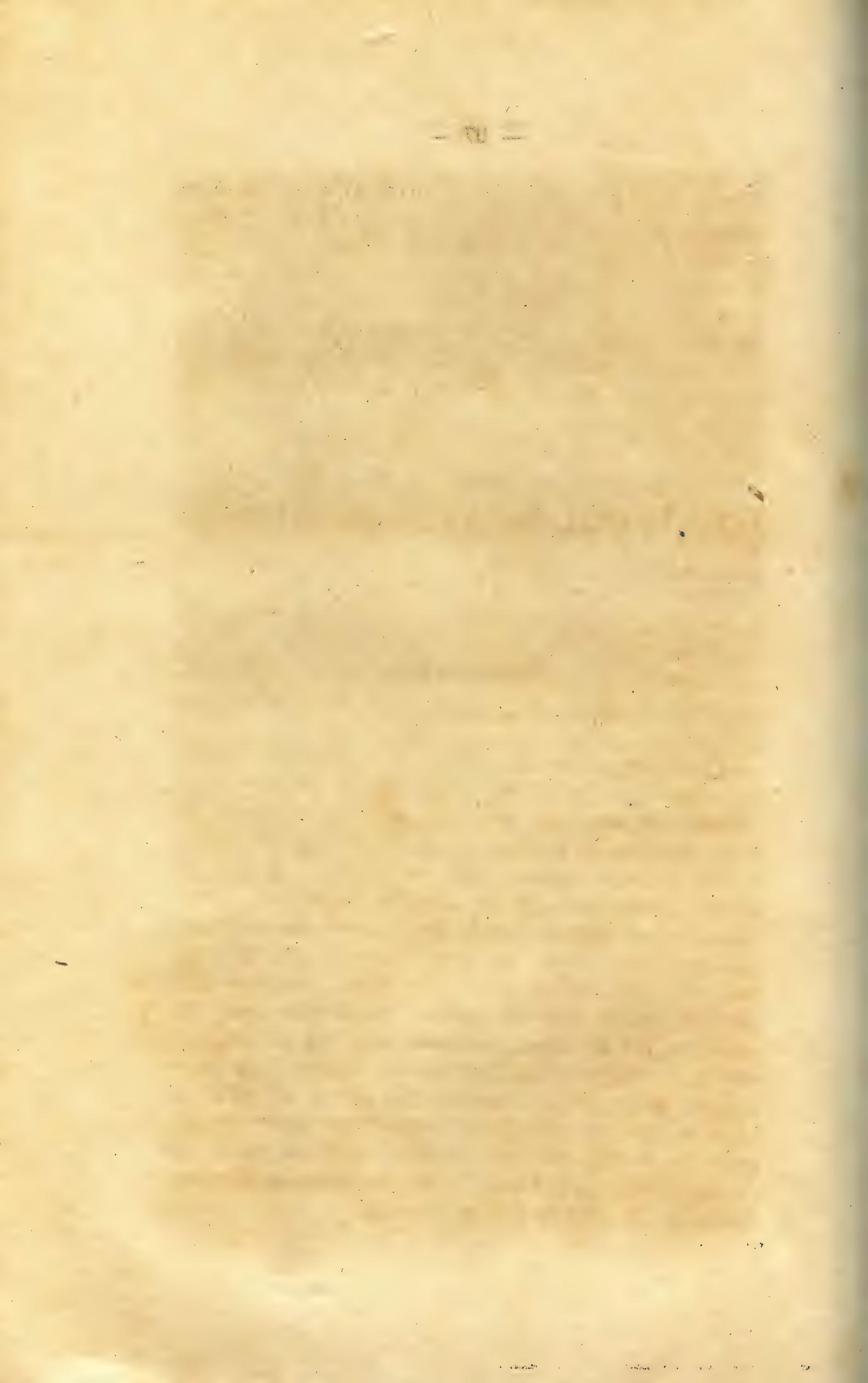
São reforçados, muito morenos e barbados; em geral são feios, porém ha algumas mulheres bonitas e bem feitas.

Tendo passado 3 dias no aldeiamento, para descansar, segui viagem no dia 21. Querendo determinar bem a posição das ilhas, que ficam fronteiras ás fozes do Urubú e Uatumá, no Amazonas; quando cheguei á foz deste segui aguas abaixo pelo Paraná-mirim, onde ambos desaguam; chegando á povoação da Capella, onde me demorei.

Esta povoação, que vai adquirindo direitos a ser elevada á freguezia, é o antigo sitio de Chrispim Lobo de

(1) Cultivam o tabaco e a mandioca. Para o fabrico da farinha fazem o *Subady* que é um ralo, feito em uma taboa de cedro; nunca attingindo mais de um metro de comprimento; cravam nella, em linhas, pedacinhos de silex, deixando apenas nas duas extremidades, uma porção da taboa sem ser cravada. Depois do silex ou pederneira, cravado, enchem os espaços com leite de sorva, misturado com *tauá* (oca-amarella), para melhor segurar o mesmo. As extremidades não dentadas pelo silex é pintada com o mesmo leite misturado então, com tisna de panella. Alguns pintam todo de amarello, e fazem desenhos pretos nas extremidades. Differem dos dos Uaupés não só pela fórma, como pela rocha de que se servem e pelo grude; estes servem-se do quartzo, seguro com o uanany.

Macedo. Para uso particular de sua familia, elevou uma pequena capella, com a invocação de Sant'Anna, no anno de 1814, obtendo do bispo D. Manoel de Almeida de Carvalho, uma provisão para poder celebrar-se nella todos os actos religiosos. Desde essa época é conhecido o lugar por Capella. Depois da morte de Chrispim, esse lugar decahiu, porém ultimamente passando o commercio de Silvas para ahi, tem prosperado, a ser hoje um dos pontos dos vapores que sobem o Amazonas. Consta de nove casas, todas de telhas e bem construidas, sendo cinco occupadas pelo commercio, que é quasi todo estrangeiro. Exporta-se dahi, peixe, breu e gomma elastica. Fica esta povoação em uma planicie elevada, á margem esquerda do Amazonas, defronte da confluencia dos canaes ou Paraná mirins, do Urucará e de Silves, 4 milhas abaixo da foz do Uatumá. Depois de me demorar ahi dous dias, segui para a villa de Silves, a reboque do vapor *Fortaleza*, até a foz do rio Urubú, por onde me dirigi para a dita villa na minha montaria.

Depois desta descripção resta-me considerar geographicamente os rios Urubú e Jatapú, o que farei no capitulo que se segue.

III

Rio Urubú e villa de Silves

GEOGRAPHIA.

Depois do que expuz nos dous ultimos capitulos só tenho a considerar aqui o rio Urubú geographicamente; a fim de melhor ficar conhecido e apagar os erros e falsas noticias que correm impressas ; consignadas por alguns escriptores, levados por informações inexactas, dadas por individuos ou que não conhecem o rio, ou que não o estudaram. Se bem que seja um rio de segunda ordem, na grande rede de affluentes do Amazonas, comtudo é de summa importancia o conhecimento exacto das regiões que possuimos, para que na organização da carta geral do Imperio, não se consignem erros, que já por alguns geographos tem sido consignados ; como os deste rio já perpetuados pelo Exm. Sr. senador Candido Mendes, fiando-se em plantas menos exactas.

E' notavel a fórma do curso deste rio, talvez neste sentido o primeiro, e disso provêm os erros, commettidos pelos indigenas, que não o estudaram, e informaram segundo as suas opiniões. A circumstancia da formação de fundas e largas enseadas tem feito com que diversos tenham sido os lugares dados por fózes sem nunca até hoje ter-se dado a verdadeira. O resultado de um estudo nas aguas, terrenos, plantas e animaes, veio confirmar a opinião que formei sobre o seu curso. Rio desconhecido até então, que sobre elle contrarias e diversas eram as opiniões, que todas, depois por mim vi serem menos verdadeiras, leva-me a escrever ainda estas linhas, que se não vão enfeitadas pelas flores da poesia e n'um estylo elegante, tem ao menos a verdade, achada em dias de trabalho e de perigos, exposto as intemperies.

Nasce o rio Urubú, nas terras alagadiças das vertentes da serra da Guyanna Ingleza, que ficam na Lat. de 1.° abaixo do equador, entre os meridianos 17° e 17° 15' de Long. occidental do observatorio do Rio de Janeiro, começando por um estreito desaguadouro das mesmas terras, que para elle correm por innumeros pequenos riachos. Pela disposição do terreno vê-se que pelo verão o braço principal da nascente fica completamente secco, e que as aguas estagnadas pelas margens formam grandes igapós. Pela enchente, estravasando a grande quantidade d'aguas pluviaes que as terras marginaes recebem, formam riachos e mesmo ribeirões, que pela vasante ficam completamente seccos como tive occasião de observar. As aguas pluviaes arrastando das serras, e d'outros terrenos mais elevados, grande quantidade de páos, seixos, areia e argillas, pela sua maior força de corrente, e como primeira a passar, têm formado margens elevadas, que depois pelo inverno desapparecem, por se unirem as aguas dos terrenos mais baixos das mesmas margens com as do braço principal, não formando então mais do que um grande igapó. A' medida que as aguas vão abaixando, as margens vão

apparecendo formando o curso do rio, deixando aqui ou alli abertas que dão esgoto ás aguas depositadas nos lados, porém, que depois a seu turno, estando ellas mais baixas que o leito do rio, seccam esses escoadores e ficam estagnadas sob a floresta. Como o terreno ahi seja muito elevado, as aguas procuram outro desaguadouro e formam tres affluentes; que, continuamente alimentado em seu trajecto, com pequenos tributarios, conservam sempre um volume d'agua respeitavel. Esses affluentes, são : o Mbiara, o Carana-y e o Urubú-tinga, que ficam a 2º 57' 2" de Lat. S na Long. 16º 47' 2" formando d'ahi em diante o curso verdadeiro do rio. Pela vasante, ressente-se, comtudo e não offerece grande profundidade. Ahi em meia vasante a sonda deu-me uma braça, nos lugares mais profundos.

Tres rumos dintinctos leva o rio, descontando-se os torcicolos naturaes: O da nascente até a confluencia destes tres rios é de S 1/4 SE o deste ponto até o furo Arauató é de SE 1/4 E SE e d'ahi até a foz no Amazonas NE 1/2 E NE. Dividi o rio em alto e baixo Urubú, considerando o primeiro das nascentes até ao Arauató e o segundo d'ahi a foz. Farei pois o seu estudo geographico, attendendo a essa divisão e aos seus rumos. No primeiro, até ao rio Urubú-tinga, nada ha de notavel, a não ser a natureza do terreno todo alagadiço, offerecendo aqui ou alli algumas eminencias, por entre as quaes passam os igarapés, ou desaguadouros, que formam os diversos tributarios de ambas as margens. No segundo rumo o terreno é mais accidentado, offerecendo, portanto, mais materia para estudo. Na margem esquerda, a seis milhas do Urubú-tinga, desagua o rio que denominei dos Patos, pelo numero dessas aves que ahi encontrei. As aguas d'ahi em diante, pelo declive do terreno, começam a ter maior velocidade; até que, chegando ao terreno pedregoso e de mais declive, fórma a quarta cachoeira, ou antes corredeira. Seguindo o terreno sempre pedregoso, as aguas correm marulhosas e formam, duas milhas abaixo,

outra grande corredeira. Abaixo desta, o terreno perde um pouco o declive, desapparecem as rochas, e entra o rio a correr placidamente ; marginando ahi uma elevada montanha de argilla amarella, que fica na margem esquerda. Decahindo novamente depois o terreno e apparecendo mais rochas, as aguas precipitam-se com mais força e formam a 2.ª e 1.ª cachoeira ou de Nossa Senhora da Conceicão que dista do rio Urubú-tinga 25 1/4 milhas. Fica esta na Lat. S 2° 27' 6", e Long. O 16° 46' 5". Fica esta cachoeira ao N da matriz da cidade de Manáos em linha recta 13 leguas, por sahir este rumo uma legua abaixo da dita cochoeira.

Depois desta cachoeira, o rio é morto ; entra a correr tranquillo, passando a sua corrente de sete milhas por hora na cachoeira a ser de 2 1/2. Tendo já descripto as suas margens, não farei aqui mais do que relacionar, os rios, lagos e ilhas, que se encontram neste rumo. Dez milhas abaixo, fica uma elevada barreira na margem esquerda, que denominei da Onça, pelo motivo já apontado; e outras tantas mais adiante o lago Cordeiro. Tem impropriamente este nome, um fundo saco que ahi fórma-se na margem direita, onde se encontram camadas de argilla, semelhante ao gesso. Na margem esquerda, proximos um do outro, formam-se dous sacos profundos, deixando bocas para o rio, denominados, o primeiro, lago *Chybuy-péua*, e o segnndo *Caracará*. Entre outros ribeirões, que affluem cinco milhas mais abaixo na margem direita, torna-se notavel o *Igarapé-uaçú* que pouco dista do lago *Iaüarité*, que fica na margem opposta. Este lago é tambem um saco.

Logo depois deste saco, apparecem as primeiras ilhas, denominadas *Jutahytyba* nome tirado do igarepé que mais ao sul desagua por entre terras firmes. O rio que então corre com 120 metros de largura, alarga-se a mais do tripulo e fórma uma bacia denominada lago *Maracárana*. Estreitando-se esta, fórma uma garganta, que a separa de uma outra ainda mais larga, que por ter ha-

vido ahi a missão de S. Pedro Nolasco, para perpetuar a sua lembrança, denominei Lago de S. Pedro Nolasco. Esta bacia tem as margens montanhosas. Estreitando-se novamente o rio, começa a inclinar-se para o S onde em um dos torcicolos, apresenta, a 80 metros distante um do outro os rios *Iuquira-uaçú* e *inquira* ou Rio Verde grande e Verde, cujas fozes ficam na margem direita. Entre es rios *Tucunaré* e *Tucunaré-uaçú*, que, mais ao N desaguam, o rio fórma dous canaes ; separados por um baixio sendo o mais fundo o da margem esquerda, por onde, pala cheia, podem navegar vapores de grande callado. Começam ahi as terras a ser mais elevadas e firmes, ficando ahi a *Oiapuc-itá* ou Pedra assentada, que já descrevi. As margens depois deste lugar começam a ser baixas, principalmente a esquerda, onde desagua o rio Cupahyba-tyba, que fica um pouco ao S da ilha do mesmo nome. Continúa a margem a ser baixa, emquanto que a direita torna-se pouco a pouco montanhosa ; começando a se apresentar assim do Igarapé Tabocal. Ahi o rio começa tambem a alargar-se, a formar uma immensa bacia, sendo o ponto em que este alargamento se torna mais notavel, na foz do Igarapé das Curícas, que desagua na margem esquerda. Innumeras ilhas formam um archipelago, espalhadas pela margem direita, com os canaes que as separam, tão intrincados que parecem um labyrintho. Entrando-se pelo mais largo, que se dirige para O chega-se á uma longa ilha, separada das terras Amazonicas, por um estreito canal denominado da *Correnteza*, que dá nome á mesma ilha. Ahi está assentada uma maloca de gentios Muras e na ponta da terra firme fronteira a esse mesmo canal, com frente para o S outra maloca dos mesmos gentios.

Na união dos dous canaes, o da Correnteza e o que passa pela frente da ilha, fica o denominado furo do *Cana*, que pela enchente traz até ahi as aguas do Amazonas. Toma o furo este nome, do de um pequeno lago que lhe fica á margem direita em terras do Amazonas.

Distam as malocas do Cana do Amazonas 6 leguas, e ficam na latitude S 3° 2' 30" e na longitude 15° 33' 46". Doze milhas mais ao S por detrás tambem de uma longa ilha, que fica fronteira á de S. Raymundo, desagua pela enchente o furo de Santo Antonio. A essa grande bacia, que começa no Igarapé das Curícas e termina na extremidade S, da ilha de S. Raymundo, coberta de innumeras ilhas, dei a denominação de lago da Gloria, pelos motivos já anteriormente apontados. Neste lago pois ficam as malocas do Cana e Correnteza e a maior ilha do alto Urubú, que é a em que foi a extincta missão. Tem de largura ahi o rio, 4 milhas, contando o espaço occupado pelas ilhas e uma extenção de 16 milhas.

Pela margem direita entre os furos do Cana e Santo Antonio, que ficam nas duas extremidades, da mesma bacia, corre uma serra, em terras da margem esquerda do Amazonas. Passando-se a ilha de S. Raymundo, que é contornada pelo furo Sucuriju, o rio estreita-se, a 180 metros, tendo logo na margem direita a boca de uma enseada, chamada lago Carará-mirim. Ahi a corrente, que no meio do lago da Gloria é de 1 1/2 milha, passa a ser de 2 1/2 por hora. Seis milhas para leste da boca deste lago, está a do do furo *Arauató*, donde pretendiam que estava a foz do rio Urubú, alguns escriptores, como mais adiante veremos. Ao passar pela boca do Arauató o rio leva a direcção de E S E para E N E com a largura de 186 metros, em meia vasante, com 6 braças de profundidade, encostando pela margem direita depois de cortar inteiramente as aguas barrentas do Amazonas, que por ahi affluem, com 1/2 milha de corrente por hora. A boca do Arauató, que vem de O tem de largura 47 metros, com 4 braças de profundidade. Como disse as aguas negras do rio Urubú ao passarem pela foz do Arauató, não só pelo seu volume, como pela sua corrente, cortam as deste furo e leva-as inteiramente destacadas encostando-as á margem. A disposição do terreno, a posição geographica, a corrente, a côr das aguas,

a largura e a profundidade, faz com que de maneira alguma se possa considerar o Urubú como affluente do furo Arauató, nem tão pouco como continuação do mesmo. Um facto que tira toda a duvida, é o deste furo não levar as aguas do Urubú para o Amazonas, mas sim trazer as deste para aquelle. O Arauató é pois um braço do Amazonas affluente do Urubú, sómente pelas cheias. No tempo do verão, não só o furo secca completamente, como tambem, por correr em terreno mais elevado, priva que o Urubú por elle despeje parte de suas aguas; fazendo assim com que sempre se considere o mesmo furo braço do Amazonas, e não desaguadouro daquelle.

O padre Dr. Monteiro de Noronha, no seu *Roteiro* escripto em 1768 e publicado em 1862, a paginas 27 § 71 diz: « e na distancia de mais meia legua o sexto furo a que chamam Arauató, pelo qual desagua o rio Urubú que desce dos montes, que formam a cadêa ou cordilheira chamada de Guayana. »

Este periodo do referido autor, que nunca passou da aldêa de Saracá, como se vê do mesmo roteiro, foi a base de todos os erros commettidos posteriormente por outros, que foram beber nesta fonte. Baena por exemplo: fiando-se nesta nota, escreve no seu, *Ensaio Corographico* a pagina 486: « pelo sexto furo chamado Arauató resvala tambem o rio Urubú,» assim como o capitão tenente Amazonas, no seu *Diccionario topographico do Amazonas*, na palavra Urubú, diz; « Antigo Bururú, que afflue pelo Arauató o mais occidental dos lagos Saracá; recebe aguas do lago Calumám, em cujas margens foi a freguezia de Nossa Senhora da Conceição :» na palavra Saracá, diz mais: « A ultima bocca Arauató, que em frente ao rio Madeira, serve de fóz ao rio Urubú.»

Este ultimo, além de tomar o Arauató, como braço principal do Urubú, o considera lago; vai mais longe do que Noronha, que foi melhor informado. O lago Caluman em cujas margens houve a freguezia não existe;

nem a tradicção conhece a dita freguezia. Esta inexactidão, vem ainda confirmada na planta do rio Amazonas, levantada sob a direcção do Sr. capitão de fragata Costa Azevedo; pois em uma nota abaixo das palavras: *furo Arauató*, lê-se: « Vai ao Saracá e recebe o rio Urubú. » Não só o Arauató não vai ao Saracá, pois sahe 70 milhas acima da embocadúra do pretendido lago, como não recebe o Urubú, como temos visto.

O distincto engenheiro Dr. J. M. da Silva Coutinho, no seu *relatorio sobre alguns lugares da provincia do Amazonas*, a paginas 8, tambem diz, fallando dos furos de Saracá, que: « no primeiro do lado do Sul desagua o rio Urubú; » assim como o Exm. Sr. Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Lacerda no seu relatorio, quando presidente do Amazonas em 1865, a paginas 37, assim se exprime, baseado em informações: « Acima da villa de Serpa 7 leguas proximamente desagua o rio Urubú, tendo recebido pouco antes um canal do lago de Silves, denominado Arauató. Alguns autores dizem que o rio afflue no canal; parece, porém, natural, seja o inverso. » A entrada do canal, Arauató no Amazonas, não fica a 7 leguas do Serpa mas sim a 3 1/2 leguas, nem se póde considerar essa boca como foz, porque em vez de lançar aguas negras, como são as do Urubú, no Amazonas, leva as deste para aquelle; não recebendo canal algum de Silves, pois para ahi affluem as aguas do Urubú. A sua opinião de que o canal afflue no rio é exacta; mas, não o canal que vem de Silves que não existe e sim o do Arauató. Todas estas opiniões inexactas, originadas, pelo Roteiro de Noronha, nunca puderão ser esclarecidas, visto como nenhum dos escriptores exploraram o rio. Apresento estas notas, que correm impressas, a fim de que de uma vez acabe-se com a opinião tão vulgarizada, de quo o Arauató é o proprio Urubú, ou que por elle se lança no Amazonas. Pela planta que junto e que ahi levantei melhor se vê confirmada a minha opinião.

Passando a embocadura do Arauató, até á boca do

saco, denominado lago Tapiyra, ainda se vê pela margem direita a linha das aguas barrentas do Amazonas destacadas das do rio de que me occupo. Dahi em diante desaparecem, dominadas pelas do Urubú que mansamente então segue o seu curso. Vinte tres milhas, além da foz do Arauató, fica na margem direita o lago Aybu; que é uma funda bacia, onde vindo de N N O sahe um outro braço do Amazonas, denominado de Uixityba, de Miramdyba ou do Aybu. Pela vasante fica completamente secco e deixa de trazer as aguas do Amazonas, emquanto que pelas enchentes, ahi corre com tal quantidade, que toda a bacia, apresenta aguas barrentas, que são levadas depois dominadas pelas do rio Urubú. E' pois outro canal, que serve de tributario a este rio. Seguindo para o Norte, passando as rochas, onde estão gravados alguns desenhos gentilicos, apresenta-se na margem esquerda o rio Carú, que pela sua largura e pelo volume de suas aguas é o segundo affluente do rio. Tem as suas nascentes, nas fraldas da serra do Massuminy, que o separa do maior affluente que tem o rio Urubú em todo seu curso; o rio Anibá.

Pelas falsas noções que haviam e que felizmente consegui provar quando ahi andei; algumas inexactidões tambem correm impressas, sobre este affluente, por exemplo: « em um dos lagos de Saracá, desagua o rio Anibá » diz M. de Noronha a paginas 27 § 71. Da mesma opinião são Baena e o capitão tenente Amazonas. O engenheiro Coutinho, tambem no relatorio citado diz que: « no lago de Silves desagua o rio Anibá » assim como no recente trabalho: *O Imperio do Brazil na exposição Universal de* 1873 *em Vienna d'Austria*, a paginas 8 diz: « Na Guyana Brazileira, avulta o lago Saracá entre os rios Urubú e Anibá que por elle se communicam.

O rio Anibá, desagua no rio Urubú; é o seu maior affluente, e dista do impropriamente chamado Lago Saracá 11 3/4 milhas. Sua foz fica na margem esquerda e corre entre terras montanhosas, que formam um lindo valle. Unido com o Anibá, sem augmentar a sua

largura corre por mais seis milhas o Urubú; no fim destas alargando-se, é interceptado por seis ilhas; formando, á direita, uma grande enseada, onde fica a maloca do Macuará Mirim, e por onde desagua o igarapé Castanhal. Passada a ultima ilha, sendo as terras da margem direita extremamente baixas, espraia-se para ahi e fórma uma grande bacia que é o que se denomina impropriamente lago de Saracá. Com meia milha por hora de velocidade, assim corre por espaço de quatro leguas, que é a extensão que tem da boca do Castanhal á villa de Silves. A margem esquerda é montanhosa, emquanto que a direita, formada pelas terras baixas do Amazonas, de quem o separa pouca distancia, são todas innundadas. Pela enchente, alem da quantidade d'aguas pluviaes que recebe esta bacia pela sua extensão e pelas que vem de sua origem; ainda o Amazonas, lhe manda um pesado tributo, pelos canaes que lança para ella, denominados furo do Carão, furo Canaçary e furo Curaçá. Innumeras ilhas então, além de represar na foz as aguas que então refluem, matizam a bacia, algumas com o terreno fóra d'agua, outras sómente com a copa da vegetação. Os naturaes além de appellidarem esse estravasamento d'aguas de lago, ainda o subdividem com varios nomes, segundo o espaço maior ou menor que se fórma em torno ás ilhas. O espaço maior que fica para O é denominado lago Canaçary, para S O fica o Curaçáuaçú e o Curaçá; para o S o Juruty e para L o Biabiary e o Cunhan-épaua, que ficam fronteiros ao lugar da ilha de Silves, denominado Mucajá-tyba. As principaes ilhas, espalhadas nessa grande massa d'agua são: a do Tracajá, a Fabricia, a Seringa-tyba, a Romão, a Purú, a Guajará, a Jutahy-tyba, Tatuuacá e a dos Papagaios.

Tendo esta porção do rio quatro leguas, offerece tambem a mesma largura em linha recta nas grandes cheias, Pela enchente perde a sua corrente, porque reprezado na foz pelo Amazonas, não faz mais do que estravasar, alagando todas as margens. Pela vasante muda de as-

pecto essa região. O rio começa a correr, não achando resistencia na foz nem recebendo mais aguas do Amazonas pelos furos, que seccam completamente. As aguas descem, as margens surgem, assim como as ilhas, que vão se unindo, e formam então um só terreno, desapparecendo os lagos, que são substituidos nos lugares mais profundos, por alguns poços, onde os pescadores, fazem as suas salgas. Apresenta então o rio o seu curso natural, marginado pela esquerda pelas terras firmes montanhosas e pela direita por uma linha de terra, que antes eram ilhas.

Os poços ficam separados do rio, por extensas praias e pequenos outeiros, só ficando uma communicação para o Canaçary, para pequenas canoas. Tive occasião de vel-o na enchente e depois pela vasante. As aguas ahi sobem a mais de 10 metros. Não se tendo estudado este ponto do rio, se bem que o mais frequentado, tem sido elle até agora considerado lago por todos os autores que tenho citado. Para não ser considerado lago basta que se attenda a circumstancias de não ser elle circulado de terras por todos os lados, ter foz, enchentes e vasantes, as aguas da mesma natureza do rio que ahi passa e corrente constante, excepto no tempo da maior cheia.

Feita esta ligeira exposição, occorre-me o dever de apresentar o que a respeito se tem escripto, para bem patente ficar que o *lago* Saracá, podendo ter este nome não é mais de que uma bacia, semelhante as que o mesmo rio Urubú fórma, na região elevada. O lago Saracá é o mesmo rio Urubú.

Monteiro de Noronha, no citado roteiro, diz a pags. 27 § 71: «o lago Saracá é de grande extensão, e se divide em dous reciprocamente communicados: E a villa está fundada em uma de suas ilhas. Em um destes lagos desemboca o rio Anibá.»

Baena, a pags 376, da sua *Corographia*, tratando dos lagos da provincia, assim se exprime: «os lagos Canacaré e Macuará, cuja propinquidade communicavel os faz denominar por um só nome, que é o de Saracá: nome

do rio que por elle passa e desemboca na margem esquerda do Amazonas.»

Os lagos Canacaré e Macuará, não existem; tem o segundo nome um sitio na margem esquerda no ponto em que principia a formação da bacia. O nome do rio que ahi passa é Urubú e não Saracá, que desde tempos muitos remotos é applicado á ilha onde se acha hoje a villa de Silves.

O mesmo notavel escriptor, a pgs. 485 e 486, diz mais: « *Saracá:* lago jacente 9 leguas além da margem e que se entorna no Amazonas por seis diversos canaes.» Dista o lago da margem 16 milhas, entrando pela foz e não 9 leguas; não se entorna no Amazonas senão pela sua foz; porque, como temos visto os canaes não levam, mas sim trazem aguas do Amazonas para o centro.

O já citado capitão tenente Amazonas, diz na sua obra acima referida, tratando de Saracá: «Lagos da Guyana que desaguam no Amazonas por seis bocas, entre o rio Uatumá e o lago Amatary» Em Baena, colheu este autor, essa informação. Na sua *Corographia Paraense*, Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, impressa em 1833 a pags. 274, 275 tratando de Silves diz: «que fica no lago Saracá a 9 leguas acima da primeira entrada daquelle lago que se devide em dous, conhecidos por Canacaré e Macuará de agua preta, o primeiro braço tem seis leguas de comprimento e quatro de largura e o segundo, na margem do qual está a villa tem cinco leguas de comprimento e duas de largura,» «Desagua o lago Saracá por differentes bocas, na distancia de tres leguas da primeira á ultima e recebe o rio, Urubú ou Arauató... No mesmo lago Saracá desemboca o rio Anibá.»

Este autor resume as informações de Monteiro de Noronha e Baena e accrescenta as distancias, que abaixo veremos não serem exactas.

O intelligente e habil engenheiro Coutinho não estudando com cuidado o rio, quando ahi esteve, ainda confirmou a opinião do vulgo, que outros autores tinham

aceito; podendo a mais tempo ter tido a gloria de elucidar esta questão. Diz elle, no mesmo relatorio, que já referi: «depois de caminhar-se duas milhas, entra-se a esquerda pelo furo Urubú, que vai ter ao lago de Silves. O Saracá segue ao N e entra no rio Uatumá 12 leguas adiante. O lago de Silves é pois affluente do Uatumã e do Amazonas pelo inverno sómente. O lago tem 10 leguas de comprimento e sete de largura proximamente distando do Amazonas 3500 braças. Além dos furos do Urubú e Saracá, o lago communica-se com o Amazonas por mais alguns canaes....»

O furo Urubú que o mesmo engenheiro assim apellida é a foz do rio; e o do Saracá que segue ao N e entra no Uatumá, não é mais do que um braço do Amazonas que ahi passa recebendo o mesmo Urubú e o Uatumá, seguindo pela povoação da Capella e indo sahir pouco acima das barreiras do Cararáucu. Não é pois furo que torne o lago affluente do Uatumá, mas sim o Amazonas recebendo estes dous tributarios. Quanto a extensão é exagerada pelos calculos que fiz e quanto a distancia que o separa do Amazonas são diversas. Pelo furo Curaçá dista 100 braças; pelo Canaçary, 1 legua; e pelo Carão, 3 leguas. Com o fim de corrigir um erro, e não de fazer uma censura, apresento estas citações com algumas observações.

O presidente Dr. Adolpho de Barros, no lugar já citado, tratando do rio Uatumá diz: «o furo Saracá, que recebe aguas do lago de Silves, entra no Uatumá pouco acima de sua foz.» Acima da foz do Uatumá, só entra o furo Jará-uacá, que une pela cheia o Paraná-mirim do Amazonas, onde desaguam aquelle rio e o Urubú. Tem o nome de Paraná-mirim do Uatumá e não de furo de Saracá. As aguas do Urubú e do Uatumá são negras emquanto que as do mal denominado furo Saracá, são as mesmas aguas do Amazonas.

Quando se levantou a carta do Amazonas, quatro grandes ilhas ahi não foram mencionadas, por supporem, que as bocas dos braços do Amazonas que as rodeiam

fossem bocas do *lago Saracá*. No entretanto são ilhas bem distinctas, e por esse Paraná hoje passam os vapores, não só para evitarem a corrente do Amazonas fóra, como por abreviar a marcha.

Um grave erro geographico é não só classificar-se de lago um alargamento do rio, como dizer-se que este mesmo lago fica entre os rios Anibá e Urubú; como vem mencionado no *Imperio do Brazil na exposição de Vienna em* 1873, que já citei. Como vimos o Anibá desagua no Urubú muito antes delle alargar-se, e este corre a desembocar, no Amazonas, por uma só boca, com um curso claro e distincto pela vasante.

Posteriormente á publicação do *Brazil na exposição de Vienna* sahiu á luz as *Curiosidades e lembranças do valle do Amazonas* pelo conego Francisco Bernardino de Souza, onde o mesmo senhor que escreveu só por informações, diz o seguinte:

« Depois de ter recebido o caudaloso e importantissimo Rio Madeira, recebe o Amazonas as aguas do Arauató, que lhe levam as aguas do Rio Urubú, o qual tambem recebe em seu curso as aguas do lago Canuman, em cujas margens existiu a freguezia de Nossa Senhora da Conceição.....» « O lago de Saracá fica 9 leguas distante do Amazonas, na qual desagua por 6 differentes bocas ou canaes. No canal Arauató desagua o famoso Rio Urubú. »

Que o Urubú, não desagua, no Arauató; que não dista 9 leguas do Amazonas, e que não é lago já provei, só resta aqui dizer que o lago Canuman ou antes rio, fica na região do Madeira e desemboca no canal Tupinanbaranas ou Ramos, isto é, na margem opposta.

Tendo apresentado, o que se ha escripto sobre o lago Saracá, e feito algumas considerações, que julguei indispensaveis, para não perpetuar os erros apontados, julgo ter mostrado que o Saracá é o mesmo rio Urubú e nunca um lago.

Tendo-se atravessado toda a extensão desobstruida de ilhas, ou parte do rio que fórma o seu curso natural, na

direcção de E N E chega-se á grande ilha Saracá, a maior do baixo Urubú, e onde está edificada a villa de Silves. Dão tambem hoje o nome de Silves á mesma ilha; que corre de N a S; é alongada e tem de circumferencia mais de uma legua.

Não tendo ainda tratado da villa de Silves, ligeiramente passo a fazel-o agora.

Está essentada na parte que olha para Leste, a quatro leguas O S O da fóz do rio, na Lat. S 2° 58' e na Long. O 15° 80".

Occupa uma pequena eminencia, que gradualmente depois sóbe e torna-se semi-montanhosa. A leste fica-lhe fronteira uma ponta de terra firme, denominada Ponta Grossa, onde foi o segundo assento da primitiva aldeia, como veremos mais adiante.

Situada n'uma das mais pittorescas posições, está comtudo em completo regresso e póde-se dizer ainda sem errar, o que disse della o bispo D. Frei Caetano Brandão, quando a visitou em 1788, isto é: a 85 annos, « muito abastada de peixe e com as mesmas ou ainda maiores utilidades para a vida humana do que Serpa; porém cheia de mato, as casas negras e muitas desfeitas em ruinas: a igreja tem boa planta, é alegre e fresca, ainda que pobrissima em alfaias. » Com effeito, compondo-se actualmente a villa de 36 casas, apenas 4 são de telha, e estão em completa ruina. Occupam estas casas uma area cortada por duas ruas e uma praça; onde está a igreja e a casa da camara, que são ambas de telha e que pelo concerto que agora soffreram estão mais aceiadas. A igreja tem uma parede, de pedra e as outras de taipa, 45 palmos de frente e 133 de fundo. E' ainda a primitiva igreja com alguns concertos. A pia baptismal é feita de um dos capiteis dos padrões de marmore da commissão de limites de 1777. A excepção da residencia do parocho as outras casas, estão em misero estado. Nota-se que outr'ora a villa foi mais extensa, pelos vestigios que se encontram de outras ruas, e que hoje estão cobertas pelo mato. Residem na villa o pa-

rocho e as autoridades; de maneira que esta está sempre deserta, por morarem todos fóra da mesma. A insipidez deste isolamento é acabrunhadora, para aquelle que ahi chega, a consequencia que se soffre é a fome que se passa, quando a dous passos o rio offerece pratos para opiparos jantares. Quem não tiver um pescador, difficilmente ahi vive, soffrendo as maiores necessidades, como passei. O commercio que podia supprir essas faltas, ahi não existe; apenas 2 tabernas, mal sortidas, passando mezes sem ter nada absolutamente que vender o representam. Em 1833, diz Baena, havia na villa 1794 habitantes sendo 1627 livres e 167 escravos, hoje este numero está reduzido a 120. Contém, comtudo, o municipio, comprehendendo a ex missão do Jatapú e povoação de Sant'Anna do Uatumá o numero total de 3303 individuos. São livres 3223, e 80 escravos, pertencendo ao sexo masculino 1503 e ao feminino 1800; sendo nacionaes 3284 e estrangeiros 19. Occupando esta população 524 fogos e se bem que seja um dos municipios mais populosos apenas sabem ler, 302 individuos. O decrescimento da população tem sido grande; vestigios se notam por toda a parte. A industria extractiva da borracha, dahi tem tirado a maior parte da população, de maneira que hoje o municipio não tem lavoura, nem industria. Alguma mandioca, algum fumo, que plantam não chega para o consumo. Diminuta porção de peixe e de cacáo se exporta hoje, quando outr'ora, se exportava não só o peixe, como a farinha, o breu, o arroz, o algodão, o fumo, o cacáo e o café, em grande escala. Contava-se em 1829, 18900 pés de café e 26300 de cacáo, cujas ultimas plantações foram feitas em 1774. A falta de braços, junta a indolencia dos habitantes, faz com que um lugar que prosperou, e é abundante, seja hoje um dos mais famintos Apezar de mensalmente, tocar ahi um vapor, não ha prosperidade e apresenta-se a decadencia visivelmente. Conta comtudo este lugar já bons dous seculos de existencia! A franqueza que me caracterisa, não permitte

que occulte estas verdades. Mentir ao paiz nunca o farei.

A instrucção é derramada por duas escolas publicas e uma particular, sendo duas para o sexo masculino e uma para o feminino. Frequentam a escola publica do sexo masculino apenas 11 alumnos e a do feminino 10, emquanto que a particular é frequentada por mais de 30. Para ver-se a falta de instrucção que ha, basta comparar-se o numero de 3303, total dos habitantes, com o de 302, que é o dos que sabem ler; por isso a superstição e o fanatismo ainda ahi reina. Para confirmar isto, basta um exemplo, que não vi nem me consta haver-se dado em outra localidade nos nossos dias. No dia de finados, como fui testemunha, cobre-se o chão da capella mór da matriz, com um panno preto, onde se vê o emblema da religião, que serve para o *libera-me* e sobre o qual o povo deposita offerendas para as almas, dos seus parentes fallecidos. Pelos gostos que tinham estes na terra, assim fazem os vivos presentes. Uns levam alqueires de farinha; outros molhos de fumo; alguns aves; muitos, frutas e doces e a maior parte dinheiro. Se isto fosse para ser vendido e o producto applicado em missas, vá; mas, é para o sustento das almas!...... O dispenseiro é o Vigario.

Dão a essas offrendas, no seculo XIX, o nome de *tupana-putáua*, ou dizimo.

Traçando este ligeiro quadro, do estado actual, da villa de Silves, não é intenção minha offender o povo da localidade, a quem devo favores e muitas attenções, mas não quero occultar a chaga, porque então ficará sem remedio. Pintar com lindas côres, o seu estado, é fazer com que não mereça ella a attenção do governo, por julgar desnecessaria.

Tendo visto o seu estado actual corramos os olhos sobre as paginas de seu passado. A sua origem foi, como já tive occasião de dizer, uma povoação de indios Aruaquis, descidos do rio Uatumá, estabelecida na margem direita do rio Urubú, 15 leguas acima do lugar

em que está hoje, com o nome de Dapataru. Perseguida, pelos gentios que então habitava o alto Urubú, e pelos Muras, que vinham do Amazonas, procuraram os indios então refugio na ponta de terra firme fronteira á actual villa e abandonaram a primitiva povoação. Achando que a posição da ilha fronteira, chamada de Saracá, era mais conveniente pouco tempo depois passaram-se para ella e fizeram nova povoação, que teve então o nome de aldeia de Saracá. Estendia-se a povoação até o alto da ilha; dous terços mais do que occupa hoje, como se prova, com os vestigios que se encontram na mata, que envolve hoje o referido alto.

Pelo meiado do seculo XVI foi missionada pelos frades mercenarios, sendo esta a primeira missão que os mesmos fundaram. Por esse tempo, ahi se refugiaram alguns Aruaquis da missão do Uatumá, pelas causas que mais adiante apresentarei, e os da do Anibá, que fugiam da perseguição dos gentios que não achando mais ninguem em Dapaturu, chegaram-se até elles. Quando em 1662 houve o desastre de Arnaud Villela, já havia a missão. Prosperando esta o governador do Rio Negro, Joaquim de Mello Povoas, veio á missão, e no dia 7 de Março de 1859, (1) e em presença das

(1) Auto de Levantamento desta Aldeya de Saracá em Villa de Silves.—Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete sentos e cincoenta e nove aos sete dias do mez de Março do ditto anno nesta Aldeya de Saracá e praça publica d'ella aonde veyo o Senhor Governador desta Capitania Joaquim de Mello Povoas e sendo hay na mesma praça publica desta dita aldêá, segundo junto o povo della e mais officiaeas de Mellicias que se acharam presentes pelo dito Sr. governador foi dito que elle em observancia das ordens de sua magestade lhe erigir esta aldêa em villa, com o nome de Silves, e que elle assim o achava por creada, e logo no mesmo lugar fei levantado o pelourinho e por todo o povo dito por tres vezes: viva el-rei, á que tudo o dito fazer o dito senhor governador a mim escrivão este auto em que assignaram testemunhas que presente estavam o reverendo padre vizitador geral desta capitania, José Monteiro de Noronha, o reverendo missionario frei Francisco de Salles, o reverendo vigario frei Antonio Gonçalves. o ajudante Simão Coelho Peychor Lobo, o tenente Theodoro da Fronha, o capellão Felippe Abreu, JoséNunes, Manoel da Assumpção, o capitão Alexandre Ferreira das Neves, João de Oliveira, Francisco de Torres, o cabo de esquadra Bento José do Rego, o

autoridades e povo, na praça publica, elevou a mesma á villa, com o nome de Silves, erguendo-se logo um pelourinho ao som de vivas a el-rei. Era então missionario frei Francisco de Salles Sampaio. Compunha-se então a população de Pariquis, Barés, Bacunas, Comanis, Carahyahys, e de Aruaquis, que formavam o maior numero. Os Pariquis tinham descido do rio Jatapú e os outros de outros pontos do rio Amazonas. A população hodierna é quasi toda descendente de Aruaquis, em 2.ª e 3.ª geração; poucos descendem de Paraquis porque estes quando fundou-se a povoação do Jatapú, retiraram-se para lá com suas familias, como já vimos.

Pela revisão do codigo do processo criminal em 1833, perdeu a categoria de villa pela decadencia em que ia e passou a ser freguezia com o primitivo nome; depois porém de elevada o Amazonas á categoria de provincia, a resolução n. 4 de 21 de Outubro de 1852, elevou-a novamente á villa, com o mesmo nome que tinha perdido, o de Silves.

Pela carta regia de 3 de Março de 1775, tem a camara um patrimonio de quatro leguas em quadro.

A ilha de Saracá ou de Silves, é coberta por uma serrada floresta de nova apparição, onde abunda a *plumeria phagedenica*, o *côcos equatorialis*, o *astrocaryum gynacanthum*, *dalbergias* e *diocleœ*. Pelas praias que a circundam crescem *psidium*, *solanum*, *sp var*, *cissus*, *cra-*

principal Rafael Borralho, o principal Hilario da Gama, o principal Jacob Ferreira, o principal Ignacio Rolim de Souza Castro, Severo Carneiro, sargento mór, o capitão Raymundo Barbosa, e outros que tambem assignarão e eu Francisco Xavier de Andrade, escryvão que o escrivy.—(Assignados.)—Joaquim de Mello Povoas. —José Monteiro de Noronha.—Felippe Aurim.—Fr. Francisco de Salles Sampayo.—João de Oliveira Silva.—Antonio Gonçalves. —José Nunes Pereira.—Rymundo Barboza.—Marcos de × Pereira.—Ignacio de × Souza.—Simão Pereira Lobo.—Theodoro de Freitas.—Alexandre Ferreira das Neves.—Mánoel de Assunção. —Bento José do Rego.—Francisco Rodrigues Belchor de × do Rego.—Hillario de × da Gama.—Do sargento mór, Manoel × de Souza e Carmo.—Severo × Carneiro.—Raymundo × Barbosa.— Do capittão Lazaro da Costa Nunes.—Francisco Xavier de Andrade. Está conforme.—Serafim dos Anjos Penna Bolonha, escryvão por commissão do juiz de pás que o escrivy.—(A orthographia é do original.)

taeva, e pelos lugares roçados o *helyophitum indicum*, *cassia occidentalis*, *phlomis nepetifolia* e *petiveria*.

Do porto da villa, costeando-se para o N ainda o rio faz uma funda enseada, no fundo da qual desaguam os rios Sanabany e Atapany, que unindo a foz, formam o fundo da bacia. O primeiro é bastante largo pelas cheias, medindo apenas 15 a 20 metros, na vasante. Corre por debaixo da mata em terras baixas, que pela enchente fica um grande igapó. Margina a aba da serra *Uatá-pocú* (1) pela parte do S vindo de O o Atapany, que na foz é largo, estreita-se a seis metros, tendo porém um curso maior. Vem tambem de O e margina a mesma serra pela parte de N. Uma linda floresta estende-se pelas suas margens onde abunda a *geonoma acutiflora*. Ahi encontrei nas arvores debruçadas sobre o rio, lindos exemplares da *acacallis cyanea*, em flôr. Nas suas cabeceiras o *Œnocarpus Patauá*, por si só fecha parte da floresta. Algumas *utricularias* se encontram nos lugares em que ficam as aguas estagnadas.

Sahindo deste rio e costeando a margem de O, que é terra firme, encontra-se ahi o Igarapé-Murucutú, cujas nascentes são as mesmas do Caiauá, que desagua no Uatumá. Seguindo a mesma margem e dobrando a ponta grossa, quasi em frente á villa, para L sahe-se para a foz do rio. Logo adiante da ponta grossa fica a do *Urupany* ou do *Gavião*, defronte da qual sahe um braço ou furo que vem do Amazonas com o nome de *Pirá-mirim*, que desagua na margem direita. Seguindo o rumo de E N E, lança-se comtudo no Amazonas a L no paraná-mirim do Amazonas, vulgarmente chamado de Silves, até ahi, onde vindo de S E segue para N E. A luta que se nota na foz do Rio Negro, entre as aguas deste e as do Amazonas, tambem ahi se observa, porém em menor escala. Correndo ahi o Amazonas pela enchente, corta completamente ou oppõe-se

(1) *Uatá*-andar, *pocú*, comprido. Serra em que se anda muito.

na sua carreira, á sahida das aguas do Urubú, represando-as; emquanto que pela vasante, vence, sendo a força da corrente de ambos ahi iguaes, caminham a par; correndo pela margem esquerda as aguas do Urubú e pela direita as turvas do Amazonas.

No Paraná-mirim, que da foz para cima até a foz do Uatumá, tem o nome de Paraná do Uatumá, a natureza muda. A vegetação das margens indicam os terrenos amazonicos, pela sua não variada e constante repetição de especies. O *Astrocaryum murumurú*, proprio das margens do Amazonas, ahi cobre as margens, assim, como as *cecropias*, os *eriodendrum*, as *bombax*, a *salix martiana*, etc., que entrando o Urubú, não se encontram mais, a não ser na parte onde elle corre muito proximo ao rei dos rios. A differença das aguas e da vegetação, caracterisa bem a sua foz.

Subindo o Paraná, passa-se o furo Sucuriju, á esquerda que divide a grande ilha do Urubú, da da Paviana, que fórma a ponta e por onde penetra o Amazonas. Passando a foz do Urubú, o Paraná dirige-se para o N a 14 milhas ácima, recebe outro braço do Amazonas, e pela margem direita chamado Cucuiary. Na curva que faz depois para o S quatro milhas adiante, lança um furo para o Uatamá, denominado *Jaraucú*, que passa pelo lago do mesmo nome. Dirigindo-se depois para N N E lança outro braço a esquerda chamado Urucará, que a elle vai se unir outra vez pouco acima da povoação da Capella. A oito leguas pois abaixo da foz do Urubú, no mesmo Paraná, desagua o grandioso rio Uatamá, apresentando na sua foz, a mesma luta d'aguas. de que acima fallei.

O rio Uatamá, que do Jatapú, para a foz se dirige para S E d'ahi até a primeira cachoeira ou do Maximiano, corre para L e depois para S E. Não tendo passado além da ilha Uajará-uacá, nada posso dizer do curso superior do rio, a não ser por informações, mas como estas nem sempre são verdadeiras, deixo de dar noticia delle. Até Uajará-uacá, o rio recebe pela mar-

gem direita os rios Inajatyba e Caiauá e pela esquerda o Maripá, o Cabuacá e o Carauá-uacá. Para completar este rapido esboço do rio Urubú, apresento a relação dos canaes ou furos, que unem o Amazonas ao mesmo por ordem geographica.

1.° *Cana*, sahe do Amazonas no Paraná-mirim da Eva e entra no Urubú, ao S da maloca do Cana, no lago da Gloria, com seis leguas de extensão.

2.° *Santo Antonio*, 12 milhas abaixo deste, sahe do Amazonas abaixo da ilha Grande, proximo ao sitio do capitão Cerudo e entra no Urubú no mesmo Lago, por detraz da ilha de Santo Antonio, com 1 1/2 legua de extensão.

3.° *Cainaman*, sahe do Amazonas defronte da ilha da Trindade, proximo ao sitio do finado Trindade, e entra no Urubú cinco milhas abaixo do de Santo Antonio com 3/4 de legua.

4.° *Arauató*, entra defronte da ilha das Maqueiras e sahe sete milhas abaixo do Cainaman, com nove leguas de extensão.

5.° *Uixityba*, *Mirandyba*, *Aybu*, ou da *Trindade*, entra abaixo da ilha das Maqueiras e sahe no lago Aybu a 15 milhas abaixo do Arauató com seis leguas de extensão.

6.° *Carão*, entra defronte da ponta O da ilha Grande de Serpa e sahe no lago Canaçary a 28 milhas do Uixityba, com tres leguas de extensão.

7.° *Canaçary*, entra defronte da ilha Comandahy e sahe no lago Canaçary, a curta distancia do Carão, com uma legua de extensão.

8.° *Curuçá*, entra defronte da boca do Ramos abaixo da ponta N da ilha Ipunumá, e sahe no lago Curuçá, proximo do Canaçary, com 100 braças de extensão.

9.° *Pirá-mirim*, entra a 1 1/2 legua abaixo do Curuçá e sahe no Urubú, defronte da ponta do Gavião ou Urupanim, com 1 1/2 legua de extensão.

Pelo Amazonas distam:

1.° do 2.°, 8 milhas.

2.° do 3.°, 3 ditas.

3.º do 4.º, 34 ditas.
4.º do 5.º, 2 ditas.
5.º do 6.º, 4 ditas.
6.º do 7.º, 7 ditas.
7.º do 8.º, 8 ditas.
8.º do 9.º, 7 ditas.
Somma 79 milhas ou 26 leguas 1/3.

As principaes distancias do Rio Urubú são as seguintes:

Da foz á villa de Silves, 12 milhas.
De Silves ao Castanhal, 11 ditas.
Do Castanhal ao rio Anibá, 11 3/4 ditas.
Do Anibá ao rio Carú, 12 ditas.
Do Carú ao Aybu, 12 1/2 ditas.
Do Aybú á 1.ª Ext. Mal. Mura, 10 3/4 ditas.
Desta ao Arauató, 12 3/4 ditas.
Do Arauató á S. Raymundo, 12 1/4 ditas.
De S. Raymundo ao Cana, 8 3/4 ditas.
Do Cana á pedra Assentada, 22 1/3 ditas.
Da pedra Assentada á S. Pedro Nolasco, 20 ditas.
De S. Pedro ao L. Cordeiro, 28 1/3 ditas.
Do Cordeiro á Cach. da Conceição, 19 3/4 ditas.
Da Conceição ao Urubú-tinga, 25 1/4 ditas.
Do Urubú-tinga ás nascentes, 35 ditas.
Somma 253 5/6 ditas.

Curso total do rio, 361 ditas ou 120 leguas pouco mais ou menos.

A temperatura média do Alto Urubú é de 25.º C. no mez de Agosto, e a do baixo, é nos mezes de Setembro e Outubro 24.º chegando as vezes no alto a 34.º.

O maior furo ou canal, é o Arauató e o menor o Curuçá; que, pelo continuo desbarrancamento da margem do Amazonas, tem sido cavada de tal sorte que, do Amazonas, já por entre as embaubeiras que ahi ha, se avistam as terras alagadas do pretendido lago Curuçá (1.)

(1) Curuçá, cruz; pela circumstancia do espaço ahi alagado formar por entre as ilhas 4 braços em fórma de cruz.

O rio Jatapú, o maior e o mais rico affluente do Rio Uatumá, nasce da confluencia dos rios Carimany e Uassahy, vindo o primeiro de O e o segundo do N seguindo o Jatapú, sempre para S S O com grandes torcicolos. O seu curso é aproximadamente de 68 leguas, sendo 34 leguas navegavel, até por grandes vapores no tempo da enchente. As suas aguas, são côr de betume, resultado da mistura das aguas negras do Uassahy, com as barrentas do Carimany. Considerei o Jatapú desta confluencia para baixo, não só por causa da côr das aguas, como tambem por ahi formarem *barra*, com igual largura, volume d'agua e correnteza, os dous confluentes acima. Assim como o Tapajós é assim considerado da confluencia do Arinos e Juruena, assim poder-se-ha considerar o Jatapú. A não ser assim considerado, será o Carimany o braço principal pela circumstancia de pela enchente as suas aguas dominarem as do Uassahy, a ponto do Jatapú até a sua foz ter as aguas barrentas.

Os seus principaes affluentes na margem direita são: o Carimany, o Ticuan, o Arary, o Jaraqui, o Oroducú, o Capucapú e o Jocudè. Os mais volumosos são: o primeiro o quinto e o sexto. Na margem esquerda os mais notaveis são: o Uaucú e o Masquiui. No alto Jatapú as principaes cachoeiras, por ordem geographica, são: Carimany, Sunaman, Marcurian, (mergulhão), çuaçu (veado). Itá (pedra), Uacará (peixe), Arara, Castanha, sapucayaquara, (buraco de gallinha) Utáicuna, Dedeú, Catiry ou cachoeira D. Izabel, Tacaracachy, Crerupêde (terra preta) Jaraquy, Cachiry, Tangará, Guariba, Parauá (papagaio) Picapáo, Iui, (rã), Passarinho, Batata, Udidy, Uanamã-uassú (Castanha grande) Uanamã-mirim, Sapucaya castanha, Tamanduá, Coatá ou Orotó, Iauarité ou Cuiquichy (onça), Cururu ou Coary (sapo) e Oto-êra ou cachoeira grande.

As maiores são: a Cachoeira Grande, a do Picapáo, Cachiry e D. Izabel. A mais extensa a do Picapáo; a de maior corrente a do Cachiry e a Grande e de maior queda a de D. Izabel.

As principaes distancias em leguas do 20 ao grão no rio Uatumá são as seguintes:

Da foz do rio Uatumá ao rio Maripá 1 legua.

Do Maripá a Sant'Anna 2 ditas.

De Sant'Anna a foz do Jatapú 7 1/3, dita.

Somma 10 1/3 dita.

No rio Jatapú as principaes são:

Da foz á povoação, 1/3 de legua.

Da povoação a Maracárna, 1 1/2 dita.

De M. a Leandro-uaçú, 1 2/3 dita.

De L. A. a Cayucu, 1 1/4 dita.

De C. a Masquiui, 5 1/3 ditas.

De M. ao L. Puraquê cuara, 2 1/3 ditas.

Do P. ao lago Tuarary, 3 1/3 ditas.

Do T. as Barreiras (lago Uaucu), 3 1/3 ditas.

Das B. ao Ig. Jatoarãna, 5 ditas.

Do J. ao Jocodê, 4 1/3 de ditas.

Do Jacodê ao Capucapú, 1 dita.

Do C. á mina calcarea, 1 dita.

Da M. ao I. Japona, 1 1/2 dita.

Do J. ao Macauary, 2 1/2 ditas.

Do M. á Cachoeira Grande, 1/2 dita.

Do C. G. á da Onça, 200 metros.

Do O. á do Tamanduá e Coatá (correm parallelas), 500 ditos.

Do T. á Sapucaya, 1 legua.

Do S. ao Uanamã-uaçú e mirim (correm parallelas), 463 metros.

Do U. ao Udidy, 1.389 ditos.

Do U. a Batata, 926 ditos.

Do B. ao Passarinho, 1 legua e 463 metros.

Do P. ao Iui, 926 ditos.

Do Iui ao Picapáo, 1 legua.

Do P. a Papagaio, 1 dita.

Do P. a Guariba, 926 metros.

Do G. ao Tangará, 926 ditos.

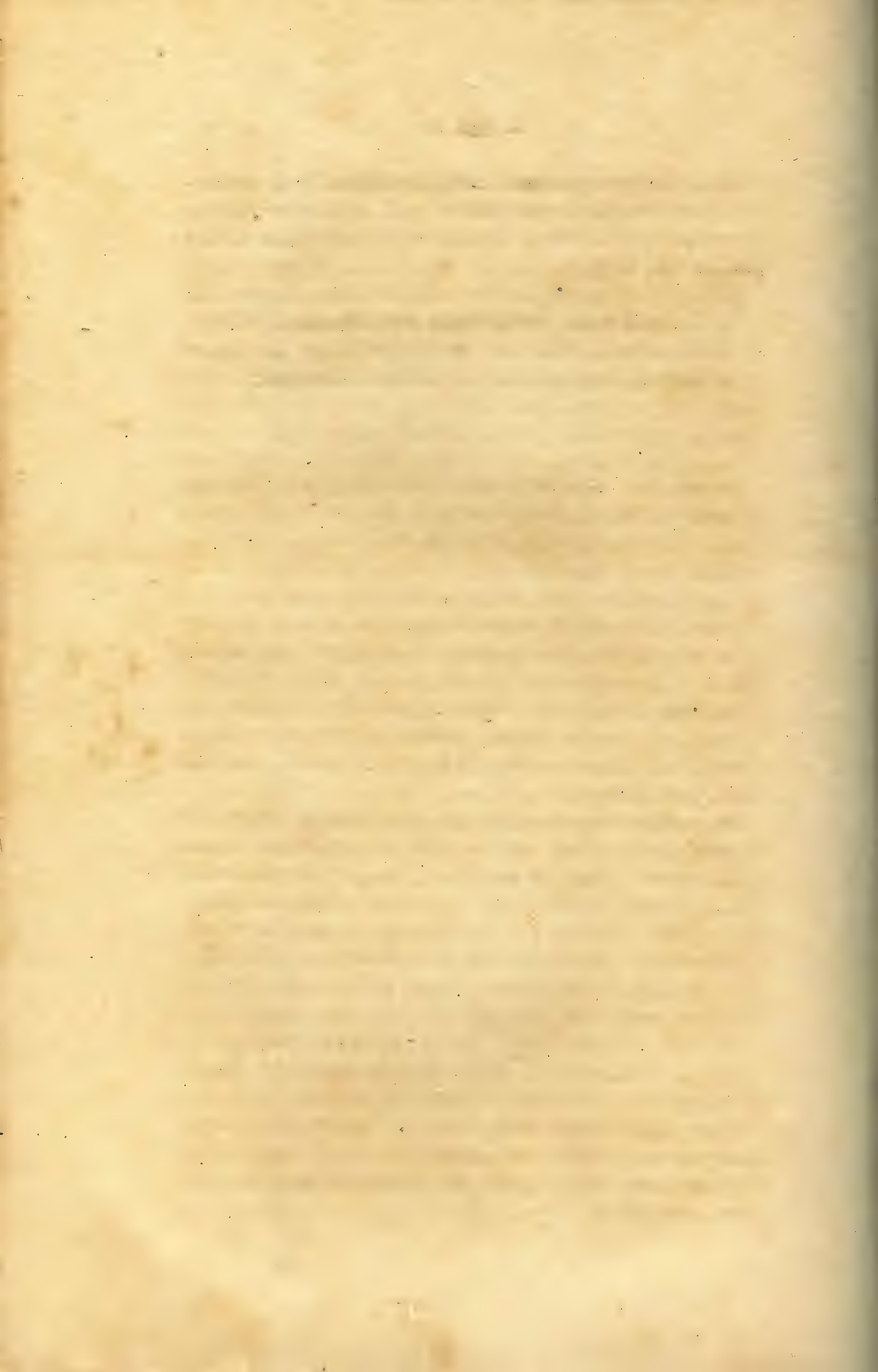
Do T. ao Cachiry, 1.852 ditos.

Do C. ao Jaraqui, 1 legua.

Do J. ao Crerupede, 2.778 metros.
Do C. ao Tacaracachy, 1.852 ditos.
Do T. ao Catiry, 2 leguas.
Somma, 48 leguas.
Do Catiry á barra do Carimany, 20 leguas.

Terminando aqui o meu trabalho, tenho a pedir a V. Ex. se digne desculpar as innumeras faltas que encontrar, devidas não só a pressa com que foi escripto, como tambem á minha acanhada intelligencia. Algumas considerações, podia expender, mas, resumindo-as direi, que todo o valle cortado pelos rios Urubú, Uatumá e Jatapú, é assás rico em productos naturaes, conservando-se porém, ainda no seu estado de virgindade. A lavoura que podia desenvolver as forças productivas da industria e do commercio, não existe. Os naturaes, no seu estado semi-selvagem, sem educação ou instrucção, vivem dos recursos que a natureza offerece, quasi sem nenhum esforço humano, pelo que a miseria por toda a parte se apresenta em toda a sua hediondez. Alguns indigenas, que pouco trabalham, não tiram proveito algum delle, que só serve para locupletar alguns patrões. As escolas publicas de um e outro sexo que existem em Silves, não preenchem o seu fim, não só pelo systema de ensino como pelo diminuto numero de alumnos porque são frequentadas. A educação religiosa, que eleva o homem a Deus, mostra os seus deveres na terra e estabelece as leis da moralidade, ahi não ha. A depravação de costumes se nota por toda a parte, e o unico meio que vejo para extirpar esse cancro que vai corroendo as almas innocentes dos indigenas é a divisão da freguezia, que é muito extensa: sendo a nova entregue a um padre de reconhecida moralidade e amor do proximo. Innumeras familias, só avistam o parocho de anno em anno, quando o mesmo vai, a pretexto de fazer uma festa, receber o suor do indio. Nascem, vivem e morrem esses infelizes, como se selvagens fossem, sem nenhum soccorro da religião. Os gentios que habitam as cabeceiras dos rios desceriam logo que houvesse um

parocho interessado pela cura das almas, e a civilização appareceria nesses pontos onde hoje as vistas do governo, a sua acção benefica e a administração de sua justiça não chegam.

Não querendo alongar mais este trabalho, peço ainda a V. Ex. que com a esclarecida intelligencia de V. Ex. se digne supprir os defeitos que porventura encontrar na leitura destas paginas. —*J. Barbosa Rodrigues*.

Artigo do noticiario do Diario do Grão Pará de 20 de Fevereiro de 1875.

Quando, escreveu-nos nosso illustre amigo Sr. Dr. João Barbosa Rodrigues, dirigi-me a S. Ex. o Sr. ministro da agricultura, depois da arriscada exploração do Urubú, ao tratar do curso deste rio e da sua constituição geologica, fiz ver que todo o terreno comprehendido entre o braço do Amazonas chamado Arauató e a actual foz do mesmo Urubú, era de alluvião moderna, que ainda hoje se alaga e que outr'ora não existia, devendo então o Amazonas passar pelo espaço comprehendido entre o Arauató e a villa de Silves, desaguando nesse tempo o rio em questão pouco acima do Arauató e o seu affluente Anibá mais abaixo.

Pela diminuição sensivel que têm tido as aguas do rio-mar elevaram-se os terrenos e formaram ilhas, cujos canaes depois se fecharam, ou só pela enchente dão passagens ás aguas do Amazonas. Demonstrando que o Urubú só tinha uma foz, que se commettia erros considerando o Arauató como desaguadouro do Urubú, como querem todos os autores que por informações escreveram sobre esse rio, fiz ver que ainda hoje existiam nove canaes (Cana, Santo Antonio, Cainamá, Arauató, Uixityba, Carão, Canaçary, Curuça e Pyrámirim) e não seis, como diziam os mesmos autores, mas que contribuem com aguas do Amazonas, para o augmento do volume do lago Saracá (rio Urubú) e não dão sahida em época alguma ás aguas negras deste rio para o Amazonas.

Tal era minha opinião baseada nos estudos a que procedi, quando inesperadamente veio-me ás mãos o *Mappa da capitania de Mato Grosso*, de que já dei noticia, e que confirma o meu juizo. Ainda no seculo passado apresentava-se o terreno como eu disse acima. Demonstra o *mappa* que então de S. José do Amatary ás barreiras hoje chamadas Carará-ucú, formava o Amazonas um vasto archipelago, que se lhe estendia pela margem esquerda, composto de nove ilhas, por entre as quaes largos canaes lavavam as aguas do Amazonas, que iam banhar as fraldas das serras agora denominadas Jaraquy e Uatá-pocú, que marginam a parte N do lago Saracá, de hoje, e ahi formava uma ampla bacia em que havia sete pequenas ilhas, na mais oriental das quaes ficava a aldeia Saracá.

A primeira, de que o referido mappa não dá a denominação, faz hoje parte do lugar — Amatary — e era separada da ilha do Matapy por um canal que é hoje o —Furo de Santo Antonio. Separava-a da ilha do Arauató o canal que hoje existe com esta denominação que tambem a dividia da do Aybú com o canal deste nome ou da Trindade. Nesta ilha ficava a aldeia Itaquatiara. Um outro canal, o Canaçary de hoje, distanciava a ilha Aybú de outra sem nome, que era separada da do Canacar por outro canal que já não existe. Seguiam-se-lhe immediatamente as ilhas Panema e Uretú, entre as quaes corria um largo canal que ainda hoje dá passagem a vapores e que chama-se Paraná-mirim de Silves; ahi desagua o rio Urubú. A esta segue-se a ilha Cacuar dividida em tres pelos furos Urucará e Cucuiary. A maior dellas era a do Aybú, defronte da qual desaguava o rio Anibá.

Estes canaes, considerando-se-lh'o pela escala do mappa que chega quasi a meia legua de largura, deviam então offerecer facilima navegação aos mais possantes barcos, até aos maiores vapores que hoje sulcam em todos os sentidos o rio-mar. A acção das aguas do Amazonas porém, fez desapparecer alguns e estreitou por tal

fórma outros, que só durante as enchentes podem navegal-os pequenas montarias, que pelo verão ficam totalmente seccos. Assim todo o archipelago não fórma hoje mais que uma vastissima ilha, limitada ao norte pelo rio Urubú, ao sul pelo Amazonas, ao oeste pelo Paraná de Silves (Amazonas) e a leste só no inverno, pelo Arauató. Depois de ter creado este novo terreno, vai o Amazonas destruil-o, em demanda de seu antigo leito, e antes que tenham-se passado alguns annos ha de a ilha de Silves estar outra vez no Amazonas. Os terrenos proximos ao furo Curuçà estão tão destruidos que é impossivel que uma ou duas grandes enchentes mais não consigam abrir passagem por ahi e unir o pretendido lago Saracá ao Amazonas.

Tendo encontrado a confirmação plena da opinião que baseava em estudos mais ou menos especulativos, escrevi esta noticia que serve de complemento á que dei ha tempos sobre o Urubú. Fui o primeiro que explorou este rio, e deve-se-me relevar que occupe-me com tudo quanto com elle tiver relação, mórmente tendo por fim fazel-o bem conhecido. Consta-me que hoje vai exploral-o o Sr. Conde Gaston de Rocheville, que, oxalá possa colher, na passagem que deixei franca, — até então ninguem se animára a subir este rio — os resultados que espera de seu trabalho o governo imperial.

PLANTA
DO
RIO URUBU
levantada por
J. BARBOSA RODRIGUES
Em Commissão do Governo Imperial
1875
RIO URUBU
Lith a Vapor de P. Robin, R. da Assemblea 44

15º
2º
3º
Ilha Vajará-uacá
Extincta Missão do Vatumá
Rio Yatapú
R. Cararà Cuara
Furo Ahguerê
R. Carih y
R. Jacaré cuara
Aldeiamento do Yatapú
Algodoal do Rei
Ponta do Bôto
RIO UATUMÁ
Rio Maripá
Sta Anna
(Indios Aruaquis)
Furo Tambaqui
Boa Vista
Paraná da Capella
Capella
Furo Urucara
Lago Jaráucú
Furo Cucuiary
Paraná do Vatumá
Ilha Urubu
SILVES
Serra Vata-poca
S. Jaraqui
RIO URUBU
Paraná de Silves
Papiana
L. Canhantan
L. Caruçá
L. Canaçary
Saracá
Ramos (Canal
RIO AMAZONAS
Furo Canaçary
Furo Carão
(Indios Muras)
Ilha Grande
SERPA

Parte do *Mappa da Capitania de Matto Grosso* a que se refere o Artigo

Lith: a vapor. P. Robin, Assembléa 44.

J. BARBOSA ROD. cop.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM